

Jessie Jane Vieira de Souza

**VALENTIM, O GUARDIÃO DA  
MEMÓRIA CIRCULISTA**  
(1957-1958)

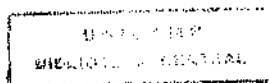
Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Departamento de HISTÓRIA do Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Campinas.

*Hall, Michael McDonald, 1941.*

Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em 14.12.92

*Michael M. Hall*

Campinas, Dezembro de 1992



## ÍNDICE

|   |         |
|---|---------|
| INTRODUÇÃO .....  | 01-10   |
| CAP. I DOUTRINA E TRADIÇÃO .....                            | 11-35   |
| CAP. II ANTICOMUNISTAS SEMPRE,<br>REAACIONÁRIOS NUNCA ..... | 37-68   |
| CAP. III VALENTIM,<br>O GUARDIÃO DA MEMÓRIA .....           | 69-101  |
| CAP. IV DO OFICIAL AO SAGRADO .....                         | 102-129 |
| CONCLUSÃO .....   | 131-134 |
| FONTES .....  | 135-141 |
| BIBLIOGRAFIA .....  | 142-151 |
| ANEXOS  |         |

## DEDICATÓRIA

***D**as aventuras insanas esta certamente foi a maior. E olha que foram muitas! Mas nesta, como em todas as outras, pude contar com o acolcho de amigos, sem os quais nada na vida é possível. A eles, a Arnaldo, Alfa, Antônio Carlos, Zenaide e Flavinho, este esforço.*

## AGRADECIMENTOS:

*Tenho consciência de que o resultado ora apresentado não faz jus às mil ajudas que recebi ao longo deste período. Foram tantas e tão fundamentais que receio ser injusta. Por isto meu carinho a todos aqueles que estiveram presentes neste caminho, particularmente aos professores Marco Aurélio Garcia, Cláudio Batalha e aqueles que, na banca de seleção ou em sala de aula, me permitiram ter o privilégio de partilhar fragmentos do trabalho acadêmico que vem sendo realizado na Unicamp.*

*Ao meu querido Michael Hall, orientador e amigo, pela paciência e generosidade, agradeço com a certeza de que o resultado está longe do esperado.*

*Não poderia esquecer nunca a amizade do Prof. Roberto Romano que me indicou caminhos para a leitura dos textos católicos. Agradecer por muito mais. E isto tenho certeza é o que faria D. Leta se ainda estivesse entre nós.*

*Agradeço à Betânia, colega e amiga, pelas leituras, sugestões e paciência.*

*Agradeço à turma de Cadernos do Terceiro Mundo: Kátia, Valdenir, Macário, Cláudia, Cléa e Juliana pelo "esquadrão voluntário", sem o qual já teria sido arquivada no emaranhado de textos e notas. Prometo melhorar!*

*Finalmente, gostaria de ressaltar que contei com o apoio das bolsas de mestrado do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) e, posteriormente, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).*

# INTRODUÇÃO

*"História gravada a ferro e fogo" — é, agora, também a bala.*

Estas são as últimas palavras com as quais Morel <sup>(1)</sup> termina sua tese de doutoramento, onde analisa, de forma cuidadosa, a construção da Companhia Siderúrgica Nacional e os termos sobre os quais a empresa constrói os marcos de valorização do trabalho a partir do discurso de engrandecimento nacional como signo do progresso, num período histórico onde o Estado brasileiro sofre todo um processo de redefinição <sup>(2)</sup>. Um Estado que, além de produzir a aço e as bases estruturais sobre as quais serão elaborados os projetos de industrialização do país, projeta um "novo tipo de trabalhador" <sup>(3)</sup> essencialmente nacional, pacífico, disciplinado, patriota e símbolo de uma família especial: a grande "família siderúrgica". <sup>(4)</sup>

Esta nova concepção, na CSN, busca nos símbolos da integração entre identidade de trabalhadores e empresa o fetiche de sua própria dominação. Porém, os mecanismos utilizados pela Companhia para construir essa íntima relação, sob a qual aparentemente afirma sua dominação no espaço fabril, são, ao longo dos anos, diferenciados.

A primeira fase, de 1941 a meados dos anos 50, caracteriza-se pela euforia e busca de um total controle através dos instrumentos políticos próprios de um Estado autoritário. <sup>(5)</sup>

A seleção e treinamento daqueles que seriam incorporados à produção do aço, na primeira etapa de operações da Usina, foram baseados na gestão paternalista da força de trabalho, onde a empresa buscava controlar todo o espaço social do trabalhador, isto é, desde o espaço fabril até a esfera das relações extrafabris.

Nesse período, a empresa tenta, através de mecanismos já utilizados em outras experiências manufatureiras, construir os laços que vão constituir o mito da "família siderúrgica" <sup>(6)</sup>, alicerçando sua imagem protetora, firmando-se como mãe e estruturando-se através de princípios de justiça, na tentativa de integrar aos seus símbolos o patrimônio cultural que os trabalhadores trazem de terras distantes.

Essa questão, ao longo dos anos, termina por apontar novas possibilidades de recusa e unificação por parte desses trabalhadores que, nessa perspectiva, constroem-se como coletivo, que, por sua vez, termina por forjá-los como sujeito coletivo <sup>(7)</sup>, na busca de diferentes estratégias de resistência e negação.

O período seguinte, de 1954 a meados dos anos 60, assinala o início da crise, vivida pela empresa até hoje, que acarreta profundas alterações na produção siderúrgica, refletindo as mudanças que estão ocorrendo no processo de industrialização e, conseqüentemente, reservando novos papéis às empresas públicas. <sup>(8)</sup>

Essas dificuldades, de caráter econômico-financeiro, ao serem aprofundadas geram a busca de produtividade a todo custo, numa tentativa de aumentar a margem de lucro. <sup>(9)</sup>

O espaço fabril sofre mudanças resultantes das inovações ocorridas no processo de trabalho, que terminam por impor diferentes conflitos na esfera da fábrica, particularmente na relação entre chefias e trabalhadores. <sup>(10)</sup> E, ao mesmo tempo, no plano político, acontecem redefinições nos laços corporativos que, até então, presidiam a relação entre trabalhadores e governos.

O movimento sindical em Volta Redonda formula novas propostas, conformadas, principalmente, pela ação dos comunistas, e que trazem, como conseqüência, a legitimação do Sindicato dos Metalúrgicos como um dos canais de expressão dos conflitos vividos no mundo fabril e extrafabril. Todavia, os comunistas, aliados a setores do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), não são os únicos atores na cena política; a presença católica deve ser incorporada à análise, como já o fizeram Ramalho <sup>(11)</sup> e Leite Lopes <sup>(12)</sup>.

Comunistas e católicos, estes últimos atuando principalmente através dos Círculos Operários, defendem pautas reivindicatórias marcadas por demandas referidas à aplicação de direitos e contra o domínio do arbítrio que marca a ação da CSN. <sup>(13)</sup>

Ao mesmo tempo o espaço urbano se torna mais complexo, impondo problemas que questionam o discurso da empresa. Surgem novos atores sociais na esfera urbana que se expressam no plano político, partidário e administrativo. <sup>(14)</sup>

Esses anos são marcados por dois períodos. Num primeiro momento, de meados dos anos 50 até 1964, a empresa procura sair da crise econômica, acentuada pelas pressões de grupos de consumidores privados de aço sobre o governo. São grupos que tentam controlar os preços dos produtos produzidos pela CSN. Pressão que se agrava pela concorrência da Cosipa e Usiminas. Além dessa crise, de controle de preços, há, ainda, maior presença do sindicato na defesa de aumentos salariais e outras reivindicações, tais como melhoria nas condições de vida e trabalho. A ação do sindicato se intensifica e se coloca para além do espaço fabril. <sup>(15)</sup> Essa talvez seja a característica específica do movimento sindical em Volta Redonda, cuja tradição está assentada no trato das questões urbanas.

É emblemático dessa afirmação a eleição, em 1988, do então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos para prefeito da cidade.

Após 1964, as dificuldades financeiras da CSN se acentuam. O controle dos preços e salários coloca as empresas públicas como meros instrumentos da política econômica atrelada aos interesses externos. Da mesma forma que os instrumentos políticos instituídos pelo Estado Novo possibilitaram a implantação da CSN, com seus métodos de gerenciamento de cunho paternalista, os instrumentos políticos autoritários gerados pelo golpe militar também marcam uma nova etapa na relação da CSN com os trabalhadores e a cidade de Volta Redonda.

Em 1967, as casas da Companhia são vendidas e caberá à prefeitura, daí para frente, a administração de todos os equipamentos urbanos.<sup>(16)</sup>

Em síntese, essa foi a história da CSN desde finais da década de 40, quando inicia sua produção, até a década de 60, com seu declínio como centro irradiador de novos significados no plano político-econômico e sindical. Foram períodos marcados por múltiplas ambigüidades.

As relações entre empresa e trabalhadores indicam a existência de um controle construído através de valores ligados à idéia de Nação, isto é, de "bem comum", "patriotismo" e "defesa nacional". Mas, para além das aparências, que sugerem dominação, expressa na mística da "mãe CSN", talvez possamos analisar esses mesmos valores reapropriados e reinventados, como falas e atitudes de resistência nas lutas por direitos. Lutas que marcaram a história dos trabalhadores da CSN, mesmo que durante 40 anos não tenham realizado uma única greve.<sup>(17)</sup>

Mas que esta não é a única medida para que as lutas dos trabalhadores possam ser avaliadas.

Que a experiência de ser trabalhador na CSN marcou a ferro e fogo gerações de "soldados do aço", os fatos estão aí a confirmar, quase que plagiando o próprio tenente-coronel Macedo Soares que dizia:

*"Não tenho dúvidas de que aqueles que puseram uma pedra em Volta Redonda se lembrarão disso no futuro com grande contentamento e repetirão com enorme júbilo a seus filhos..."* <sup>(18)</sup>

Porém, apesar dessas falas, que parecem querer fundir CSN e trabalhadores como se fossem uma só personagem, esses homens sobreviveram também às balas e forjaram suas lembranças na heterogeneidade e diferenciação de quem viveu experiências múltiplas no plano social.

A presença católica imediatamente se impõe a todos aqueles que tomam contato direto com a realidade política de Volta Redonda. É uma presença marcante e, numa avaliação apresada, definidora. Os agentes pastorais estão presentes em todos os espaços, inclusive nos partidários já que, o Partido dos Trabalhadores (PT) é, em Volta Redonda, essencialmente um partido clerical.

Portanto, procurar a *práxis* católica naquela realidade tornou-se imperioso para quem, como eu, conviveu longe e dramaticamente no interior da luta político-sindical daquela cidade-fábrica.

Procurar a *práxis* católica no interior da classe trabalhadora de Volta Redonda foi uma imposição que nasceu da necessidade de articular a realidade presente com a leitura das fontes, orais e escritas. A preocupação que me levou a elas nasceu da necessidade de tentar apreender como os trabalhadores da CSN se constituíram enquanto sujeito coletivo e indivíduos portadores de múltiplas vivências anteriores. Nasceu da necessidade de entender, para tentar desvendar, os mistérios de tanto autoritarismo e intolerância.

Busca-se essa constituição no espaço das novas relações sociais surgidas do processo de trabalho instituído pela empresa em colaboração com outros agentes sociais, que como coad-

juvantes ou opositores estão presentes naquele processo histórico. Busca-se, sobretudo, os católicos através do Círculo Operário. Porque esta entidade teve presença marcante na vida de um grande contingente de trabalhadores através de diferentes instrumentos político-pedagógicos que objetivavam construir, em colaboração com o Estado, o novo trabalhador brasileiro.

Entraremos no universo circulista pelas mãos de Valentim Marques dos Santos. Essa personagem nos parece significativa da proposta circulista porque ao longo do seu relato podemos apreender a constituição de discurso circulista e sua aplicação na realidade fabril e extra-fabril em Volta Redonda.

Enfim, procura-se caminhar em busca destes trabalhadores, de como vivenciaram sua cultura e a incorporaram às idéias contidas na chamada doutrina social, expressas na intervenção político-educativa da Igreja católica, cuja presença, como já afirmei, se mostra marcante no material empírico, nas lembranças de velhos metalúrgicos e, sobretudo, na realidade política de hoje.

Este trabalho tem como finalidade, portanto, estudar a política social da Igreja católica em Volta Redonda, durante o período de 1946 a 1958, através das lembranças do fundador do Círculo, Sr. Valentim, apontado por seus velhos companheiros como o guardião da memória circulista. Nosso corte temporal também diz respeito à história dessa personagem, que em 1958 se afasta da entidade e submerge.

O Círculo corporifica a forma católica hierárquica de intervenção junto ao operariado local. A Igreja católica, conforme relatórios da própria Diocese referentes às décadas de 40 e 50, tem toda a sua estrutura material montada pela Companhia Siderúrgica Nacional e estrutura-se política e materialmente para ser um dos coadjuvantes do projeto de dominação do Estado a ser realizado através dessa empresa.

Em tais relatórios, a relação de "ajuda mútua" entre a hierarquia eclesiástica e a direção da empresa é afirmada e defendida em nome do desenvolvimento e do progresso. Sobre isso nos fala D. Agnello Rossi, bispo da Diocese de Barra do Piraí, em carta ao general Edmundo Macedo Soares, então presidente da CSN:

*"(...) A fim de que se possa concretizar a aspiração da atual diretoria da CSN de que Volta Redonda seja também sede de Bispado, com vantagens incalculáveis de ordem social, educacional, moral e religiosa para a cidade do aço e sem ferir as prerrogativas de Barra do Piraí... solicitar ... as seguintes medidas: 1) que seja ordenada a transferência por escritura de doação à Mitra Diocesana de Barra de Piraí, dos terrenos escolhidos, por acordo entre a Exma. Diretoria da CSN, o Exmo. Sr. Núncio Apostólico e o Bispo Diocesano; a saber, a área junto à praça Brasil, entre as ruas... e a projetada na rua... para a Presidência Episcopal. 2)... o desejável: a construção digna, sóbria e moderna, como convém à catedral de Volta Redonda, encontra-se no anteprojeto uma catedral de aço e uma Volta Redonda..." (19)*

Uma evidente relação se estabelece trazendo à Igreja vantagens materiais, muito embora os seus interesses não se confundam com os da empresa, conforme esse relatório de D. Agnello:

*" (...) depois de muita expectativa foi nomeado presidente da CSN o Dr. João Kubischek de Figueiredo, até então vice-presidente da mesma: pessoa digna, de boa formação católica e entusiasta da idéia de dotar Volta Redonda de sede episcopal... nesse dia 9, foram inaugurados a Escola Paroquial S. Carlos do Conforto e o Ginásio do Círculo Operário... providenciamos nesse período a vinda das Missionárias de Jesus*



*Crucificado, que fundaram o Centro Social N. Sra. das Graças com tão bons resultados que hoje todo o serviço social da CSN passou para a direção das mesmas... pleiteamos junto do Revmo. Pe. Geral da Companhia a criação de uma residência jesuítica, na cidade, como Centro Social, para a formação social cristã do operariado... Estamos também reorganizando o Círculo Operário..." (20)*

Enuncia-se de forma clara aquilo que nosso guardião nos dirá a respeito das mudanças ocorridas no Círculo a partir de 1958 e que motivaram sua saída do órgão. A partir desses anos, com o aprofundamento da crise econômico-financeira e do crescimento da capacidade reivindicatória dos trabalhadores, a empresa busca estreitar seus laços com a hierarquia católica e esta, por sua vez, aproveita-se dessa conjuntura para estabelecer sua infra-estrutura e projetar-se como defensora do desenvolvimento e da ordem. Assume plenamente seu papel disciplinador. Aparentemente, essa foi a relação vigente até o golpe militar de 1964. (21)

Portanto, esse é o objeto de análise e pesquisa, através do qual se pretende apontar a possibilidade de que a Igreja católica, pelas mãos do Círculo Operário, tenha desempenhado papéis significativos no processo de constituição da identidade cultural daqueles trabalhadores. E senso comum, em Volta Redonda, identificar a Igreja como sendo um dos poderes e, como tal, "aprisionando a consciência" (22) de parcelas dos trabalhadores. Costuma-se dizer, nos discursos políticos (23), que àquela Igreja pertence a representação metalúrgica e contra quem outras forças devem se bater.

Há um absoluto silêncio a respeito da relação histórica existente entre a CSN e a Igreja e, sobretudo, a respeito do Círculo Operário, organização fundada pela hierarquia para intervir no espaço sindical e fabril.

Todavia, ao buscar a história do Círculo Operário em Volta Redonda, encontrou-se uma vigorosa organização católica, que se interpunha a outras forças políticas presentes no espaço sindical, fabril e urbano. Uma organização que tentava trazer para si o monopólio da representação dos trabalhadores e que concorria com os comunistas e petebistas. (24) Essa história do Círculo Operário sinaliza a existência de um tempo em que a Igreja católica local já buscava construir-se enquanto alternativa para o movimento social.

Nas lembranças do Sr. Valentim descortina-se a possibilidade de buscar-se o sentido da ação disciplinadora da empresa, do sindicato, da Igreja como resultantes da confluência de vários caminhos e a incerteza de vários futuros. São pistas através das quais se deseja buscar as múltiplas possibilidades apontadas na construção das diferentes concepções sobre o trabalho e, em torno das quais, aqueles atores sociais, os trabalhadores chamados "Soldados do Ação", constituir-se-ão ao longo do tempo.

A centralidade deste trabalho assenta-se na chamada doutrina social e com esta foi incorporada na *práxis* do Círculo Operário de Volta Redonda. Buscou-se também indicar como essa entidade se relacionou com outros atores presentes àquela cena política.

Partiu-se da hipótese de que a Igreja católica, através de um corpo doutrinário consubstanciado na sua doutrina social e na sua *práxis*, enquanto ator teológico e político (25), desempenhou papéis sociais através do circulismo.

No primeiro capítulo, buscar-se-á sistematizar, em linhas gerais, a formulação doutrinária que o catolicismo fez sobre o papel do trabalho, incorporando a essa construção sua tradição secular.

Nossa premissa é a de que a Igreja católica é uma instituição secular que se move no tempo, incorporando, a cada movimento, sua própria tradição com sentido de permanência. Pensar essa instituição na sua relação com a classe trabalhadora e, sobretudo, buscar seus projetos de intervenção junto aos setores organizados dessa classe significa buscar no tempo as diversas concepções teológicas e filosóficas formuladas no seu interior e a partir das quais seus projetos políticos são concebidos. (26)

Definimos a Igreja como sendo uma instituição permanente, que se pensa e se quer como tal. Dessa maneira, tentaremos resumidamente recuperar, no tempo, sua tradição consubstanciada nos princípios doutrinários através dos quais ela enfrenta a questão social. (27)

No segundo capítulo, buscaremos demonstrar a constituição dos Círculos Operários como "*modus operandi*", através do qual a hierarquia católica institui seu próprio espaço no movimento social e, principalmente, no movimento operário. Nossa apreensão dos Círculos incorpora a possibilidade de que os mesmos representem a tradução da doutrina, através de ações político-educativas, vocação primeira da *práxis* católica ao longo dos séculos. (28)

No terceiro capítulo, apresentar-se-á o guardião da memória circulista em Volta Redonda, buscando nas suas lembranças os sinais da formação católica e sua recuperação, no tempo, da experiência vivida. (29)

Procuramos também demonstrar, através das sendas da memória, a ação político-educativa do Círculo de Volta Redonda e como ele se constitui, frente aos seus opositores, no espaço sindical e urbano. Buscaremos igualmente a natureza das relações que o Círculo estabelece, ao longo do tempo, com a CSN. (30)

O quarto e último capítulo recupera fragmentos da disputa entre católicos e comunistas e como eles se portam diante das questões colocadas no cotidiano operário.

Através das lembranças, adormecidas pelo tempo e reavivadas pelos documentos que sobraram dos escombros da ditadura instaurada em 1964, (31) procuramos recuperar os desejos, sonhos e lutas vividas pelos trabalhadores da CSN. Se conseguiremos é outra história.

## NOTAS

1. MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A ferro e fogo: construção e crise da "família siderúrgica"; O caso de Volta Redonda*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP / Departamento de Ciências Políticas, 1989. mimeo.

*Obras que contêm a discussão sobre o processo de industrialização no Brasil, o papel do Estado e os interesses que forjaram a Companhia Siderúrgica Nacional.*

2. MELLO, João Manoel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. 6 ed. São Paulo. Brasiliense. 1967

DINIZ, Eli. O Estado Novo: estrutura de poder, relações de classes. In: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil Republicano*. 1983, *História Geral da Civilização Brasileira*, t.3, 3v.

DRAIBE, Sonia. *Rumos e metamorfoses: Estado e industrialização no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

IVANNI, Otávio. *Estado e planejamento econômico no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977

SOLA, Lourdes. O golpe de 37, e o Estado Novo. In: MOTTA, Carlos Guilherme (org.) *Brasil em perspectiva*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.

TRONCA, Ítalo. O exército e a industrialização, entre as armas e Volta Redonda (1930-1942). In: FAUSTO, B. (org.) *O Brasil Republicano*, São Paulo, Difel, 1983. HCGB, 2 ed., T.3, 3v

BAER, Werner. *Siderurgia e desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970. Obra consultada sobre questões relativas ao setor siderúrgico.

3. GOMES, Angela Maria Castro. O redescobrimento do Brasil. In: LIPPI, Lúcia (org.). *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas, Papirus / Unicamp, 1985.

4. MOREL, Regina Lúcia de Moraes, op. cit.

5. DINIZ, Eli, op. cit..

General Edmundo Macedo Soares e Silva, em entrevista a um jornal, 9 de abril, em agosto de 1987, reproduz esse pensamento:

"(...) com a iminência de reabertura do Congresso, Getúlio Vargas recomendou que o projeto fosse tocado o mais rápido possível: 'com o Congresso não faremos nunca esta obra. Cada Estado vai querer reivindicar para si o empreendimento', recomendava Vargas".

6. A política de gestão da força de trabalho assumida pela CSN assemelha-se ao paternalismo definido por Perrot, Michelle em: "The ages of industrial discipline in nineteenth-century France" in MERRIMAN, J.M.(org.) *Consciousness and class experience in nineteenth-century Europe*. New York, Holmes y Meier Publishers, 1979. Nesse texto Perrot assinala três características que qualificam as relações paternalistas:

a. Presença física e visível do patrão no espaço fabril;

b. Relação de trabalho concebida sob modelo familiar, o que permite a identificação do patrão como pai;

c. Inexistência de uma adesão e aceitação por parte dos trabalhadores das regras da empresa.

Quanto ao modelo assumido pela CSN, que de resto é comum no setor siderúrgico, foi centrado no controle sobre a reprodução da mão-de-obra, através de planos assistenciais e construção de moradias. E, como empresa estatal, a CSN, além de fixar sua mão-de-obra no local, buscou reforçar laços corporativos entre os trabalhadores e ela, enquanto representante do Estado.

7. SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena; experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo*. 1970.1980. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. Conceito utilizado pelo autor na referida obra.

8. DAIN, Sulamis. Empresa estatal e política econômica no Brasil. In: MARTINS, Carlos Estevam (org.). *Estado e capitais no Brasil*. São Paulo, Hucitec/Cebrap, 1977.

O discurso nacionalista, expressando ideário de progresso, não se sustenta a partir daí.

Para esse autor, a crise já se evidencia em meados dos anos 50, com o Plano de Metas estruturando a industrialização de nova maneira, o que exige mais produtividade e investimentos.

A partir daí a CSN terá sua autonomia reduzida.

9. MOREL, Regina Lúcia de Moraes, op. cit.

10. Idem.

11. RAMALHO, José Ricardo - *Estado patrão e luta operária: conflitos de classe na Fábrica Nacional de Motores*. Tese de Doutorado, SP, USP, 1990

12. LOPES, José Sérgio Leite - *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1986.

13. Morel, op.cit

14. Lutas por moradia e participação nos lucros são exemplos de reivindicação comuns a católicos e comunistas em Círculos Operários.

15. SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral. *Lutas urbanas em uma cidade: o caso de Volta Redonda*. Projeto de pesquisa. Rio de Janeiro, UFRJ, 1989. mimeo.

16. Idem.

17. A primeira greve foi em 1983, quando os trabalhadores assumiram o controle da usina durante 5 dias. Contudo, ainda não aconteceu uma única greve que parasse todo o complexo CSN.
18. SOARES, Edmundo Macedo Gal. *O Lingote*. n.39, 25/10/1954, p.3-4.
19. Relatórios de D. Agnello Rossi, bispo de Barra do Piraí. in Livro de Tombo nº 1, da Diocese de Barra do Piraí. IN Biblioteca da Diocese de Volta Redonda
20. D. Agnello Rossi e a CSN: expansão da diocese. *Arigó, o pássaro que veio de longe*. Volta Redonda, Revista do Centro de Memória Sindical, 1989, p.63.
21. *Idem*.
22. Expressão usada por ex-torneiro, militante comunista. Entrevista a Jessie Jane, maio/1989.
23. Daqueles que compõem o são opositores do Partido dos Trabalhadores ou da CUT (Central Única dos Trabalhadores).
24. SOUZA, Jessie Jane Vieira de. Os comunistas como força política. *Arigó, o pássaro que veio de longe*. Volta Redonda, Revista do Centro de Memória Sindical, 1989. p.37-73.
- 25 ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado; crítica do populismo católico*. São Paulo, Kairos, 1979. *Igreja Católica e política no Brasil 1916-1985*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.
26. ADAM, Karl, *A essência do catolicismo*. Petrópolis, Vozes, 1942.  
CALVÉZ, J.. *El pensamiento de Karl Marx*. Madrid, Taurus, 2v, 1985.  
MAYER, Arno J.. *Dinâmica na contra-revolução na Europa 1870- 1956*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. Coleção O Mundo Hoje, 18v.  
ROGER, L.J. (cord.). *Nova história da Igreja*. Petrópolis, Vozes, 1975., 1 e 6v.
27. LAMENNAIS, F. "De la religion considerée dans ses rapports avec l'ordre politique"; "Paroles d'un croyant". In: *Deuvres*, Genève, Editions du milieu du Monde, s.d., p.29-297.  
DONOSOS CORTÉS, Juan. *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo, considerados en sus principios fundamentados*. Madrid, Calpe/Coll. Austral, 1973.
28. RAMIREZ, Hugo. *A obra dos Círculos Operários e situação social no Brasil*. Rio de Janeiro. Modelo, 1958.  
MANUAL DO ATIVISTA SINDICAL. São Paulo, Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, 1964.  
SCHNEIDER, José Odelso. O operariado brasileiro e os Círculos Operários. *Síntese política econômica social*. Rio de Janeiro, ano VIII, 25(7-9): 49- 65, 1965.

## INTRODUÇÃO

---

Monismo Sindicalista. In: *A Ordem*. Ano X, 4v (nova série), 1931, p. 323

29. Apresentação realizada através de entrevistas à Jessie Jane e da leitura de Atas do Círculo Operário de Volta Redonda.

30. Pesquisa realizada: Círculo Operário de Volta Redonda;  
Federação Fluminense dos Círculos Operários;  
Confederação Nacional dos Círculos Operários;  
Entrevistas com ex-circulistas, comunistas e apresentados em geral;  
Imprensa da empresa.

31. Com muitas dificuldades foi possível recuperar uma parte substancial da documentação histórica do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda. Mas, por várias razões, não foi possível tratar dessa documentação, o que hoje está sendo realizado pela Unicamp, a quem cabe guardar e zelar por aquela história.

### *A- Um Século de Ação Social* <sup>(1)</sup>

**E**ste foi o tema da Campanha da Fraternidade do ano de 1991, definida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) como sendo "(...) a oportunidade de encarar nossa vocação humana e cristã como uma das dimensões mais fundamentais e marcantes da vida..."<sup>(2)</sup> Nessa introdução os bispos brasileiros definiram a importância que a temática do trabalho assume na cultura católica: "(...) De Deus recebemos o dom e o dever do trabalho..."<sup>(3)</sup> E apontam a essência teológica da questão:

*"(...) Em seu peso e dificuldade experimentamos a marca inicial do pecado, marca que se alastrou e aprofundou na organização social do trabalho, causando exploração da pessoa, miséria e desumanização..."* <sup>(4)</sup>

Ao definirem a quem a campanha se dirige, sugerem a maneira como a Igreja instrumentaliza seu conceito de classe:

*"(...) se dirige a todos porque experimentamos a presença da tentação do pecado e de suas conseqüências em nossa experiência de trabalho ..."* <sup>(5)</sup>

Ao escolher este tema, a Igreja católica do Brasil celebra<sup>(6)</sup> o centenário da carta encíclica "Rerum Novarum" (das Realidades Novas), do Papa Leão XIII, promulgada em 1891. Essa encíclica foi o primeiro "(...) alerta profético do magistério pontifício sobre a situação dos operários..."<sup>(7)</sup> Desde então tem sido a mais importante reflexão teológico-política sobre as conseqüências da sociedade industrial sobre a vida dos trabalhadores. Para a CNBB, o conteúdo da "Rerum Novarum" torna-se atual porque:

*"(...) Cem anos após, possamos todos avançar em direção às novas realidades, novas posturas, novas condições que expressem a presença redentora do Senhor da história no mundo do trabalho..."* <sup>(8)</sup>

A Igreja, há séculos, tem se colocado junto aos trabalhadores como portadora da presença redentora e, como tal, vivificada a partir das modificações conciliares que trouxeram, como questões nucleares, princípios que nos remetem à Bíblia, a partir da qual todas as encíclicas são elaboradas.

O fundamental a ser retido é o caráter doutrinário das encíclicas, do pensamento em si, que expressa o permanente interesse pela manutenção da ortodoxia. E, nessa perspectiva, a grande tarefa tem sido a formação, qualificada na Igreja e desqualificada nas organizações desvinculadas da institucionalidade católica. A doutrina, formulada pelo poder eclesiástico, é o lugar social a partir do qual a Igreja se dirige aos excluídos.

No Brasil o trabalho de recristianização da sociedade tomou vulto a partir dos anos 20 com a revista "A Ordem" e o Centro D. Vital, centros irradiadores dos projetos da hierarquia que, por sua vez, buscou construir mecanismos internos à Igreja que possibilitasse sua unidade de ação interna e externa.

A partir dos anos 30, com a chamada Renovação Católica, as iniciativas de organização do laicato conheceram diferentes possibilidades e nos anos 50, com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a hierarquia eclesiástica passou a se colocar racionalmente como centro unitário e irradiador de poder.

Os Círculos Operários ocuparam lugar específico nesta tarefa porque foram essencialmente espaços de expansão da doutrina que:

*"(...) não ficou encerrada no gabinete dos sábios. Ela foi irradiada por todos os meios de divulgação".(9)*

Portanto, a hierarquia aponta para a possibilidade de "uma aliança com as classes populares" dentro de uma concepção já enunciada pelo padre Júlio Maria nos primeiros anos da República. Só que essa aliança buscou mobilizar esses setores sociais para atingir os propósitos do aparelho eclesiástico e não necessariamente para responder aos anseios daqueles setores.

A hierarquia estabelece sua estratégia para expandir a doutrina católica e, para tanto, elegem como contraponto, as "doutrinas exóticas" ou "estranhas".

Nesta contraposição formulam sua política de expansão e recristianização, onde os princípios doutrinários essenciais são aqueles referentes à concepção bíblica do trabalho:

*"(...) constitui uma dimensão fundamental da existência do homem sobre a Terra..."(10)*

Essa concepção indica a vocação humana para o trabalho como obra complementar à ação de Deus, porque juntos podem transformar o mundo num lugar acolhedor para viver-se e louvar a Deus.

A leitura bíblica sobre o trabalho também o afirma como criação da história ao introduzir Javé como aquele que salvou o povo de Israel da escravidão:

*"(...) eu porei minha lei no seu seio e escreverei em seu coração. Assim falou Deus..."(11)*

Todavia, a organização do mundo, segundo o projeto de Deus, foi desintegrada pela via do trabalho, porque neste penetrou o pecado e a morte. Esse aspecto negativo do trabalho resultou na opressão do pobre pela ganância do lucro e da acumulação.

Novamente a experiência do trabalho escravo vivida pelo povo hebreu é recuperada para mostrar que os opressores justificam sua opressão em nome dos seus deuses. E, para fazer com que o povo refletisse sobre o caráter violento desses deuses, no primeiro capítulo do Gênesis, Deus é apresentado como aquele que trabalha. Isso para o afirmar, frente aos dominadores, como trabalhador.



Essa tradição de Deus trabalhador se constitui numa simbiose de Deus com o trabalhador. Impõe-se a mística que edifica a fé.

Por outro lado, a evocação ao trabalho, como algo essencial à natureza humana, é o que coloca o Homem como ser especial frente aos outros seres vivos. Os homens não apenas vivem sobre a Terra, porque herdeiros da força de Deus Criador, como enfrentam o trabalho, de onde tiram o seu sustento, como uma experiência dolorosa. Dor que atinge milhões que vivem na miséria, porque o pecado, ao penetrar no trabalho, o reduz à sua dimensão de suor e sangue.

*"(...) Os maus mudam a demarcação da terra, roubam os rebanhos e apascentam-nos, apoderam-se do jumento, dos órfãos e tomam como penhor o boi da viúva..." (12)*

Essa figuração bíblica parece refletir doutrinariamente um conceito de trabalho e acumulação onde a riqueza, conseguida às custas do trabalho de outrem, é apresentada como o pecado introduzido no trabalho. Por outro lado, a acumulação de bens se justifica quando referida à noção de bem comum:

*"(...) Pois bem, agora vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que estão para vos sobrevir. A vossa riqueza apodreceu e as vossas vestes estão carcomidas pelas traças. O vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados e a sua ferrugem testemunhará contra vós..." (13)*

Estas são palavras de Tiago, que anuncia o juízo de Deus sobre a ganância que gera acumulação e, conseqüentemente, a miséria das multidões.

A miserabilidade do povo é denunciada como "pecado social", no sentido bíblico e teológico, isto é, como idolatria materialista e rejeição do Deus trabalhador. A Igreja reconhece que esta situação, que nega direitos elementares às multidões, é a violência que atinge a dignidade dos filhos de Deus.

## *B - Encíclicas Papais*

A "Rerum Novarum", datada de 1891, é a mais importante referência teológico-política a respeito da chamada "questão social" sobre a qual os católicos se debruçaram ao longo deste século.

O Papa Leão XIII, ao convocar os doutores da Igreja para elaborarem este documento, pretendeu dialogar com os dois maiores inimigos que os católicos enfrentaram no século XIX e que têm enfrentado no século XX, quais sejam, o liberalismo e o socialismo então emergente. Antes da "Rerum Novarum" Roma não havia emitido nenhuma palavra específica sobre a questão operária e do trabalho fabril. Não havia, portanto, enfrentado o debate sobre as conseqüências do mundo moderno sobre a vida daqueles cuja defesa a Igreja se apresenta como fiel representante. Até então a disputa havia sido travada pela manutenção do poder da Igreja sobre o Estado, questão posta pelo liberalismo com seus Estados laicos instaurados na Europa, a partir do final do século XVIII. (14)

Essa encíclica elabora suas contendas num diálogo crítico com o socialismo e o liberalismo e ao fazê-lo elege dificuldades, quais sejam: *"(...) nem é fácil de resolver, nem isento de perigo. É difícil efetivamente precisar com exatidão os direitos e os deveres..." (15)* Inicia por atacar aquilo que

considera o mais grave: "(...) não poucas vezes homens turbulentos e astuciosos procuraram desvirtuar-lhe o sentido e aproveitam-no para excitar as multidões e fomentar desordens..."<sup>(16)</sup> A questão da ordem evidencia-se, portanto, como o problema central ao afirmar: "(...) todo o princípio e sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas... os trabalhadores... sem defesa têm-se visto à mercê..."<sup>(17)</sup>

Paradoxalmente a Igreja termina por assumir, indiretamente, o conflito oriundo das desigualdades naturais geradas pela existência da propriedade privada. Tanto que ela produz todo um esforço institucional e político para escamotear esses conflitos, inclusive negando-os insistentemente.

Outro aspecto importante, talvez essencial, na "Rerum Novarum" é a permanente recorrência à natureza como fonte de legitimação dos princípios católicos. Nessa perspectiva a propriedade privada e a desigualdade entre os homens tornam-se naturais, o que impossibilita a construção de uma sociedade igualitária. E seus defensores, os socialistas, são apresentados como aqueles que distorcem a natureza imposta por Deus, sendo, portanto, contra a vontade divina e, conseqüentemente, inimigos da Igreja. O diálogo é ríspido e afirmativo quanto aos postulados católicos.

A Igreja, fiel ao seu papel de mantenedora da paz social, investe na definição dos direitos e deveres dos agentes sociais propondo:

*"(...) um corpo de preceitos mais completo, porque ambiciona estreitar a união das duas classes até as unir uma à outra por laços de uma verdadeira amizade..."* (18)

Esse "corpo de preceitos" nada mais é do que um conjunto de propostas quanto à elaboração de leis sociais e sob a organização dos trabalhadores. Porém, mesmo sugerindo tais propostas, reafirma que as leis civis não podem substituir a autoridade da Igreja porque

*"(...) só a Igreja possui essa virtude, porque não se pode hauri-la senão no Sagrado..."* (19)

A função do Estado e dos governantes é a de unirem-se à Igreja na sua missão caritativa. O Estado tem que olhar para todos e os governantes devem observar rigorosamente as leis da justiça e proteger

*"(...) a comunidade a quem a natureza deu poder soberano..."* (20)

A Igreja assume para si dois importantes papéis, quais sejam, o de disciplinarização e o de agente de ação social como parte de sua estratégia de harmonia social, única resposta que consegue gerar para o conflito. Uma profunda contradição já que só há a busca de harmonia para aquilo que não está harmônico. Portanto, é uma proposta que traz em si sua própria negação. Nessa configuração de papéis pode tornar elucidativo o conteúdo que a "Rerum Novarum" atribui à greve:

*"(...) se sucede que os operários, abandonando ou suspendendo o trabalho por greves, ameaçam a tranqüilidade pública; que os laços naturais da família afrouxam entre os trabalhadores, que se calcé o pé da religião dos operários, não facilitando o cumprimento dos seus deveres para com Deus..."* (21)

Evidencia-se a importância que a Igreja atribui ao seu papel disciplinador, admitindo, inclusive, que o Estado utilize sua força coercitiva para fazer com que as leis sejam cumpridas. Leis que garantam a ordem natural no sentido único do cumprimento do dever. E como garantir os direitos dos que trabalham? Para estes, só resta a caridade nascida na Igreja e exercida pelos que detêm a propriedade.

Para a Igreja, a sociedade é um corpo cujos membros têm que ser mantidos integralmente sadios, estando a necessidade da manutenção da ordem referida à saúde deste corpo social. É nesse contexto que o trabalho da mulher e das crianças é apresentado: "(...) não deve entrar na oficina senão depois que a idade tenha desenvolvido... as forças físicas, intelectuais e morais..." (22) A fábrica é apresentada como espaço de

*"(...) promiscuidade dos sexos e outras excitações ao vício... um perigo para a moralidade..." (23)*

A partir do direito natural, diferentes concepções sobre o trabalho vão sendo criadas firmando o seu enquadramento moral, isto é, garantindo a verdade católica que nega à mulher, à criança e aos despossuídos o direito a esta propriedade que é naturalmente de uns poucos. É o enquadramento do trabalho na moral católica.

Podemos afirmar que a "Rerum Novarum" apresenta-se, sobretudo, como um libelo a favor da ordem e do papel que a Igreja se propõe a desempenhar, como agente de disciplinarização da sociedade do trabalho.

Quanto às organizações operárias, a encíclica defende sua necessidade e as define como associação de socorro mútuo. Afirma também que a utilidade dessas corporações deve ser restrita aos seus membros, que o Estado não pode intervir no seu funcionamento porque sua existência tem direito natural. (24) Todavia essa autonomia não deve contrapor-se às questões de segurança do Estado e que, neste caso, o uso da força coercitiva torna-se legítima.

A encíclica alerta ainda para a multiplicação das associações operárias com caráter estranho ao cristianismo e aconselha os trabalhadores cristãos a criarem suas próprias organizações. Pela primeira vez, Roma convoca o laicato a assumir, junto com o clero, uma missão evangelizadora e adverte quanto ao objetivo que deve nortear essas organizações católicas:

*"(...) o aperfeiçoamento moral e religioso; é principalmente este fim que deve regular toda a economia dessas sociedades... Guie-se o operário ao culto de Deus, inicie-se nele o espírito de piedade... Aprenda ele a amar e a respeitar a Igreja..." (25)*

Um aspecto importante a ser retido na formulação católica é a sua afirmação do caráter cristão das leis e da justiça:

*" (...) que a massa comum seja administrada com integridade e que determine previamente, pelo grau de indigência de cada um dos membros, a quantidade de socorro a conceber-lhes; que os direitos e os deveres dos patrões sejam perfeitamente conciliados com os direitos e deveres dos operários..." (26)*

Nessa concepção, onde os litígios sociais devem ser regulados por leis que garantam o direito ao trabalho, defende-se um fundo de reserva que assegure a velhice dos trabalhadores e permita aos fracos a subsistência, isto é, leis sociais e previdenciárias que garantam a harmonia social.

Por fim, a "Rerum Novarum" afirma que a Igreja exige "(...) a restauração dos costumes cristãos; sem ela, os meios sugeridos pela prudência humana... serão pouco aptos para produzirem salutareos resultados..." (27) A Igreja assume sua ação como obra de caridade cristã.

Em 1931, o Papa Pio XI publica a "Quadragesimo Anno" que traz novo impulso aos princípios enunciados pela "Rerum Novarum". Essa encíclica oferece um balanço do que havia

sido conseguido de positivo a partir da "Rerum Novarum" e analisa as mudanças ocorridas na sociedade capitalista e socialista desde então e atualiza as questões colocadas pela "Rerum Novarum":

1 - Denuncia a concentração e monopolização do capital

*"(...) É coisa manifesta que em nossos tempos não se amontoam riquezas, mais se concentra um poder imenso e um verdadeiro despotismo econômico nas mãos de uns poucos ..."*(28)

As conseqüências de tal concentração econômica e de poder é, no entender do Papa, a morte da livre concorrência e a conseqüente ditadura econômica.

2 - Constata a evolução do socialismo e sua versão comunista e rejeita as duas formas:

*"(...) Não podem conciliar-se com a doutrina católica, pois concebem a sociedade de modo completamente avesso à verdade cristã..."*(29)

A grande novidade contida na "Quadragesimo Anno" diz respeito à organização operária ali analisada do ponto de vista do corporativismo fascista:

*"(...) Recentemente iniciou-se, como todos sabem, uma nova organização sindical e corporativa... o Estado reconheceu juridicamente o 'sindicato', dando-lhe porém caráter de monopólio, já que só ele, assim reconhecido, pode representar respectivamente operários e patrões, só ele pode conduzir contratos e pactos de trabalho. A inscrição do sindicato é facultativa e só neste sentido se pode dizer que a organização sindical é livre..."*(30)

A "Quadragesimo Anno" reafirma os princípios da "Rerum Novarum", mas agrega um novo elemento surgido no espaço social e político europeu: a ideologia fascista italiana (1921) no exercício do poder. Dessa realidade ressalta outros aspectos do projeto católico que se mostra dependente da liberdade outorgada pelo Estado à sociedade civil. O autoritarismo recoloca o corporativismo sob novas roupagens, mas sem a autonomia proposta pela "Rerum Novarum".

Com a sociedade liberal em crise tornava-se impossível a convivência, numa mesma corporação, entre operários e empresários. E, por outro lado, as corporações só de trabalhadores acabavam por se tornar independentes e identificadas com os socialistas. Evidenciava-se nas corporações o sentimento anticapitalista, o que questionava as propostas comunitaristas da Igreja.

Neste contexto a "Quadragesimo Anno" situa-se tentando recolocar os laços que organicamente solidarizavam capital e trabalho, eliminando rupturas. Propõe um comunitarismo, marcando uma nova leitura da sociedade moderna a ser fundada na co-participação, na co-gestão e na participação dos trabalhadores nos lucros das empresas. O direito, agora, deveria desempenhar um papel integrador entre as diferentes classes sociais, reconduzindo o indivíduo à cena e com o sindicalismo autônomo. Porém essa autonomia deveria visar ao bem comum e sujeitar-se ao império da lei. Outra questão importante colocada pelo Estado fascista em relação às corporações católicas foi aquela que permitia ao Estado integrar as corporações e, de forma secular, realizar propostas sociais.

A "Quadragesimo Anno" teve imensa repercussão no Brasil já que nossa legislação trabalhista baseou-se na Carta Del Lavoro, sobre a qual discorreu Pio XI ao falar sobre o corporativismo fascista.

A Igreja brasileira, no início dos anos 30, propunha uma organização sindical autônoma mas colaborou efetivamente na elaboração da legislação social e sindical do Estado Novo.

O primeiro consultor do Ministério do Trabalho, Oliveira Vianna, formou sua equipe com jovens advogados católicos e sobre isto nos fala padre Brentano:

*"(...) Com a Revolução de 1930 a legislação e organização social tiveram um surto inesperado e maravilhoso. É interessante notar a analogia que há entre a situação que em 1891 deu origem à 'Rerum Novarum' e a que reinava no Brasil, por ocasião da Revolução Outubrina. Ia-se nessa época acentuando o problema social entre nós, que é devido ao maior desenvolvimento da indústria após a guerra de 1914, quer pela crise econômica então reinante, quer devido à intensa propaganda e organização do comunismo. Semelhante inquietação e agitação, semelhante hesitação com respeito às medidas a tomar, indicavam a gravidade do problema. Vitoriosa a revolução, a par dos programas de ordem política e econômica para reconstrução do país, apareceram as correntes mais diversas (...)" (31)*

Esse diagnóstico é partilhado pelo próprio Oliveira Vianna em conferência realizada no Departamento de Imprensa e Propaganda, em 1940:

*"(...) O movimento revolucionário que se vinha processando através de fracassos desde 1922 e que culminara com a vitória de 24 de outubro de 1930, trouxera, entre as correntes ideológicas desencontradas, que trabalhavam em seu seio, uma que se caracterizava por uma preocupação muito mais acentuada com a reforma social..."*

*Foi na doutrina e no programa social da encíclica 'Rerum Novarum' e demais encíclicas dos Papas, como se evidencia da nossa legislação social, onde encontramos uma comprovada influência da doutrina social das encíclicas..." (32)*

Aí está, portanto, o nível de interação que havia entre os postulados católicos e as propostas que sustentaram a legislação social brasileira. Sobre essa identidade também nos fala Alceu Amoroso Lima:

*"(...) Eu distinguia perfeitamente no Estado Novo, aquilo que me parecia socialmente acertado daquilo que julgava politicamente errado. Repassando os acontecimentos daqueles anos percebo nitidamente que o povo, em virtude do atendimento de muitas de suas reivindicações no campo social, depositava suas esperanças em um sistema político fascistizante. Resumindo, esta foi minha posição: fora da política partidária (como presidente da Ação Católica Brasileira) contra o Estado Novo em relação ao seu autoritarismo e ao seu conservadorismo e concordando com o Estado Novo através de sua política social..." (33)*

A "Quadragesimo Anno" trouxe enorme aporte doutrinário aos católicos brasileiros nas décadas de 30, 40 e 50. Entretanto, num ponto o alinhamento com Roma não se fez facilmente: naquele que dizia respeito à liberdade e autonomia sindical. Esta polêmica havia sido enfrentada na Constituinte de 1934, onde a Igreja insere o Artigo 120:

*"Os sindicatos e as associações profissionais serão reconhecidas de conformidade com a lei", parágrafo único: "A lei assegura a pluralidade sindical e a completa autonomia dos sindicatos."*

A Igreja se lança ao trabalho para estender sua presença no meio operário. É nesse contexto que os Círculos Operários são assumidos pela hierarquia.

Porém, a partir de 1935, quando se instala o estado de sítio a Igreja recua internamente na defesa do pluralismo sindical. A 10 de novembro de 1937 a nova Constituição liquida com a pluralidade e autonomia sindical.

A Igreja se retrai e define sua função no campo religioso, espiritual e educacional aparentemente desistindo de construir sua hegemonia através de um sindicalismo católico.

Porém, essa questão será retomada pelos católicos nos anos posteriores.

O pontificado de Pio XII não produziu nenhuma encíclica. Em 1941, em plena guerra, o Papa, em homenagem ao 50º aniversário da "Rerum Novarum", em sua 14ª mensagem radiofônica, ressaltou o justo uso dos bens materiais em relação à família e ao trabalho:

*"(...) entre todos os bens que podem ser objeto da propriedade particular nenhum é mais importante à natureza, segundo a doutrina da 'Rerum Novarum', do que o terreno de casa onde habita a família e cujos frutos tira total ou parcialmente com que viver. E é, segundo o espírito da 'Rerum Novarum', afirmar que de regra, só a estabilidade enraizada no terreno próprio da paz da família, a célula vital mais perfeita e fecunda da sociedade". (34)*

É preciso ressaltar que Pio XII reafirma a família como célula *mater* da sociedade em plena Segunda Guerra Mundial, momento em que a questão da reprodução da vida se colocara de modo definitivo. Aliás, nos anos pós-guerra, a questão da habitação será agudamente colocada nas pautas circulistas.

Com o Papa João XXIII, a doutrina social da Igreja recebe novo impulso. Em 1961 o Papa promulga a encíclica "Mater et magistra" onde o tema da justiça e da participação se coloca como problema fundamental. Essa encíclica afirma que a fixação do salário não pode ser deixada à livre concorrência nem ao arbítrio dos poderosos.

*"(...) os trabalhadores devem receber um salário que seja suficiente para que tenham uma vida digna e possam sustentar a sua família..." (35)*

Aí reside, segundo essa encíclica, o sentido de justiça:

*"(...) a justiça exige que as riquezas produzidas sejam repartidas equitativamente entre todos os cidadãos..." (36)*

Quanto à participação, a "Mater et Magistra" prega a necessidade de:

*"(...) assegurar aos trabalhadores um papel ativo no funcionamento da empresa onde estão empregados, seja ela pública ou privada..." (37)*

Essa encíclica dá especial atenção ao homem rural e traz como princípio o homem tido como causa e o fim de todas as coisas.

O Papa João XXIII promulga ainda, em 1963, a encíclica "Pacem in Terris", trazendo como tema a paz entre as nações e reafirmando o trabalho como um direito econômico e social de todos os homens. Constata uma gradual ascensão econômico-social das classes trabalhadoras.

O Concílio Vaticano II, em 1965, elabora a encíclica "Gaudium et Spes" onde a constituição pastoral da Igreja no mundo é repensada. Nessa encíclica há apenas um capítulo dedicado à vida econômico-social, onde o homem é tratado como o autor e o fim de toda a vida. É uma análise elaborada a partir do trabalho que:

*"(...) se exerce na produção e comércio de bens ou na prestação de serviços econômicos... todo o conjunto da produção deve adaptar-se às necessidades da pessoa e às modalidades de sua vida..." (38)*

No que se refere à organização dos trabalhadores a "Gaudium et Spes" diz que é:

*"(...) direito dos trabalhadores de fundarem livremente associações sem perigo de represálias... se promovê a participação ativa de todos na gestão das empresas." (39)*

Em 1967, o Papa Paulo VI promulga a encíclica "Populorum Progressio" que pode ser considerada uma ampliação da encíclica anterior, no que diz respeito ao capítulo sobre a vida econômico-social. Essa encíclica conclama os católicos a tomarem à frente dos problemas sócio-econômicos vividos no Terceiro Mundo. Condena o capitalismo liberal por transformar

*"(...) o lucro em motor essencial do progresso econômico, a concorrência como lei suprema da economia, a propriedade privada dos bens de produção como um direito absoluto, sem limites, sem obrigações sociais, correspondentes..." (40)*

Quanto ao trabalho destaca, novamente, sua dimensão humana, seu caráter criador e a necessidade de que no seu exercício o homem possa agir livre e inteligentemente.

Esse mesmo Papa, em 1971, ao celebrar os 80 anos da encíclica "Rerum Novarum" promulga a "Octogesima Adveniens", cuja temática central se circunscreve às novas questões colocadas por um mundo em transformação. Reafirma que

*"(...) todo homem tem direito ao trabalho, à possibilidade de desenvolver as suas próprias qualidades e sua personalidade no exercício da profissão abraçada, direito a uma remuneração equitativa que lhe permita, a ele e a sua família, cultivar uma vida digna no aspecto material, social, cultural e espiritual e direito à assistência em caso de necessidade, quer esta seja proveniente da doença ou da vida..." (41)*

É um fato importante: reconhece o direito à greve e o papel dos sindicatos.

Outra grande novidade é o reconhecimento papal do papel a ser exercido pela política:

*"(...) a política é uma maneira exigente de viver o compromisso cristão a serviço dos outros..." (42)*

Em 1981, para celebrar os 90 anos da "Rerum Novarum", o Papa João Paulo II publica a "Laborem Exercens", cujo tema central é o trabalho humano:

*"(...) desejo dedicar o presente documento ao trabalho humano e desejo ainda mais dedicá-lo ao homem visto no amplo contexto dessa realidade que é o trabalho... o trabalho humano é a chave essencial de toda a questão social..." (43)*

Essa encíclica distingue o trabalho no sentido objetivo, visto como técnica, do sentido subjetivo visto como pessoa humana que é o sujeito que trabalha. Nesta perspectiva o Papa afirma o primado da pessoa humana sobre as coisas, do trabalho sobre o capital. E para superar o conflito, entre capital e trabalho, a Igreja propõe a prioridade do trabalho sobre o capital, o que significa o primado

da pessoa sobre as coisas. Dessa maneira, do fundamental dever do homem de trabalhar corresponde o fundamental direito do homem ao trabalho. Quanto à organização sindical afirma:

*"(...) é um expoente na luta pela justiça social"*(44)

Essa encíclica, que recorre à expressão *"evangelho do trabalho"*, aponta

*"(...) elementos para uma espiritualidade do trabalho..."*(45) que se apega na experiência do trabalho de Jesus e retoma os princípios bíblicos.

*"(...)Esta verdade, segundo a qual o homem mediante o trabalho participa da obra do próprio Deus, seu criador... se a experiência do trabalho é o ponto de partida do anúncio de Jesus ela não é acidental nem visa, apenas, a valorizar o trabalho. É algo muito mais profundo; pois a eloquência da vida de Cristo é inequívoca: ela pertence ao mundo do trabalho."*(46)

Em 1987 o Papa João Paulo II, em homenagem ao 20º aniversário da *"Populorum Progressio"* promulgou a encíclica *"Sollicitudines Rei Socialis"*, onde o mundo é analisado sob o ponto de vista do desenvolvimento econômico-social, onde o fenômeno do desemprego se coloca de forma nunca dantes vista. Essa encíclica denuncia a avidez dos lucros e a sede de poder que vitima nações e blocos de países e prega a solidariedade entre os povos.

Ao longo deste século de ação social é possível afirmar que todo o seu fundamento recai nos princípios bíblicos enunciados pela *"Rerum Novarum"*. Foi a *"Rerum Novarum"* que sistematizou doutrinariamente todo o saber acumulado pela Igreja e o colocou como uma plataforma político-teológica a ser executada mundialmente através do aparelho eclesiástico e pelos movimentos laicos. É possível perceber, a cada nova encíclica, que a concepção fundamental do trabalho, aquele que o concebe na sua dupla significação como suor-sangue e, ao mesmo tempo, redentor porque implementa a obra de Deus sobre a Terra, permanece inalterada. Assim como também é a mesma a concepção sobre os conflitos gerados na relação capital-trabalho. Mesmo quando admite o direito à greve, a Igreja o faz na busca da harmonia, apenas concebe ao trabalho um novo instrumento de salvaguarda. A concepção de uma sociedade que vive do trabalho – e isto é fundamental para esta Igreja que busca capturar as classes trabalhadoras – é essencial porque coloca a própria imagem de Jesus carpinteiro como símbolo dessa simbiose entre o catolicismo e a igualdade no trabalho. Essa seria sua legitimidade como única e verdadeira representante do povo trabalhador no plano temporal e espiritual.

Através das diferentes encíclicas sociais podemos apreender como esta Igreja milenar se move no tempo com sentido de permanência. Ela recupera a cada nova conjuntura sua tradição doutrinária e a recoloca de maneira a torná-la instrumento da forma católica hierárquica de intervenção junto aos trabalhadores e a sociedade. O trabalho, como expressão divina e criação da história, é a própria expressão da colaboração do homem com Deus sendo, portanto, a mais acabada expressão da Igreja como única representante de Deus na Terra. Nessa perspectiva o homem tomando-se co-autor da obra de Deus só pode ser representado pela Igreja católica, o *locus* do divino sobre a terra.

No Brasil toda esta trajetória histórica e doutrinária da Igreja trará reflexo impactante sobre os movimentos sociais onde a presença pastoral dos católicos se afirma ao longo das décadas. Após os anos 30, quando a Igreja brasileira formula políticas que buscam recolocá-las nos



espaços perdidos, em 1891, junto ao Estado, aos poucos vão se instituir diferentes estratégias de intervenção junto ao proletariado urbano e, após os anos 50, às massas rurais.

Finalmente, a "Rerum Novarum" tem sido, ao longo deste século, apreendida e reelaborada por vários papas que a adequaram às diferentes realidades temporais; mas sempre o fizeram com o sentido de permanência e tradição que caracteriza a ação doutrinária da Igreja. Mesmo aquele considerado como o maior inovador da Igreja neste século, João XXIII, ao pronunciar-se, reafirmou os princípios sobre os quais Leão XIII colocava a Igreja no plano temporal.

A importância atribuída pelos bispos brasileiros à comemoração dos cem anos da "Rerum Novarum" se inscreve nessa tradição.<sup>(47)</sup>

### C - Império da Lei <sup>(48)</sup>

Para os católicos brasileiros, a história dos trabalhadores funda-se na sua origem rural e no caráter repressivo do Estado. Assinalam ainda a ausência de uma legislação trabalhista que pudesse ter sido: "O instrumento de diálogo menos desigual entre operários e patrões..."<sup>(49)</sup> A essa realidade estrutural somou-se a heterogeneidade de atitudes e expectativas do próprio operariado que teve, ao longo do tempo, sua capacidade reivindicatória limitada diante de um patronato impermeável às demandas trabalhistas.

Todavia, se de um lado os trabalhadores não chegavam a constituir-se numa força política, por outro, o patronato achava-se fortalecido por um sistema alicerçado na lógica da autoridade definida a partir do Estado. Portanto, autoridade e submissão definiam-se em função do papel exercido pelas classes dominantes e reproduzido em todas as esferas da vida social.

Seria este o cenário no qual eclodiram os primeiros conflitos sociais entre os anos de 1903, 1917 e 1929. A realidade cotidiana dos operários fora marcada pelas péssimas condições de vida e trabalho o que, no limite, havia gerado aqueles conflitos que terminaram por impor ao patronato a necessidade de negociações.

Partindo da idéia de justiça, como norma de relações sociais, os católicos colocam-se como reformadores sociais porque portadores de uma moral baseada no trabalho, que deveria reger a sociedade. Com esse pressuposto recuperam sua própria ação no campo sindical, previdenciário e trabalhista.

No campo da Previdência Social coube às entidades particulares e, sobretudo, às religiosas, as primeiras iniciativas.<sup>(50)</sup> Também no campo da legislação social as iniciativas religiosas se fizeram presente no período de 1903 a 1907, quando o católico Carlos Alberto Menezes levou ao Congresso as primeiras leis sindicais.<sup>(51)</sup>

Somente após 1930 essa realidade começou a mudar por causa dos interesses da própria burguesia ou de alguns setores desta.<sup>(52)</sup> A primeira posição adotada pelos católicos frente ao governo que se instala em 1930 é de expectativa, já que os compromissos que ligavam a Igreja ao antigo poder parecem ter sido profundos.<sup>(53)</sup> Após a Constituição de 1934, que contemplou importantes reivindicações católicas referentes a reformas sociais e jurídicas, é que as relações com

o novo bloco no poder são restabelecidas.<sup>(54)</sup>

### D – A Igreja e os trabalhadores

As primeiras formas de associações desenvolvidas pelos trabalhadores no Brasil foram as sociedades de socorro mútuo e objetivavam a desenvolver funções que seriam do Estado no campo da seguridade social e educacional. Eram organizações formadas por corporações e seus recursos vinham da contribuição dos associados. Seguiam um modelo europeu de organização.<sup>(55)</sup>

Havia também as organizações de caráter filantrópico, voltadas para a caridade cristã. Eram as confrarias religiosas que reuniam comerciantes e homens abastados que, sob a égide de uma irmandade, desenvolviam um trabalho caritativo e, ao mesmo tempo, social e político já que estas confrarias se transformaram em verdadeiros impérios. É demonstrativo deste poder as confrarias ligadas à Ordem Terceira da Providência.

Há uma multiplicidade de organizações que buscavam ter presença junto aos trabalhadores e de todos aqueles esquecidos pela sorte, já que o Estado liberal considerava a seguridade social como sendo do domínio da iniciativa privada.<sup>(56)</sup>

A Igreja durante os primeiros anos da República articula algumas organizações no seio dos trabalhadores, particularmente em São Paulo e no Nordeste.

Em 1899, em São Paulo, já funciona um centro dos operários católicos.<sup>(57)</sup> Desde 1907 funciona, no Brás, o centro operário metropolitano. Em 1919 funciona o círculo operário São João Batista, o círculo da Penha, da Lapa, do Belém, da Mooca, do Pari. Há notícias quanto à existência destes círculos no interior de São Paulo.

No Recife há núcleos ativos e operários católicos e uma imprensa católica circulando.<sup>(58)</sup>

A literatura circulista sobre a participação católica na organização dos trabalhadores na Primeira República assinala a influência da "Rerum Novarum" na organização de núcleos sociais em Pernambuco pelas mãos dos empresários católicos Carlos Alberto Menezes e Joaquim Inácio da Tosta.

Outros autores<sup>(59)</sup> assinalam a presença católica e a qualificam como "amarela", isto é, uma presença que se contrapunha às correntes anarquistas e socialistas que, por sua vez, hegemonizavam o movimento da época.

Há pouca pesquisa sobre a atuação católica em todas as épocas da República, mas o silêncio é quase absoluto para os primeiros tempos. De qualquer forma é possível nos apercebermos do papel conciliatório que os católicos exerciam, já que toda a imprensa operária traduz um caráter nitidamente anticlerical. É certo que esse anticlericalismo reflete uma herança das lutas operárias da Itália, Portugal e Espanha, mas indica também a luta travada pelos católicos contra os anarquistas e socialistas.

A partir da "Rerum Novarum" Roma pressiona para que a Igreja se comprometa com as questões operárias. A Pastoral Coletiva de 1915 traça um verdadeiro programa de trabalho:

"(...) recomendamos... o cuidado e a direção dos operários, e a defesa dos seus direitos..."<sup>(60)</sup> Mas para a hierarquia brasileira a questão a ser ressaltada é quanto à direção dos operários pelo clero e não a defesa de seus direitos.

De qualquer forma a questão operária está colocada na ordem das prioridades. É uma população que cresce e se concentra. O censo de 1920 indica a existência de 13.336 estabelecimentos industriais, com 275.512 operários.

Em 1940 o número dessas indústrias será de 275.512 estabelecimentos e a população operária sobe para 781.185. Sendo que o Rio de Janeiro, em 1929, conta com 93.325 operários e São Paulo com 148.376 nesta mesma data.<sup>(61)</sup>

À questão, portanto, se coloca de maneira a não deixar dúvidas ao clero quanto à necessidade de uma ação no sentido de ganhar espaço junto a essa população para orientá-la.

De qualquer forma não há nestes anos uma política planejada pela Igreja. Mesmo porque essa Igreja, por conta dos mecanismos herdados do padroado, não está estruturada nacionalmente nem do ponto de vista material e nem hierárquico. Só a partir dos anos 20, com a chamada Reação Católica, a Igreja vai iniciar este processo de construção interna que se completará nos anos 50 com a organização da CNBB.

O Estado brasileiro já na década de 20, por força do Tratado de Versalhes, buscava elaborar as primeiras leis trabalhistas, amparando o trabalhador contra acidentes de trabalho<sup>(62)</sup>, instituindo caixa de aposentadorias e pensões para os ferroviários<sup>(63)</sup> e criando o conselho nacional do trabalho<sup>(64)</sup>. O ano de 1929 é marcado pela lei de férias, código de trabalho dos menores e as caixas de seguro.

Após 1930 a questão operária acirra-se. O Ministério do Trabalho é criado.<sup>(65)</sup>

Nesta fase a Igreja terá papéis relevantes já que com a repressão instaurada em 1930, com o conseqüente afastamento das lideranças anarquistas, comunistas e socialistas abre-se um vazio que favorece os católicos.

Vários fatores favoreciam a Igreja, dentre eles o decreto que estabelecia o sindicato único e o concebia como "para-choque entre as tendências conflitivas nas relações entre capital e trabalho".<sup>(66)</sup>

Havia também o decreto segundo o qual para tornar-se dirigente de um sindicato eram necessários 10 anos de residência no país, para os naturalizados, e para os não-naturalizados esse prazo era de 20 anos. Bania, portanto, as direções sindicais anarquistas e socialistas que, em sua maioria, eram estrangeiros.

Outro fator favorável à penetração da Igreja era a nova composição da classe trabalhadora que por esta época já era, em sua maioria, oriunda do processo migratório interno.

Todavia a instituição do sindicato único torna-se uma dificuldade para o trabalho de organização sindical da Igreja, já que o projeto veta organizações confessionais.

Este decreto liquida a possibilidade de um sindicato classista e autônomo.

Assim sendo, o decreto terá a oposição de todos os segmentos sociais presentes na cena política daquele momento:

- burguesia, porque o Estado a impedia de controlar o mercado da mão-de-obra;
- oligarquia, porque via o fortalecimento do Estado;
- anarquistas e comunistas, porque liquidava com o sindicalismo vivo e com a direção autônoma da classe operária;
- Igreja, porque um dos dispositivos da lei vetava sindicatos confessionais:

*"(...) a nossa lei de sindicalização deixou que o sectarismo de um fanático introduzisse em seu texto um dispositivo que vem negar o direito de associação aos patrões e operários católicos..." (67)*

De qualquer forma nem comunistas, nem anarquistas, nem católicos se deixarão conter pela lei. Todos continuam seu trabalho de organização dos trabalhadores.

A Igreja, em 1931, com a encíclica "Quadragesimo Anno", recebe um grande impulso doutrinário. Com a defesa papal do corporativismo fascista, se abre a possibilidade do Estado contar com a colaboração de juristas católicos na elaboração de sua legislação trabalhista. Os católicos só não se alinham a "Quadragesimo Anno" naquilo que se refere ao nomismo sindical porque dificultava seus interesses e, por isso, a campanha da Liga Eleitoral Católica (LEC) vai incluir entre os dez postulados católicos para as eleições de 1933 a proposta de "liberdade de sindicalização, de modo a que os sindicatos católicos, legalmente organizados, tenham a mesma garantia dos sindicatos neutros."

A conjuntura da época é marcada por uma pauta doutrinária e corporativa, porém, em 1934 a proposta católica sai vencedora. (68)

A Igreja organiza os Círculos Operários e a Juventude Operária Católica, de onde passa a atuar na formação de novas lideranças populares que vão apoiar a política do Estado Novo. (...) *suas lideranças oferecem orientação para aperfeiçoar a sociedade e ideologia nacional burguesa*". (69)

### **E- A Igreja e a Legislação Trabalhista**

*"(...) com a Revolução de 1930 a legislação e organização social tiveram um surto inesperado e maravilhoso. É interessante notar que a analogia que há entre a situação que em 1891 deu ocasião a 'Rerum Novarum' e a que reinava no Brasil por ocasião da Revolução Outubrina..."*

Estas palavras proferidas por padre Leopoldo Brentano, fundador dos Círculos Operários, dão a medida do entusiasmo católico frente ao Estado que se inaugurava em 1930. Mesmo porque padre Brentano pertencia ao clero sulista que apoiou as tropas getulistas. (70)

A Igreja já estava mudando o registro das suas preocupações, colocando-as no campo do catolicismo social e, como tal, definindo mais claramente seus opositores e aliados. Sobre isto é ilustrativa a formação em São Paulo, do instituto Ozanam que

*"(...) que como o Centro D. Vital objetiva a concentração das forças intelectuais católicas... enquanto o Centro D. Vital encarna a luta contra o liberalismo, o instituto simboliza a luta contra o comunismo..." (71)*

Nesse mesmo período o arcebispo do Rio Grande do Sul, D. Becker, lança sua 19ª Carta Pastoral contra o comunismo russo e pela civilização cristã. Suas palavras estão dirigidas contra a Confederação Geral do Trabalho do Brasil, fundada no congresso trabalhista de 1929. É um apelo aos conservadores e aos trabalhadores para que estes não se deixem iludir.

Diante destas preocupações a Igreja busca estruturar-se e ao mesmo tempo fortalecer o Estado e as classes dominantes. Faz parte dessa estratégia de fortalecimento o coroamento de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, que foi apresentada como a melhor barreira à penetração do comunismo pela força do seu simbolismo. Junta-se a esta estratégia a concentração popular que inaugurou o Cristo Redentor no alto do Corcovado.

Os anos de 1931 e 1932 foram de intensas atividades eleitorais realizadas através da Liga Eleitoral Católica que lutava pelo seguinte programa:

- 1- promulgação da Constituição em nome de Deus;
- 2- defesa da indissolubilidade do laço matrimonial, com a assistência às famílias numerosas e reconhecimento dos efeitos civis do casamento religioso;
- 3- incorporação legal do ensino religioso, facultativo nos programas das escolas públicas primárias, secundárias e normais da União, do Estado e dos municípios;
- 4- regulamentação da assistência religiosa facultativa às Forças Armadas, prisões, hospitais, etc;
- 5- liberdade de sindicalização de modo que os sindicatos católicos, legalmente organizados, tenham as mesmas garantias dos sindicatos neutros;
- 6- reconhecimento do serviço eclesiástico de assistência espiritual às Forças Armadas e às populações civis, como equivalente ao serviço militar;
- 7- decretação de legislação do trabalho inspirada nos preceitos da justiça social e nos princípios da ordem cristã;
- 8- defesa dos direitos e deveres da propriedade individual;
- 9- decretação da lei de garantia da ordem social contra quaisquer atividades subversivas, respeitadas as exigências das liberdades políticas e civis;
- 10- combate a toda e qualquer legislação que contrarie, expressa ou implicitamente, os princípios fundamentais da doutrina católica.

É um programa que garante, além dos privilégios da Igreja católica, como "*religião da maioria*", como gostam de afirmar os textos da época, também o primado da propriedade privada, da ordem sobre a desordem advinda da subversão dos princípios cristãos e que sejam garantidos mecanismos de repressão contra quaisquer tentativas de tirar o catolicismo do centro do poder.

A Igreja monta um mecanismo de cerco ao Estado, trazendo para si a representação dos valores mais sensíveis, quais sejam, a família, a educação, os trabalhadores, as Forças Armadas, a ordem jurídico-política.

A LEC é amplamente vitoriosa nas eleições de 1934 e consegue manter a supremacia católica.

Em relação à Legislação Trabalhista, a LEC inclui todos os seus programas no texto referente à ordem econômico-social da Constituição de 1934 todos os seus programas.

As realizações católicas não podem ser analisadas somente no campo da complementariedade e da luta contra os comunistas, já que expressam aspirações inscritas na sua tradição doutrinária. Após 1930 os católicos, unidos a militares e juristas, buscam tirar "(...) o indivíduo do centro de articulação do sistema da ordem e procuram reorientá-la segundo propostas que, embora divergentes, se alinham na pauta comum do corporativismo" (...) (72) Procuram também definir os pressupostos de uma nova ordem legal em torno do Estado, identificado enquanto nação. Na realidade assumem para si alguns princípios contidos na doutrina liberal, incorporando-os à sua tradição autoritária. Nessa perspectiva, o Estado passava a ser instrumento regulador dos conflitos sociais, o que se encaixava perfeitamente nos postulados da própria "Rerum Novarum".

Na Constituinte de 1934, no tocante à organização social do trabalho, a posição católica parece constituir-se num paradoxo porque se, de um lado, a Igreja repelia a concepção liberal, de outro se apropriava de alguns de seus postulados e os propunha através de leis. Essa contradição torna-se ainda mais intrigante quando consideramos algumas dessas leis, tais como a autonomia e pluralidade sindical e, principalmente, quando as analisamos no interior da nova ordem liberal, proposta pelos católicos e seus aliados e em cuja legalidade há a negação do conflito. Essa nova ordem, que não concebe a liberdade de mercado, nega, portanto, a possibilidade da própria legislação vir a institucionalizar-se e colide frontalmente com a idéia de harmonia e colaboração entre as classes.

Analisar a *práxis* católica é, portanto, tarefa complexa e para penetrá-la torna-se fundamental a recuperação das conjunturas nas quais moveu-se o movimento do laicato. Às vésperas da Segunda Grande Guerra, Roma está em plena fase das concordatas com os governos autoritários da Europa. Através desse estatuto jurídico, aqueles governos trouxeram a Igreja para dentro do poder do Estado, fazendo com que

*"(...) a Igreja não dificulte o exercício do poder, mas favoreça-o e sustente-o como uma mula sustenta um inválido..." (73)*

Por outro lado, esses governos também abrem mão de parte de sua soberania e a entregam à Igreja que, por sua vez, passa a atuar como coadjuvante no processo de normatização dessas sociedades. Porém, essa Igreja, mesmo distante das concepções que caracterizaram o estatuto totalizante do período feudal, não perdeu sua vocação de centro universalizante inerente às suas tradições doutrinárias. Ela se permite suprir a ordem liberal e esta, por sua vez, ao legitimá-la, termina por reforçá-la. Dessa forma, a Igreja passa a atuar na esfera política com representação própria.

A polêmica com o capitalismo é reelaborada de modo a dotá-lo de alguma positividade centrada no seu caráter humano, apreendido através de suas ações assistenciais e da sua preocupação organizativa e hierarquizada do processo de trabalho. A "Rerum Novarum" já enunciava essa análise ao não centrar seu combate ao capitalismo e propor que a *práxis* católica se voltasse para a sociedade civil, buscando recristianizá-la, libertando-a da mística liberal e reorganizando-a sobre princípios comunitaristas. Podemos depreender que, após a encíclica, o problema da ordem desloca-se e passa a ser analisado a partir da ausência de uma política que restitua a harmonia entre as classes.

A preocupação da Igreja com a classe operária centra-se na consciência da "questão social" e na não-aceitação do seu monopólio pelo Estado secular. A sociedade civil passa a ser o *locus* da realização do bem comum e da participação e suas instituições devem manter plena autonomia diante do Estado. É o que faz a "Rerum Novarum", ao instituir o direito à existência das "sociedades católicas" para que estas preencham os espaços da sociedade civil e fortaleçam a luta contra aqueles adversários já eleitos e nomeados pela hierarquia.

Faz-se necessário voltar às origens, de baixo para cima, através das corporações e do aprisionamento do Estado laico.

### F - Novas Estratégias Pastorais

Em 1941, durante as comemorações do 50º aniversário da "Rerum Novarum" evidencia-se a importância que a sociedade brasileira atribui ao papel social desempenhado pela Igreja:

Os empresários, através do "Jornal do Comércio", enfatizam a legislação:

*"Como país católico e como Estado que não tem sido indiferente à orientação traçada ao mundo por Leão XIII, celebra o Brasil, hoje, cerimônias eloqüentes, em comemoração à passagem do cincoentenário da famosa encíclica Rerum Novarum. Leão XIII foi o fundador da legislação operária. Leão XIII antevia o remédio para os movimentos reivindicatórios que a última guerra desencadeou no mundo, movimentos que deram origem, melhor dizendo, que forçaram a incorporação do direito operário às conquistas jurídicas da Humanidade. Leão XIII representa a luz transparente que jorrou sobre a treva dos interesses humanos, para mostrar aos governantes e governados de todas as nações, que o trabalho, tendo deveres, possui direitos, cujo acatamento se impunha em proveito do próprio bem-estar da coletividade.*

*Leão XIII reatualiza os princípios dos Evangelhos na consciência dos povos, deles esquecidos pela ação desgastadora do egoísmo, capaz de destruir todos os desejos generosos que animam o coração humano."*(74)

Já "O Globo" prefere exaltar o caráter religioso da encíclica.

*"Confundido-se nas festas de hoje as manifestações do culto divino e as simpatias do Estado e das classes trabalhistas, todos estamos a honrar, na exaltação de Leão XIII, menos as conquistas trabalhistas em si mesmas, do que as influências eternas da cristandade no florescimento da civilização brasileira..."*(75)

Todos os jornais de maior circulação da época trouxeram palavras de elogio a "Rerum Novarum".

Para a imprensa católica as celebrações se impunham diante da acertada experiência de parceria entre Igreja e Estado instituída no Brasil durante os últimos anos:

*"(...) uniram-se ao episcopado brasileiro para glorificar a doutrina social da Igreja todas as forças vivas do capital e do trabalho da inteligência e das atividades sociais do Brasil... A legislação social brasileira do trabalho, com suas características humanas de harmonia e paz social, foi apontada como tendo suas raízes na 'Rerum Novarum'."*(76)

Enfim, parece não existir dúvidas quanto à inspiração cristã da legislação social brasileira e sobre isto nos fala o próprio Getúlio Vargas, ao decretar o caráter nacional e cívico das comemorações do 50º aniversário da "Rerum Novarum":

*"(...) considerando a notável influência da encíclica "Rerum Novarum", de sua santidade o Papa Leão XIII, na solução da questão social; considerando a orientação que essa memorável encíclica imprimiu à função social do Estado, reconhecendo-lhe o poder de intervir na organização ecumênica da sociedade, zelando pela proteção dos fracos e desamparados da fortuna;*

*Considerando que essa diretriz, conducente à paz social, coincide com a que adotou o governo nacional em sua proteção ao trabalhador..."*(77)

Mas não foram apenas as autoridades que se manifestaram nestas comemorações. Há notícias de que em todos os estados brasileiros grupos de trabalhadores mobilizaram-se através de orações e, até mesmo, peregrinações.

Os Círculos Operários realizaram nesta ocasião o seu V Congresso Nacional, no Rio Grande do Sul, cujo eixo foi a Legislação Social Brasileira à luz da doutrina social da Igreja.

Ainda em comemoração do cincoentenário da "Rerum Novarum" realizou-se o 1º Congresso Brasileiro de Direito Social, convocado pelo Instituto de Direito Social de São Paulo, sob a presidência do ministro do Trabalho, Waldemar Falcão.

Em suas resoluções podemos ressaltar:

*"(...) A nossa legislação social elabora-se de dia para dia, com mais precisão, mais vigor, com um senso de continuidade com as tradições vivas da nossa história. As nossas realizações sociais, ... vão se sucedendo... num crescendo... sem abalos subversivos, nem convulsões sociais, reajusta-se o equilíbrio entre o trabalho e o capital. O trabalho da criança e da mulher, protegido pelas leis, vai se subtraindo à possibilidade da exploração do mais forte. A família, protegida na sua estrutura orgânica, amparada nas suas exigências de vida e desenvolvimento, vai se integrando na plenitude de suas funções sociais..."*(78)

Em 1946, com a reordenação jurídica do país, outras questões serão recolocadas. Trata-se agora de um liberalismo comunitarista, discutido no II Congresso de Direito Social<sup>(79)</sup> realizado à luz da doutrina social da Igreja do pós-guerra. Faz-se necessária a realização de novas relações e compatibilizá-las, a nível trabalhista, com a ordem comunitarista, isto é, compatibilizar os interesses dos indivíduos nas relações comunitárias que estabelecerão entre capital e trabalho.

Os temas daquele congresso abarcam diferentes dimensões da vida dos trabalhadores, tais como o direito social, assistencial e a organização profissional. A Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT, é analisada de modo a conter o primado do direito sobre a economia e do direito



público sobre o privado, pressupostos que parecem conter as possibilidades de se fundar o homem liberal e o pluralismo político numa ordem inclusiva baseada na disciplina e nas normas. Todavia, esses princípios logo são esquecidos por constituírem-se em entraves à acumulação, tal como aconteceu, em 1967, com o estatuto da estabilidade tão defendido pelos circulistas.<sup>(80)</sup> Para aqueles congressistas, entre eles nosso guardião e o assistente eclesiástico do Círculo de Volta Redonda, as principais preocupações eram a criação de um serviço social e a adoção da co-gestão e da co-propriedade como meio eficaz de prevenir conflitos sociais nas fábricas. A justiça do trabalho foi proposta como órgão paritário para garantir direitos coletivos de natureza trabalhista. Porém, a greve continuou não sendo reconhecida como direito, mesmo porque Roma só o fará nos anos 60.

Ainda sobre a influência da doutrina social da Igreja na legislação brasileira nos fala o ministro Delfim Moreira:

*"(...) a legislação social brasileira, cujos fundamentos se alicerçam nas normas cristãs da encíclica 'Rerum Novarum', é evidentemente protecionista aos hiposuficientes... Representa uma conquista avançada na direção do socialismo democrático, ora em luta contra o comunismo destruidor..."*

*A Justiça do Trabalho como instrumento apaziguador dos espíritos. Preventora de greves que esporadicamente perturbam o ciclo da produção nacional. Aliás, a eclosão das greves no país se deve mais à ação deletéria e contaminadora dos asseclas de Moscou que acirram os espíritos menos esclarecidos e prevenidos no seio da classe trabalhadora. Mas o comunismo ateu e materialista não poderá vingar frente à formação profundamente cristã de nosso povo."* (81)

Contudo, a década de 40 não foi período de estagnação para a Igreja brasileira, mesmo que estivesse limitada pela hierarquia e pela sua romanização. O mimetismo em relação ao catolicismo europeu não foi um fator de estagnação, principalmente no plano pastoral com a montagem da rede pastoral, oriunda da ação católica. Esse trabalho foi elemento de renovação da relação dessa Igreja com o meio social, no qual estava inserida. É certo que o discurso predominante era aquele sintonizado com a Guerra Fria, onde avultava o fantasma comunista. É certo também que era uma Igreja refratária a gestos ecumênicos. Mas tudo isto estava consoante com Roma que, até 1950, estava dominada por uma problemática apologética de autodefesa que refletia as transformações por que passava a sociedade.

A partir dos anos 50 a Igreja brasileira muda sua "estratégia de influência"<sup>(82)</sup> indo ao encontro das camadas populares, conferindo ao seu comportamento uma ofensiva em diferentes frentes. Fechando seu ciclo defensivo e apologético ao definir claramente seu principal conferidor e imprimindo à sua estratégia um caráter popular.

Essas atitudes refletem as mudanças ocorridas nas massas católicas ao serem mobilizadas pela expansão industrial. É um período de intensa mobilização episcopal promovida pelo secretariado da ação católica, na busca de novas definições para o aparelho eclesiástico.

A relação vigente entre Igreja e Estado é de apoio mútuo, de "concordata implícita". Segundo Werneck Vianna, o pacto Igreja-Estado em processo nos anos 50 caracterizava-se pelo novo

*"(...) era dado pelo objetivo de atingir as classes subalternas, e não as classes médias e elites intelectuais e econômicas, o que se refletia no tipo de concordata celebrada com o Estado: o projeto capitalista agora deveria conter, para as regiões a serem cobertas pelo planejamento oficial, uma componente reformadora." (83)*

Durante o governo Kubistscheck acontecem encontros regionais do episcopado brasileiro e, em 1956, em Campina Grande, bispos do Nordeste se pronunciam, alinhando-se ao projeto modernizador proposto naquele momento e declaram sua solidariedade primordial aos mais oprimidos. Esta declaração marca uma virada nos discursos da hierarquia, assinalando novas possibilidades para a ação dos militantes da ação católica. Nesse encontro em Campina Grande (1956) e o de Natal (1959)

*"a teoria da industrialização desigual, combinada com o arcaísmo das estruturas rurais, fornece o quadro de referência para a projeção de uma síntese histórica da luta eclesiástica pela Sudene como instrumento modernizador da região e neutralizador das diferenças sócio-econômicas do país. Tratava-se, na ocasião, de incentivar um projeto social que poderia abrir caminho ao desenvolvimento e a promoção da justiça". (84)*

Na consciência dos bispos a opção econômica se configura no interior da luta política, onde o desenvolvimento foi o correlato do Nacionalismo. Para os bispos brasileiros até 1964 a libertação econômica do povo passaria necessariamente pelo desenvolvimento nacional, planejado e executado pelo Estado com amplo consenso do país.

Essa concepção inscrevia-se na tradição política da época, onde o reverso do nacionalismo era o imperialismo, numa tentativa de unir "os grupos mais esclarecidos" com as "forças da nação." (85)

Olhando hoje, através da lente do tempo, essa posição aparece como sendo profundamente contraditória para uma Igreja que em 1964 vai apoiar exatamente aquelas "forças da nação" que vão implantar um novo modelo econômico, baseado em forças vivas de fora da nação.

## NOTAS

1. *Solidários na dignidade do trabalho: Campanha da Fraternidade*. s.l., CNBB, 1991. Reflexões baseadas no texto base da CNBB para orientação do trabalho pastoral durante a Campanha da Fraternidade de 1991.

2. *Idem*, p.3.

3. *Idem*, *ibid.*

4. *Idem*, *ibid.*

5. *Idem*, *ibid.*, p.9.

6. O termo *celebrar* reveste-se de um significado sacralizado nos rituais católicos. Ao *celebrar* a Igreja reveste os acontecimentos de potenciais divinos.

7. *Solidários na dignidade do trabalho*, op.cit., p.81.

8. *Idem*, p.82.

9. BRENTANO, padre Leopoldo. O cinquentenário da Encíclica *Rerum Novarum* e os deveres sociais dos católicos. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, Vozes, 6: 129, mar/ jun 1941.

10. *Idem*, p.82.

11. *Solidários na dignidade do trabalho*, op. cit., p.85.

12. LEÃO XIII. Encíclica *Rerum Novarum*. Sobre a situação dos operários. Juiz de Fora, Lar Católico, 1944. p.5.

13. *Idem*

14. GADILLE, J. O movimento religioso no século XIX. In: NERÉ, J. *História contemporânea*. São Paulo, Difel, 1975, cap. 10, p.165-179.

DONOSO CORTÉS, J. Ensayo sobre el Catolicismo, el Liberalismo y el Socialismo, considerados en sus principios Fundamentales. In: Valgemas, Marquês de. *Obras completas de Juan Danoso Cortés*. Madrid, La Editorial Católica S.A. MCMXX, Biblioteca de autores cristianos. 2v, p. 499-622

MAISTRE, Joseph de. *Du Pape*. Genève, Les classiques de la pensée politique, Collections dirigées par G. Busino, 1966.

15. LEÃO XIII. Encíclica *Rerum Novarum*, *op. cit.*, p.26

16. *Idem*, p.26.

17. *Idem*, *ibid.*, p.40.

18. *Idem*, *ibid.*, p.11.

19. *Idem*, *ibid.*, p.47.

20. *Idem*, *ibid.*, p.54.

21. *Idem*, *ibid.*

22. *Idem*, *ibid.*, p.73.

23. *Idem*, *ibid.*, p.74.

24. *Idem*, *ibid.*, p.77.

25. *Idem*, *ibid.*

26. *Idem*, *ibid.*, p.81.

27. *Idem*, *ibid.*

28. PIO XI. Encíclica *Quadragesimo Anno* (Sobre a restauração e aperfeiçoamento da Ordem Social), Petrópolis, Vozes, 1947

29. *Idem*, p.96.

30. *Idem*, *ibid.*, p.36.

31. LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas*. Rio de Janeiro, Vozes, 1973. p.220-221.

32. FALCÃO, Waldemar, *Ministério do Trabalho - Jubileu áureo da Rerum Novarum*, s.l., Publicações da C.N.O.C., n. 11, 1941. p.35. Recorte sem indicar a Fonte.

33. LIMA, Alceu Amoroso, op. cit., p.223.

34. Jubileu áureo da *Rerum Novarum*, p.223

35. JOÃO XXIII. *Encíclica Mater et Magistra*. AAS 53, (1963), p.67.

36. *Idem*, p.93.

37. *Idem*, *ibid*.

38. Encíclica *Gaudium et Spes*, p.68.

39. *Idem*.

40. PAULO VI. *Encíclica Populorum Progressio*. Bruxelles Renardeau, 1967, p.26.

41. *Encíclica Octogesima Adveniens*, p.14.

42. *Idem*, p.46.

43. *Encíclica Laborem Exercens*, p. 32.3

44. *Idem*, p.20. 2.3.

45. *Idem*

46. *Idem*, *ibid*.

47. ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo, Kairos, 1979. Ver particularmente a introdução, p. 11 e o capítulo 3

48. VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. 2 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1978, p.155-164.

49. VIANNA, Luiz Werneck, op.cit., p.164.

50. CARVALHO, Raul de. Modernos agentes da justiça, da caridade e do serviço social no Brasil. In: *Serviço Social e sociedade*. São Paulo, Cortez, 1980. p.43-75. Consultar sobre a história do serviço social no Brasil.

51. MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO. s.l., Publicações da C.N.T.C., 1962. Sobre esta e outras experiências ver particularmente a introdução do Manual.

52. CARVALHO, Raul de, op. cit.

53. MOURA, Sérgio Lobo. A Igreja na Primeira República. In: *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro, Difel, 1977. HGCB, 3v

54. BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 30, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, B. (org.). HGCB, São Paulo, Difel, 1986. HGCB, T. 3, 3v, p.280-341.

55. BATALHA, Cláudio H. de Moraes. *Le sindicalisme "amarelo" à Rio de Janeiro, (1906-1930)*. Thèse de Doctorat de Paris, Université de Paris. 1986. cap.3 mimeo.

56. *Idem*, p.80

57. CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil*. São Paulo, Difel, 1978. p. 223-235. Estes dados constam da pesquisa realizada por este autor.

58. *O Operário*. Jornal de São Paulo que aparece em 1913. Este jornal é um ótimo exemplo.

59. BATALHA, Cláudio H. de Moraes, op. cit.

60. *Constituições Eclesiásticas do Brasil*. Nova edição da Pastoral coletiva de 1915. Canoas(RS), Tip. La Salle, 1950. 1441 v. p.309.

61. BEOZZO, José Oscar, op. cit., p. 308.

62. Lei nº 3.724 de 15/02/1891.

63. Lei Eloy Chaves, nº 4.6812 de 24/02/1923.

64. Lei nº 16.027 de 30/04/1923.

65. Decreto nº 19.770 de 19/03/1931.

66. Monismo Sindicalista. In: *A Ordem*. Ano X, 4v (nova série), p.323.

67. BRENTANO, Padre Leopoldo. *Jornal do Dia*, 03/12/52.

68. Artigo nº 120 da Constituição de 1934: "Os sindicatos e as associações profissionais serão reconhecidas de conformidade com a lei".

Parágrafo Único: "A lei assegura a pluralidade sindical e a completa autonomia dos sindicatos".

69. CARVALHO, Raul de, op. cit.

70. BEOZZO, José Oscar, op. cit., p.288.

71. ACKER, Leonardo Van. "Por que o Instituto Ozanam?". *A Ordem*, n.7, 06.1930, p.241-247.

72. VIANNA, Luiz Werneck, op. cit., p.164.

73. *Idem*.

74. *Jornal do Commercio*. 15/05/1941.

75. *O Globo*. 15.05.1941.

76. *Jubileu áureo da Rerum Novarum*, op. cit., p. 1-2.

77. *Idem*, p.8

78. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1 (3): 670-672, set/1941

79. Trabalho e Seguro Social. Rio de Janeiro, s.e., jul 1946. n. 43. O número da referida publicação contém as conclusões deste congresso.

80. Durante o ano de 1967, o circulismo terá inúmeras audiências como o então ministro do Trabalho, para debater o FGTS. Os circulistas se colocam contra o fim da estabilidade e esta polêmica é razoavelmente debatida pelos jornais

da época. (Anexo)

81. MOREIRA, Delfim. "Os fundamentos da legislação social brasileira". in Revista do Tribunal Superior do Trabalho. Rio de Janeiro, 13(2): 129-131, mar/abr. 1948. Entrevista publicada no Jornal do Dia. Porto Alegre, 17/03/1948.

82. BRUNEAU, T.C.. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo, Loyola, 1971. Termo usado pelo autor na referida obra.

83. ROMANO, Roberto, op. cit., p.32.

84. *Idem, op.cit., p.29.*

85. *Idem, ibid., p.31..*



militante comunista, nunca havia lido a "Rerum Novarum", mas conseguiu apreender na prática do clero circulista os enunciados teológicos elaborados pelo Papa. É esta capacidade de expressar-se através de sua ação pastoral que caracteriza o profundo fetiche exercido pelo catolicismo na formação social brasileira.

Mas para compreender este fenômeno, que considero cultural, é preciso não subsumir a Igreja ao aparelho do Estado. Devemos considerar a separação efetiva realizada na República, entre estes dois poderes. O catolicismo tem sua própria política e seu movimento singular é operado pela instituição eclesiástica que, por sua vez, traduz vários discursos no plano do político "desenvolvendo para si os elementos da cultura brasileira" e os recriando "mediante diferentes teologias"(3).

O exercício do domínio católico sobre a sociedade brasileira deve ser, portanto, analisado a partir das interpretações que a hierarquia ou leigos, qualificados por esta, realizam das realidades temporais. Esta leitura reflete várias possibilidades porque carregadas de "apelo soteriológico interpretado dos mais variados modos, unidos às racionalizações trazidas pelas técnicas de controle social e pelas ciências humanas..."(4).

Assim posto devemos considerar que a apreensão e interpretação histórica da experiência circulista deve levar em conta diferentes matizes.

Os Círculos Operários, como expressão de um projeto teológico-político da hierarquia, se colocaram de diferentes maneiras no tempo. Ainda que a essência do seu conteúdo de caráter pedagógico-educativo tenha permanecido inalterada, seu movimento privilegiou diferentes embates e abordagens pedagógicas de acordo com as conjunturas vividas pela sociedade brasileira. Ao estabelecer o diálogo com o temporal o circulismo traduziu seu projeto pedagógico-educativo de diferentes formas, mas sempre o manteve como *modus operandi* da estratégia de "aproximar as consciências".

Esta abordagem difere substancialmente das poucas análises realizadas sobre o circulismo.(5) Na realidade, é um tema à espera de seus historiadores porque as poucas tentativas já começam por desqualificá-lo como projeto com sentido próprio porque partem da premissa de que a Igreja é um aparelho do Estado e que o circulismo, como proposta clerical, exercia funções de complementariedade junto ao Estado. E mais, assinalam sua existência somente durante o Estado Novo, porque compreendem que com a redemocratização a função autoritária exercida pela Igreja através do circulismo perdeu *status* de poder na política trabalhista. Entendem ainda o circulismo como sindicalismo e, nesta perspectiva, o analisam como uma proposta derrotada pela imposição do sindicato único.

Estas análises, profundamente equivocadas, não dão conta do objeto das suas pesquisas porque o circulismo não é sindicalismo. É algo que se move no campo da educação para o sindical mas não é o próprio. O padre Brentano, idealizador e fundador do circulismo no Brasil em 1932, define claramente esta distinção:

"Esse movimento que abreviadamente designamos de 'circulismo' tem por finalidade resolver o problema operário sob todos os aspectos: o econômico, o social e o espiritual. É, no entanto, importante acen-tuar que os círculos operários são de direito civil..."(6).

## Anticomunistas Sempre, Reacionários Nunca! 2

*" (...)Esta visão renovada e posta novamente em suas fontes fundava para a Igreja uma nova maneira de exercer sua relação com o temporal: não mais pretensão de jurisdição sobre a cidade, mas influência exercida pelos fiéis, dos quais a Igreja forma a consciência".(1)*

### *1-Projeto teológico-político*

O Papa Leão XIII, na "Rerum Novarum", coloca de maneira direta a nova estratégia de sua Igreja: exercer o domínio sobre as consciências. Algo próximo à apreensão do comunista volta redondense:

*" (...) os padres chegavam de mansinho, querendo ajudar os trabalhadores e suas famílias. Visitavam as casas, ficavam amigos das mulheres, das crianças. Promoviam festas no Círculo Operário, a garotada ficava feliz e assim os pais iam freqüentando.*

*Na realidade aquilo tudo era estudado porque o que eles queriam mesmo era aprisionar as consciências da gente"(2).*

É formidável a semelhança, mesmo que entre uma fala e outra tenham passado 50 anos. Isto demonstra como a Igreja se coloca no tempo. Suas opções se revestem de um profundo conteúdo estratégico já que ela se pensa permanente no tempo.

No século da industrialização, do capitalismo monopolista não seria mais possível a Igreja reivindicar o estatuto feudal, onde o domínio sobre as cidades era buscado-exercido de forma direta. Agora o domínio tem que ser exercido de outras formas.

Aprisionar consciência significa colocar-se no plano da cultura, da ideologia e, portanto, recolocar sua experiência no campo da educação formal ou não. Afinal, o domínio da Igreja sempre esteve intimamente associado à sua capacidade formativa-informativa. Estes sempre foram seus principais instrumentos.

Portanto, os Círculos Operários, como *modus operandi* da hierarquia, devem ser apreendidos e analisados a partir das concepções ideológicas que informaram a doutrina social da Igreja e dos movimentos empreendidos pelo aparelho eclesiástico brasileiro ao longo das décadas. É preciso capturar o sentido de permanência nas palavras de Leão XIII, tão bem expressas na apreensão da realidade circulista de Volta Redonda na década de 50. Certamente aquele forneiro,

Ele diferencia até mesmo no campo do direito já que os sindicatos são instrumentos jurídicos registrados no Ministério do Trabalho e, como tal, de direito público. Mas define ainda mais:

*"O circulismo não é um sindicalismo paralelo porque nosso objetivo é ajudar a fortalecer os sindicatos, através da formação e assistência. Queremos que a doutrina social cristã penetre nos sindicatos e que dirija os seus trabalhos"*(7).

É, portanto, uma proposta de intervenção para imprimir uma direção cristã aos sindicatos.

Nesta perspectiva é possível afirmar que o circulismo não foi algo efêmero, porque "não marcou seu meio social" mas, ao contrário, projetou-se porque soube mover-se no tempo com o necessário sentido de permanência essencial à sua concepção teológico-política.

Esta capacidade de renovação foi de tal magnitude que nos dias atuais (1992), podemos constatar a existência de um trabalho acelerado de reestruturação dos núcleos circulistas que existem espalhados pelo Brasil. Este trabalho, iniciado em 1976, tem sido bem recebido pelas demais organizações católicas que trabalham com os trabalhadores e incentivado pela CNBB.

*"(...) Recebemos com júbilo as resoluções de vosso congresso. De nossa parte estaremos atentos às modificações que devem ser operadas no movimento, porque acreditamos que a tradição circulista deve ser novamente colocada a serviço dos trabalhadores brasileiros..."* (8)

O circulismo hoje move-se no campo da Central Única dos Trabalhadores e trabalha em consonância com as diversas pastorais

*" (...) entendemos que a CUT é a nossa continuação já que foi formada por católicos, através das pastorais existentes em todos os lugares. Aliás, as bandeiras que defendemos desde 1940 são basicamente as mesmas defendidas pela CUT. Daí é natural que a gente se encontre e temos sido muito bem-recebidos..."* (9).

A recíproca parece ser verdadeira, a considerar-se as palavras da assessoria nacional da central sindical:

*"A CUT é depositária das lutas empreendidas pelo Movimento de Renovação Sindical"*(10).

O Movimento de Renovação Sindical, composto por várias organizações católicas às vésperas do golpe militar, era hegemoneizado pelo circulismo e foi uma organização que se contrapunha aos comunistas e à política trabalhista do governo Goulart.

Enfim, queremos dizer que o circulismo foi algo que marcou tanto "seu meio social" que permanece, como um conjunto de idéias e até organizativamente, já que ainda existem como tal, até nossos dias. E esta foi minha grande surpresa ao deparar-me na Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, com uma entidade que busca reler seu passado à luz da Teologia da Libertação e do chamado novo sindicalismo:

*"(...) O movimento circulista passou por várias fases, algumas difíceis de serem entendidas sobretudo hoje quando tudo que vem do governo aparece com antitrabalhador. Mas nem sempre isto foi verdade. Nosso movimento, o mais antigo do país, é ainda um mistério até para seus militantes. Precisamos resgatar nossas lutas para que os cristãos possam ter mais orgulho de sua organização. Há muitas incompreensões. Hoje estamos sincronizados com a Teologia da Libertação..."*(11).

É uma fala em sintonia com o que temos resgatado. Por outro lado, os desafios para os circulistas na atualidade são enormes porque desconhecidos ou ligados à idéia de conservadorismo. Mesmo aqueles setores católicos presentes no movimento desconhecem o legado do circulismo incorporado por suas organizações.

*"(...) já ouvi falar mas eles foram ultrapassados pela nova Igreja que tem a Juventude Operária Católica -JOC, a Ação Católica Operária-ACO e a Pastoral Operária-PO. Eles eram reacionários, patronais..." (12)*

## *2- Matizes do Circulismo*

Podemos afirmar que a experiência circulista divide-se em vários períodos.

### *1-1932-1936*

Estes anos marcam o início do movimento que surge no Rio Grande do Sul pelas mãos do jesuíta Leopoldo Brentano e constitui-se no Marianismo. Há dois aspectos importantes nessa iniciativa que devem ser ressaltados.

Primeiro, é sintomático que esta iniciativa seja jesuítica porque esta ordem tem sua história marcada pelas ações de recristianização do mundo.<sup>(13)</sup> Os jesuítas foram os soldados de Roma, do papismo e da doutrina. Assim tiveram sua história marcada na contra-reforma pelo seu caráter intransigente na defesa da supremacia romana. Foram famosos inquisidores. Na Europa desempenharam papéis relevantes na organização operária desde o início do século XX e a idéia do circulismo nasceu por lá, nas minas da Alemanha e nas cidades siderúrgicas da França<sup>(14)</sup>. O Marianismo é um movimento, inspirado nos jesuítas, que mobiliza leigos, na defesa da moral, da ordem, vinda de Maria. É a organização da pureza, que mobiliza os jovens.<sup>(15)</sup>

Segundo, o fato de nascer no Rio Grande do Sul é emblemático do seu apelo popular, já que a Igreja ali consegue manter sua identidade com os setores populares, particularmente com os colonos alemães e italianos. Ali se professa um catolicismo popular mas, ao mesmo tempo, a Igreja consegue manter excelentes relações com as elites locais, particularmente com os pequenos e médios proprietários rurais e os setores das Forças Armadas. É uma Igreja estruturada, aparelhada e que desenvolve um trabalho comunitário de cunho religioso e associativo. Esta Igreja exerce nos anos 30 profunda influência sobre a sociedade civil gaúcha. Ali não havia crise de vocações sacerdotais, havia uma rede de escolas católicas, de cooperativas de crédito, produção e consumo que atendia aos colonos, havia rede de hospitais católicos, colégios para as elites, jornais e boletins que disseminavam as idéias católicas sobre a realidade daquelas comunidades.<sup>(16)</sup>

Era uma Igreja em sintonia com a realidade nacional, tanto é que as tropas de Getúlio saíram do estado com as bênçãos da Igreja e até acompanhadas de um capelão.

O catolicismo parece ter sido argamassa na sociedade gaúcha.

Aliado a estas condições regionais, no contexto macro, a Igreja mundial vivia sob o impacto da "Rerum Novarum" e da "Quadragesimo Anno", onde a preocupação pastoral deslocava-se para os trabalhadores.

No Brasil a Igreja vivia sua luta pela "Renovação Católica", imprimida pela ação do cardeal Leme, Jackson Figueiredo e Tristão de Athayde.<sup>(17)</sup>

Com a conjuntura que se abre em 1930 esta Igreja coloca-se inteiramente como sujeito na cena política, buscando projetar-se no espaço público para ampliar e garantir o poder que havia perdido na sociedade com o Estado-republicano.<sup>(18)</sup>

Em consequência, é possível afirmar que o circulismo nasceu da confluência de vários fatores que naquele momento impulsionavam iniciativas com aquele caráter.

O movimento ao nascer propõe:

*"(...) Iniciamos aqui a longa caminhada anunciada pelo Papa Leão XIII. Ouvimos seu chamado. Queremos construir um movimento que agregue todos os cristãos para que juntos possamos recristianizar os trabalhadores do Brasil. A Igreja católica precisa organizar seu rebanho para reconquistar seu lugar na sociedade brasileira".*<sup>(19)</sup>

Deste objetivo, aparentemente difuso, podemos inferir que começava ali uma iniciativa que propunha aparelhar a Igreja para a nova missão no mundo do trabalho:

*"(...)temos que agir para tirar nossos trabalhadores da miséria que gera promiscuidade e paganismo. Temos que educar..."*<sup>(20)</sup>

Aí está de forma clara aquele que seria o objetivo fundamental da ação circulista: educar para recristianizar uma sociedade contaminada pelo germe da desordem, isto é, o comunismo ateu. É interessante observar como o conteúdo da "Quadragesimo Anno", na sua censura à miséria como geradora da desordem, encontra-se presente na fala circulista. É possível que, naqueles primeiros tempos, existisse alguma expectativa quanto à possibilidade da Igreja vir a formar sindicatos católicos, já que a reivindicação pela autonomia sindical foi um dos itens da plataforma da Liga Eleitoral Católica e, como tal, garantida na Constituição de 1934. É certo que através do circulismo a Igreja do Rio Grande do Sul procurava garantir na futura ordem constitucional, realizada na Constituinte de 34, a presença de uma sólida organização católica no meio dos trabalhadores mesmo que a proposta circulista não fosse propriamente sindical, no sentido corporativo proposto pela "Rerum Novarum", "Quadragesimo Anno" e adotado no Brasil:

*"(...) Nosso trabalho de organização deve buscar congregar trabalhadores de todos os ofícios e entre patrões e empregados porque o espírito da Rerum Novarum é de harmonia.*

*Queremos acolher a todos no seio da Igreja, num ambiente fraterno que possa recristianizar o trabalho. O trabalho deve centrar-se na doutrinação dos valores cristãos e numa programação que permita a socialização de todos no trabalho e na família".*<sup>(21)</sup>

Portanto, se existia perspectiva de fundar sindicatos católicos sua elaboração era ainda incipiente quando o trabalho circulista é iniciado. Do ponto de vista da hierarquia esse objetivo fica ainda mais escamoteado porque a transformação do circulismo em proposta nacional só se configura em 1936, quando o Estado já havia definido o sindicato único e a própria Igreja já havia se acomodado a esta legislação. De qualquer forma a discussão permanece já que é possível pensá-la através da ausência de centralização da Igreja, o que dificultava uma ação global e sistemática. Porque esta até 1952

não se configura como uma entidade estruturada capaz de pensar e responder aos desafios nacionais. Isto vale para as questões internas ou externas a ela.

De qualquer forma podemos afirmar que a proposta de um sindicalismo cristão é muito difusa e não responde àquilo que Pio XI falou sobre o assunto:

*"(...) a experiência que o homem adquire todos os dias da exigüidade das suas forças obriga-o, impele-o a agregar-se a uma cooperação de seus semelhantes. Desta propensão natural, como de um único germe, nasce primeiro a sociedade civil, depois, no próprio seio desta, outras sociedades que, por serem restritas e imperfeitas, não deixam de ser sociedades verdadeiras (...)"*.<sup>(22)</sup>

Aí está enunciado de forma clara, o estatuto que a Igreja dispensa, aos sindicatos: como parte da sociedade civil e como organização imperfeita, porque construída pelos homens, mas necessária porque socializa e aplaça os conflitos.

Afora a preocupação organizativa, o circulismo já nasce propondo uma intervenção no plano assistencial. É uma preocupação da Igreja no plano internacional sendo que, em 1925, em Milão, por ocasião da I Conferência Internacional, é fundada a União Católica Internacional de Serviço Social-Uciss que compreendia duas seções:

- \* grupo de escolas de serviço social;
- \* associações de auxiliares sociais.

O objetivo desta entidade era enfatizar a necessidade e a eficiência do serviço social no mundo, dar a conhecer a concepção católica e assegurar sua expansão.

Em 1927 a Uciss apoiou a primeira escola católica de serviço social criada na América Latina.

A "Quadragesimo Anno" foi muito estimulante para este trabalho porque coloca a urgência da questão social diante de um mundo convulsionado pelo comunismo (Revolução Russa, em 1917) e pela Primeira Grande Guerra (1914-1918). O trabalho da Uciss, em estreita relação com a hierarquia católica difunde, expande e aplica a mensagem social da Igreja. Em 1935 realiza sua V Conferência Internacional com a presença de cinco continentes e o debate centrou-se na ordem cristã como realizadora do serviço social. No Brasil este trabalho é realizado a partir da Igreja e com o estímulo necessário das senhoras da época. Não havia se convertido em profissão.

Os princípios que orientarão a ação da Igreja no trato da assistência social eram a da conciliação das classes e da procura da harmonia a ser encontrada através da ação evangelizadora ou como programas específicos patrocinados pelos empresários ou Estado.<sup>(23)</sup>

Eram realizadas campanhas que incidiam na manutenção e reforço da família, organização do associativismo sob a forma de caixas de socorro mútuo e ajuda mútua.

Enfim, havia todo um esforço que já vinha sendo promovida pela Igreja para fazer-se presente no cotidiano dos trabalhadores. E o circulismo insere-se também neste trabalho, desenvolvendo associações cooperativas, assistência médica, principalmente materno-infantil, escolas, cursos de alfabetização e ensino profissional.

O circulismo articulava uma série de serviços a serem prestados à comunidade circulista, o que os tornava atrativos para os trabalhadores. Nestes primeiros anos seu caráter assistencialista era acentuado, porém se constituía em uma rede de serviços que já pré-existia no Rio Grande do Sul, onde a Igreja notabilizava-se por este trabalho comunitário. No caso, o circulismo especializou-se ao criar escolas comunitárias em áreas rurais.<sup>(24)</sup>

Outro aspecto a ser ressaltado é o caráter educativo dos círculos. E esta é, como já o afirmamos, a essência da proposta.

A Igreja ao longo dos séculos tem se notabilizado por sua ação educativa-formativa. Ela difundiu sua doutrina através do monopólio que exerceu sobre a educação formal e sua rede de educadores – os padres e freiras, laicos – que em todos os espaços da vida recriavam a realidade temporal, enquadrando-a à doutrina católica.

A função primeira da Igreja é a da educação forjada na fé e na doutrina cristã. Educação como sinônimo de evangelização.

Os jesuítas são um dos fortes elos desta rede educativa-formativa do catolicismo romano. Portanto, nada mais óbvio do que a importância estratégica que o projeto pedagógico-educativo assume para o circulismo. E é através dele onde podemos analisar com mais visibilidade as mudanças ocorridas no seu interior.

Nos primeiros anos o trabalho educativo estava mais voltado para a alfabetização, visto que o diagnóstico católico da realidade educacional brasileira era caótico:

*“Sem educação nacional não existe moralmente nação. A consciência nacional não pode surgir senão daquela com uma população de 30 milhões de habitantes: o Brasil devia ter 6 milhões de alunos matriculados em suas escolas elementares e não tem senão um milhão em uma fraca porcentagem e freqüência...”*<sup>(25)</sup>

Este católico, Mario Pinto Serva, diz assombrado que o Brasil tem 80% da sua população analfabeta.

O interesse da Igreja na montagem de uma rede escolar é grande, muito embora este esforço se dê na construção de escolas para educação dos filhos das elites. Mas no Rio Grande do Sul a realidade foi diferente.

Enfim, podemos resumir em três eixos os objetivos iniciais dos círculos:

- \* organização para a vida sindical
- \* ação assistencial
- \* ação pedagógico-educativa

É importante assinalar que até 1936 os círculos têm presença regional e, no plano político, desempenham um tímido papel nas discussões sobre a legislação trabalhista em elaboração e esboçam apoio à nova ordem instaurada em 1930. É um período onde as questões políticas mais

críticas ainda não estão colocadas, mas nem por isto é correto afirmar, como fazem alguns, que o circulismo nasceu para legitimar o Estado Novo.

## 2-1936-1945

Este período caracteriza-se pela expansão do circulismo e pelo caráter contraditório da sua relação com o Estado e profundo anticomunismo. Em 1936, durante congresso eucarístico realizado em Belo Horizonte, a hierarquia católica decide que os círculos operários, já organizados em todo o estado do Rio Grande do Sul, seriam expandidos numa rede nacional, sob a orientação de Alceu Amoroso Lima e coordenação do padre Leopoldo Brentano:

*"(...) é chegado o momento de assumirmos, por inteiro, os desafios pastorais impostos pela 'Rerum Novarum'. A partir deste instante nossa Igreja tem uma proposta nacional para colocar-se junto àqueles que, desamparados, encontram-se à mercê dos inimigos da cristianidade..." (26)*

Esta definição, às vésperas do golpe de 1937, é particularmente simbólica já que a organização nacional da experiência circulista aponta para a necessidade da construção de uma muralha contra o comunismo. Mas vai além porque projeta a construção de um projeto católico, a nível nacional, de intervenção no plano social.

O período que vai de 1936 a 1942 é de expansão e onde o caráter governista do circulismo é acentuadíssimo. Mas mesmo assim se apresentam como o *novo* porque apontam outras possibilidades para o conflito:

*" (...) nós somos a única alternativa para que a harmonia possa penetrar na sociedade brasileira". (27)*

Os princípios são os mesmos do período anterior, só que será dada ênfase ao seu aspecto organizativo e sobre isso nos fala padre Velloso, que, em 1956, substituiu padre Brentano à frente do Movimento. *"Em cada cidade haveria um Círculo Operário. Quando era uma cidade muito grande esse círculo se dividia em núcleos... cada estado teria uma federação e todas as federações reunidas formariam a confederação. De quatro em quatro anos teria uma assembleia geral, nacional". (28)*

Nota-se que a organização dos circulistas seguia os moldes da estrutura verticalizada e federativa dos sindicatos brasileiros, de onde depreende-se uma concordância com tal modelo.

Outro fato assinalado por padre Velloso era o caráter ecumênico do circulismo, o que era bastante difícil de ser realizado num momento de extrema intolerância religiosa, já que em cada recanto deste país havia uma verdadeira guerra contra os protestantes, espíritas, umbandistas e, evidentemente, contra os comunistas. O ecumenismo só se tornou possível, no Brasil, após o Vaticano II.

*"Não precisa ser católico para ser circulista, basta ser cristão. Mas a verdade do cristianismo só existe no catolicismo". (29)*

Ainda em relação ao Estado há, de um lado, concordância e complementariedade em relação às questões sociais e trabalhistas e, de outro, certo desconforto em relação à política do Estado Novo. Mas este desconforto só se manifestará às vésperas da redemocratização. Porque o que caracteriza a Igreja nesse período é sua íntima relação com o Catete, exercendo um papel sa-



cralizador das políticas estado novistas.

Os Círculos Operários rapidamente se projetam no Estado Novo como interlocutores do Estado no trato das questões sociais e assistenciais, tornando-se, inclusive, em 1941, órgão consultivo do Ministério do Trabalho. Portanto, seu caráter de complementariedade junto ao Estado é relevante, já que se inscrevem no contexto de um regime autoritário e com o qual mantiveram estreitas relações, particularmente, naquelas questões relativas à manutenção da ordem corporativa.

Aliás, o corporativismo presente na "Rerum Novarum" é uma componente do ideário cristão e com a "Quadragesimo Anno", onde Pio XI faz a apologia do corporativismo fascista, o corporativismo autoritário se instala nos discursos circulistas. O período do Estado Novo, é, sem dúvida, fértil à proposta circulista quando chegam a ter, segundo dados oficiais, 150 mil filiados.<sup>(30)</sup>

Para Pio XI a maior novidade daqueles tempos era o corporativismo fascista:

*"(...) Recentemente iniciou-se, como todos sabem, uma nova organização sindical e corporativa, à qual, vista a matéria desta nossa carta encíclica, não podemos deixar de nos referir, com alguma consideração oportuna.*

*O Estado reconheceu juridicamente o sindicato, dando-lhe porém caráter de monopólio, já que só ele, assim reconhecido, pode representar respectivamente operários e patrões, só ele conclui contratos e pactos de trabalho. A inscrição no sindicato é facultativa e só neste sentido se pode dizer que a organização sindical é livre... Verdade é que nas regiões oficiais se declarou que o sindicato jurídico não exclui a existência de fato de associações profissionais.*

*As corporações são constituídas pelos representantes dos sindicatos, dos operários e dos patrões pertencentes à mesma arte e profissão e, verdadeiros órgãos e instituições do Estado, dirigem e coordenam os sindicatos nas coisas de interesse comum. É proibida a greve, se as partes não podem chegar a um acordo, intervém a autoridade.*

*Basta refletir um pouco para ver as vantagens desta organização, embora apenas sumariamente indicada: a pacífica colaboração das classes, repressão das organizações e violências socialistas, a ação moderada de uma magistratura especial".<sup>(31)</sup>*

Dessa forma Roma empresta indisfarçável simpatia ao corporativismo fascista porque afeito à colaboração entre as classes e à repressão às organizações socialistas. A crítica recai apenas no estrito controle do Estado sobre a estrutura sindical, o que dificultaria a possibilidade de um sindicalismo católico.

Não há, portanto, nenhuma contradição doutrinária entre a Igreja e o sindicalismo inspirado na *Carta del Lavoro*, base da nossa legislação trabalhista-sindical e em cuja elaboração e posterior consolidação os católicos trabalharam.<sup>(32)</sup>

Oliveira Viana, primeiro consultor no Ministério do Trabalho, ao invés de inspirar-se em posições socialistas procurou, ao contrário, basear-se nos fundamentos papais e fascistas:

*" (...)o princípio fundamental era, de fato, de inspiração católica, a justiça realiza-se pela colaboração entre o capital e o trabalho sob a égide do Estado".<sup>(33)</sup>*

E esta legislação, inspirada particularmente na "Quadragesimo Anno", quebrou as re-

sistências católicas ao Estado Novo. Opunham-se, como disse Alceu Amoroso Lima, no plano do político e o apoiavam no plano do social. E o atrelamento dos sindicatos ao Estado é criticado no plano político porque impedia que o confessionalismo religioso se apoderasse dos sindicatos.

E nesse sentido, por mais que os católicos se movessem com desenvoltura na pauta autoritária, se alinhavam aos socialistas e anarquistas na defesa do pluralismo sindical. Até mesmo porque acreditavam que, com a repressão dos seus oponentes, só restassem os católicos na cena política. Uma lógica que mostrou-se factível em 1964 quando a ditadura militar banuiu os comunistas e socialistas dos sindicatos, e os entregou aos católicos circulistas que foram, em muitos sindicatos, interventores. Mas esta mesma lógica pode ainda ser apreendida na construção do chamado novo sindicalismo nascido no ABC paulista. Ali, antes de 1964, havia uma ferrenha disputa entre comunistas e católicos, através dos Círculos Operários e JOC.

Com o golpe militar os comunistas foram liquidados e nada aconteceu aos católicos que se mantiveram até mesmo nas direções dos sindicatos.

As chamadas oposições sindicais nascem destes núcleos católicos e se apresentam como o novo, desqualificando uma trajetória vivida pelo movimento nos anos pré-64.

No que diz respeito à expansão e organização nacional do circulismo nos fala padre Velloso:

*"(...) em 1931 o Cardeal D. Leme, juntamente com Tristão de Athayde, funda a Confederação Católica de Operários mas só tinham a cúpula, de maneira que quando o Cardeal soube desse movimento, que tinha no Rio Grande do Sul, pediu então ao padre Brentano que viesse ao Rio porque em vez de fazer uma coisa estadual... então Brentano transformou aquela confederação em Confederação Nacional dos Círculos Operários. E aí começou a aproveitar também algumas associações operárias que já existiam. Por exemplo, no Ceará, já existia um grande trabalho de operários católicos que era muito integralista. Então padre Brentano entrou lá, mas não continuou com aquela orientação integralista e fez com que todas aquelas associações no Ceará se transformassem em Círculos Operários. E assim ele foi indo e fez uma confederação forte". (34)*

São palavras que confirmam a simpatia fascistizante existente no meio católico e já analisada em alguns trabalhos históricos.<sup>(35)</sup> E pode ser uma pista para entendermos a estrutura verticalizada do circulismo. A relação de parceria é considerada pelo Estado como patriótica:

*"(...) o Brasil deve muito ao circulismo porque através de sua colaboração pudemos trabalhar em harmonia com os trabalhadores e forjar uma legislação trabalhista das mais avançadas..." (36)*

O boletim do Ministério do Trabalho publica neste período diferentes artigos sobre os pressupostos católicos em relação ao trabalho:

*"(...) só o catolicismo, mostrando que o trabalho foi feito para o homem e não este para aquele, e que o homem é maior que seu trabalho, pode realizar aquilo que é o problema central de nossa época: a humanização do trabalho". (37)*

No que se refere ao trabalho assistencial, o circulismo continua trabalhando no plano da saúde, cooperativismo e educação.

Mas é no plano da educação que o período vai apresentar suas maiores novidades. Ago-

ra a questão da alfabetização e do ensino profissionalizante será desenvolvida mas aparece uma outra vertente importante: a educação sindical. O circulismo se apresenta como uma agência formativa no que tange àquelas questões relativas ao mundo do trabalho.

Essa vertente será dominante no período que se seguirá.

A Confederação após 1940 fará publicações regulares para o clero, sociedade em geral e, particularmente, para os trabalhadores.

### *3-Plano de Ação Sindical (PAS) (38)*

Este é o título do primeiro plano, traçado em 1939, de trabalho circulista para aqueles temas referentes à questão sindical e que em 1946, em parte, será transformado no manual dos Círculos Operários.

O texto original "Instruções de Caráter Reservado", é, portanto, destinado ao assistente eclesiástico, "o qual dele dará conhecimento integral somente aos dirigentes de toda a confiança, inculcando-lhes sua grande responsabilidade em não deixá-lo chegar a mãos indiscretas".

Já na sua introdução o PAS – sigla conhecida nos documentos circulistas – nos esclarece dois pontos importantes da estrutura inteira do movimento circulista:

*1- seu caráter hierárquico;*

*2- seu caráter eclesiástico, já que o assistente é um padre.*

Além destes aspectos é emblemático da ação católica esse caráter sigiloso do PAS, o trabalho que não deve ser evidenciado já que as suas finalidades são:

*1- formar, com as profissões não-organizaças, sindicatos de orientação cristã em sua doutrina e atividade.*

*2- quanto às profissões já organizadas, exercer uma ação orientadora sobre as mesmas, de modo que suas idéias e atividades estejam de acordo com a doutrina social da Igreja.*

Aí está enunciada a estratégia de intervenção circulista, dentro de uma concepção que reconhece a legitimidade da legislação sindical e ao mesmo tempo tenta burlá-la através de subterfúgios conceituais.

Além disso, reconhece também os sindicatos já organizados.

Por outro lado, indica sua própria contradição naquilo que diz respeito ao seu projeto original em relação à estruturação de uma rede sindical confessional.

Além dos objetivos organizativos o PAS define seu papel educativo, de dar "noções sobre os sindicatos e confronto entre círculos e sindicatos" e ainda define os métodos através dos quais os "C.C.O.O. devem agir na esfera sindical". O PAS é, portanto, o principal instrumento de trabalho do circulismo. Define objetivos, conteúdo e métodos e serem mobilizados.

O documento elabora, como justificativa para sua postura intervencionista e confessional uma análise da história da Igreja e do movimento circulista frente à questão sindical brasileira.

Afirma que a Igreja, através da Sagrada Congregação do Concílio, ditou "normas de universal aplicação a todo o mundo cristão", através das seguintes propostas:

- 1- reconhece o direito de patrões e empregados a organizarem-se em associações sindicais;
- 2- quer que tais associações obedeçam normas cristãs. Sejam instrumentos de concórdia, paz, respeito;
- 3- quer que as associações formadas entre católicos assim permaneçam.

O que o Círculo entende por sindicato de tipo cristão é aquele com caráter "cooperativo" e não de luta ou "destruição", como "os comunistas, socialistas e sindicalistas revolucionários", seja de caráter religioso, seja de caráter privado, seja livre, seja profissional. Os católicos precisam organizar-se, não podem ser indiferentes ao sindicalismo para que

*"se possa modificá-lo, corrigi-lo,...se os sindicatos que influem nas Federações, estas na confederação nacional e na corporação. Se os católicos não tiverem muitos sindicatos ou importantes, que influam nas federações não terão a menor ingerência na organização sindical do Estado, nem na organização do trabalho, nem nas leis sociais".*

O PAS avalia que os católicos no Brasil fizeram muito pouco e ressalta o papel que os Círculos desempenharam desde 1932.

Realiza um balanço da evolução da legislação sindical, onde afirma que o levante de 1935 se deve aos rumos que o sindicalismo estava tomando devido à presença de comunistas na primeira lei sindical (decreto 19.770) que abusava do laicismo e liberalismo. Porém, assinala que

*"a recente lei sindical—decreto lei 1.402, de julho de 1939—trouxe outras alterações consideráveis tomando rumo decisivo para o corporativismo".*

Esta afirmação coincide com a análise realizada por Angela Castro Gomes, segundo a qual o sindicalismo brasileiro torna-se corporativo a partir dos anos 40 por influência dos católicos que teve nos ministros Waldemar Falcão e Marcondes Filho mais do que aliados.<sup>(39)</sup>

Essa legislação, que ainda segundo a autora, permitirá a estruturação do trabalhismo, prevê a construção de escolas nos sindicatos, cooperativas e outros serviços sociais.

O PAS avalia que *"a legislação sindical brasileira foi melhorando e evoluindo no sentido do corporativismo, para o qual marchamos."*

Ressalta, com positividade, a intervenção do Estado no sindicalismo *"antes abandonado aos agitadores"*.

Ressalta também que como não há formação — "preocupação pela instrução e formação" — "não há verdadeiro espírito ou opinião operária".

Por tudo isto há *"um imenso e fecundo campo de ação para os católicos ...para imprimir aos sindicalismos um rumo cristão..."*

O PAS propõe como método de ação sindical as seguintes questões:

No Brasil não é possível:

- 1- fundar sindicatos católicos. Por isto *"devemos agir para influenciá-los através dos nossos ir-*

mãos". Cabe aos Círculos orientar "com clareza e segurança os trabalhadores nas verdadeiras e superiores finalidades dos sindicatos..."

2 - diante dessa impossibilidade propomos a formação de associações distintas para zelar pelos direitos e organizar o auxílio mútuo.

Os Círculos Operários têm esta finalidade.

Recomenda que a atuação circulista deve ser reservada e discreta "para não ser neutralizada pelos adversários". O trabalho do PAS estrutura-se em um minucioso esquema organizativo:

1- Grupos de Ação Sindical-GAS (equipes de circulistas bem formados, adestrados e hierarquicamente coordenados.

Devem ter de 3 a 8 membros. Devem <sup>\*</sup>agir pelo estudo e ação e com estrutura semelhante às células comunistas às quais o bolchevismo deve principalmente a eficácia de sua propaganda".

O campo de ação : meio operário, funcionalismo público, associações religiosas.

O organograma proposto prevê toda uma estrutura verticalizada. (40)

A função destas instâncias relativas às sindicais são:

\* grupo dirigente de federação de sindicatos: promover-coordenar os programas nacionais dos círculos para o sindicalismo.

\* grupo dirigente de união sindical: fundar grupos sindicais.

\* grupo de sindicato: exercer a propaganda circulista no sindicato.

\* grupo dirigente de concentração de empresa: formar núcleos e coordenar núcleos de empresas do mesmo ramo.

\* grupo de seção de empresa: formar chefes e lideranças. É o grupo mais importante.

No programa dos cursos a serem realizados nas casas dos seus membros devem constar:

1- a questão social internacional;

2- a questão social brasileira;

3- o Ministério do Trabalho;

4- situação do trabalhador no Brasil.

4a - intercâmbio com os grupos superiores.

4b - sindicatos.

4c - jornal: " é um grande meio para instruir, entusiasmar, e cantar...".

4d - assuntos gerais.

Ao final o PAS recomendo aos circulistas calma, serenidade, paciência e humildade para serem aceitos no meio sindical e, desta forma, poderem influir nos sindicatos.

Toda a sua ação prevê organização e um conteúdo formativo.

Esta preocupação, objeto do PAS, será reelaborada ao longo dos anos.

Em 1946, o PAS transformar-se-á no Manual e de a estrutura circulista será mais hierárquica e o conteúdo de sua ação formativa se desdobrará. Mas no essencial, os princípios são os mesmos; apenas a estrutura sindical ficará mais atrelada aos núcleos circulistas.

Em 1946 os objetivos organizativos estarão subordinados à estrutura formativa dos Círculos.

Em 1957 será formada a ELO- Escola de Líderes.<sup>(41)</sup>

A primeira ELO foi fundada através de um convênio entre a confederação nacional circulista e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Na realidade, o reitor da PUC, padre Velloso, era o assistente eclesiástico nacional da confederação.

O objetivo da ELO era " *dar aos trabalhadores conhecimentos teóricos e práticos com o objetivo de habituá-los à liderança social e democrática, principalmente sindical, de acordo com a doutrina social cristã*".<sup>(42)</sup>

A ELO oferecia dois tipos de cursos:

1- cursos reguladores para a preparação trabalhista, reduzidos nos bairros e com o número máximo de 40 pessoas. Este curso, aplicado por assistentes sociais, tinha o seguinte programa:

- \* português;
- \* legislação do trabalho;
- \* previdência social;
- \* história e geografia do Brasil;
- \* relações humanas;
- \* noções de economia política;
- \* questões sociais.

2- cursos intensivos de líderes, realizados na PUC, com alunos escolhidos no curso anterior e com turmas de, no máximo, 20 trabalhadores.

O conteúdo:

- \* noções de economia política;
- \* noções de direito constitucional;
- \* legislação do trabalho;
- \* política;
- \* política internacional;

- \* questões sociais;
- \* sindicalismo;
- \* moral;
- \* oratória;
- \* contabilidade;
- \* técnica de jornalismo;
- \* liderança em reuniões;
- \* problemas operários;
- \* militância e liderança;
- \* visitas a instituições.

Até 1959 a ELO<sup>(43)</sup> havia ministrado 15 cursos por onde passaram 359 trabalhadores.

Estes ex-alunos da ELO fundaram o MOS- Movimento de Orientação Sindical, que posteriormente dará origem ao Movimento de Resistência Democrática. Esta será uma das forças que comporá, juntamente com a JOC e a Ação Católica Operária, o MRS- Movimento de Renovação Sindical, o grupo chamado de sindicalismo democrático.

O movimento circulista foi efetivamente uma importante agência de formação sindical. Foi, segundo Manfredi, após 1962, junto com a Frente Nacional do Trabalho (FNT), concorrente do Partido Comunista Brasileiro no período pré-64.<sup>(44)</sup>

Após 1964 o lugar ocupado pelo circulismo junto às agências financiadoras internacionais é ocupado pela Frente Nacional do Trabalho.

Aliás, a FNT e o circulismo rivalizavam-se entre si pela hegemonia do movimento sindical católico.

Sobre esta polêmica nos fala padre Velloso:

*"(...) Com o auxílio de mais de meio milhão de dólares destinados à América Latina, a Clasc pode desenvolver suas atividades. Destinou ao Brasil, que representa 50% da América Latina, 6% do auxílio. Várias bolsas de estudo foram oferecidas à CBTC".<sup>(45)</sup>*

#### *4-1946-1964*

Este é o período mais promissor do circulismo. Aqui seu caráter pedagógico-educativo se desenvolverá plenamente. A retórica anticomunista insere-se no discurso da Guerra Fria, na luta contra os países da chamada "cortina de ferro". Em 1946 o episcopado, ao manifestar-se sobre sua ação social, reafirma a importância já conferida pela hierarquia ao circulismo, que já compõe o secretariado social da ação católica:

*“Os Círculos Operários são próprios para serem a base dessa organização (da classe operária) no seu aspecto de instituição de assistência econômico-social aos trabalhadores de todas as categorias e de todas as origens, desde que aceitem a moral cristã, não atentem contra a família, respeitem as nossas leis e busquem suas reivindicações dentro da ordem. Que se criem imediatamente, mas com preparação muito criteriosa, Círculos Operários em todas as paróquias, estes em núcleos, instalados em suas próprias zonas de trabalho. Procure-se, além disso, que os serviços de assistência social ao operariado, onde existirem ou forem fundados os Círculos Operários, se façam por meio destes”.*

Há neste manifesto duas questões fundamentais. Uma, é a preocupação quanto à organização e consolidação do circulismo. E isto contraria afirmativas de que os círculos desapareceram após 1946.

Eles não só se revitalizam, como expandem para aquelas regiões estratégicas, onde há maior concentração operária, como é o caso da Fábrica Nacional de Motores, de Volta Redonda e ABC paulista.<sup>(46)</sup>

Outra questão é relativa ao caráter assistencial do movimento também reafirmado pelos bispos como uma tradição católica:

*“ (...) o serviço social articulado pela Igreja seria a medida indicada para se resolverem os problemas que o desenvolvimento industrial criou, via ação do laicato junto aos trabalhadores. A Igreja reconhecia os problemas/conflitos que se manifestam entre capital e trabalho e se posicionou como instituição não só com capacidade mas também com obrigação de atuar/intervir nestas relações”.*<sup>(47)</sup>

A ação social, objeto do manifesto do episcopado, trazia para a ação católica seu locus de realização. E os círculos tinham estatuto de instituição ligada a ela, embora não estivesse sob a sua disciplina.

O manifesto também nos indica como estava, em 1946, a organização católica no seio dos trabalhadores:

*“ (...) na imensa extensão territorial do Brasil existem grêmios de trabalhadores cristãos com múltiplas finalidades, ensino e mutualidade, existem milhares de operários nas nossas organizações religiosas e outros grupos se podem formar em oficinas, empresas e campos.*

*É preciso que haja um organismo unificado de todos esses elementos, em cada estado da federação e no distrito federal. Para isto fica estabelecido que as organizações destes vários movimentos operários se constituam numa central de unidade cristã do nosso operariado. Deve ser fundado, de preferência, na capital de cada estado, ou na sede das dioceses, por motivos especiais, bem como no distrito federal, um organismo federativo, em moldes amplos, que incluam também os Círculos Operários. Estes organismos federativos se unam na confederação nacional dos operários católicos, já existente com sede no Rio de Janeiro”.*

A indicação é clara quanto à lacuna organizativa. Assinala o crescimento das organizações católicas e recomenda a formação de uma estrutura nacional. Mas reconhece que essa estrutura já existe através dos Círculos.

Não fala em sindicalismo. Não há qualquer questionamento quanto à estrutura sindical vigente. Ao contrário, mais uma vez assumem para suas organizações a estrutura verticalizada e federalista própria do sindicalismo inspirado na Carta Del Lavoro.



Os objetivos de tal trabalho organizativo ficam claros :

*" (...) com o movimento operário assim unificado e para efeito das campanhas de caráter geral e representativo, cooperem a Juventude Operária Católica (JOC) e as outras seções operárias da ação católica. Desta forma teremos organizado o setor trabalhista do Departamento de Ação Social da Ação Católica Brasileira". (48)*

Parece claro que o objetivo é a montagem de uma estrutura nacional unificada para desenvolver campanhas gerais, tais como a questão da moradia operária e a participação nos lucros das empresas. Estes temas foram objeto de campanhas de âmbito nacional com grande aceitação.

Em 1946 a Confederação Nacional dos Operários Católicos (CNO) reelabora seu manual editado pela primeira vez em 1939, onde atualiza o programa, suas metas, estrutura e simbologia.

*" (...) O nosso movimento quer concretizar todo o programa da sociologia católica, traçado nas encíclicas papais, mobilizando e envolvendo em sua ação todas as pessoas, instituições e forças capazes de cooperar na realização desse programa: operários, empregadores, autoridades, clero, os homens de recursos financeiros ou préstimos profissionais, a imprensa, o rádio, etc."*

A CNO tem a sua organização, sua direção, seu boletim, numa palavra: está "planificada" (49). Saem portanto dos espaços internos do catolicismo e partem para disputar a opinião pública através dos meios de comunicação de massa.

O manual afirma, em 1964, que o circulismo "atinge 435 mil. Mantêm os círculos em seu conjunto cerca de 553 escolas com mais de 27 mil alunos, 351 médicos dão consulta aos sócios, aviando-se 40 mil receitas...". (50)

No período de 1946 a 1964 o circulismo trabalha no esforço de sindicalização e participa de eleições sindicais com chapas próprias.

Quanto à necessidade de sindicalização, diz o episcopado:

*" (...) Seja lembrado ao operariado cristão a necessidade, a urgência e o dever de entrarem nos seus sindicatos de classe e, aí, atuarem como portadores de sua formação social cristã." (51)*

Assume também a necessidade de expandir sua ação pastoral no campo, coisa que no final dos anos 50 será implementada de forma acelerada.

Esta terceira fase termina em 1964, com a crise que o circulismo vai vivenciar como consequência da sua aliança com os setores golpistas de 64:

*" (...) Eu fui procurado por eles, pelo Golbery, e por vários desses que queriam subvencionar os Círculos Operários... dizem que nós recebíamos dinheiro. Não é verdade. Agora, de vez em quando, eles me mandavam uma contribuição. Bom, eu não recusava. Eu dizia que estava bem, que eles estavam restituindo o que eles tiraram. Bom, depois de 1964, e com 1964, um problema seríssimo. Porque a Federação Internacional de Sindicatos Cristãos (Fisc) tinha fundado uma regional na América do Sul. Chamava-se Clasc, e a Clasc, com o movimento de 64, queria por força que nós começássemos um movimento violento contra o movimento... o melhor era ficar neutro, não falar... deixar correr, porque a impressão que se tinha era que dentro de quatro anos voltava. Mas aí houve uma desavença. Aí a Fisc não me mandava mais dinheiro."*

*Ficaram as escolas sem dinheiro. Na ocasião eu procurei o Golbery e disse: ' Nós não podemos receber subvenção de vocês, mas nós agora estamos com uma dificuldade financeira enorme... eu gostaria que vocês me dessem uma doação'. Sabe o que me disse? : 'Padre Velloso, nós estamos na mesma situação, a indústria não nos quer dar mais um tostão porque eles acham que o movimento de 64 acabou com o comunismo no Brasil. Eles só nos davam dinheiro por causa do comunismo. Esse tal Ipes eram os industriais que se uniram e formaram esta associação para combater o comunismo'' (52)*

O certo é que o circulismo ficou estigmatizado mesmo porque já havia surgido, desde finais dos anos 50, através de setores da ação católica (como JUC-JEC,JOC) outros grupos que buscavam trazer para si a hegemonia católica. (53)

Padre Velloso se refere aos recursos distribuídos pelo Ipes/Ibad durante o período que antecedeu o golpe militar de 64. Esse instituto financiado pelos empresários foi o ponto aglutinador e organizador das forças golpistas e, conforme Dreifuss, "patrocinou congressos nacionais" do movimento circulista. (54)

E pelas palavras de Padre Velloso podemos confirmar as indicações de Dreifuss.

É certo que o circulismo foi identificado como um movimento pró- golpista e, por isto, foi expulso da Confederação Latino-Americana dos Sindicatos Católicos(Clasc).

*"Esse apoio aos militares golpistas veio lhe custar,além da repulsa de outros setores da oposição (...), a exclusão do grupo de organizações sindicais e parassindicais articuladas em torno da Clase (hoje Clasc) e a Confederação Internacional de Sindicatos Cristãos (Cisc)..." (55)*

#### 4- 1964-1976

Neste período o circulismo dará os quadros necessários para a direção daqueles sindicatos colocados sob intervenção. O movimento será dividido porque instala-se um grande desconforto com a aliança com os militares. Esse desconforto agrava-se na medida em que o regime se torna mais autoritário e passa a perseguir os católicos.

Os Círculos se esvaziam e passam a ser dominados, como disse D. Waldir Calheiros, bispo de Volta Redonda:

*" (...) pela corrupção, já que os Círculos eram ricos, tinham muitos imóveis. Aqueles cristãos mais comprometidos se afastaram." (56)*

É um momento em que o movimento parece ter sucumbido, muito embora continuasse sendo reconhecido pelas autoridades do Estado. Os jornais da época estão repletos de notícias sobre encontros dos circulistas com os ministros do Trabalho.

#### 5- 1976-1992

O movimento circulista se reestrutura e se alia às novas organizações operárias. Enfim, cremos ser impossível falar em circulismo sem levar em consideração estas diferentes etapas do movimento, que refletem as diversas etapas vividas pela própria Igreja em busca de se recolocar no espaço temporal.

### 3- *Questões permanentes no circulismo*

A organização dos Círculos Operários insere-se nesta perspectiva: preparavam-se para viver a pluralidade, complementariedade necessária à atuação social do Estado, lutar contra o comunismo e educar as massas no Evangelho.

Os objetivos dos Círculos estavam inseridos em uma estratégia geral da Igreja católica que, desde os anos 20, buscou tornar-se ator teológico-político no cenário da sociedade brasileira. Como já dissemos anteriormente, no final daqueles anos a Igreja havia construído o Centro Dom Vital e consagrado a revista "A Ordem" como seu porta-voz mais autorizado e em torno do qual organizaram-se os intelectuais que marcaram a "Reação Católica" e a história do pensamento social da Igreja durante as décadas seguintes.

Os círculos expressaram, sobretudo através de sua plataforma e programa de metas, o pensamento católico consubstanciado doutrinariamente na "Rerum Novarum" e na "Quadragesimo Anno". Não foram concebidos só como instrumentos de disputas políticas no plano temporal, mesmo que aí estivessem ativos através de ações educativas e campanhas de sindicalização e por mais que tenham participado de eleições sindicais com chapas próprias. No manual circulista os sindicatos são definidos como agremiações operárias profissionais e, como tal,

*(...) uma associação estável de operários da mesma profissão, unidos sob a mesma direção dos chefes por eles escolhidos livremente dentre os associados, para estudar, promover e defender seus interesses comuns na determinação das condições de trabalho e salário...*"<sup>(57)</sup> Uma visão certamente permeada de corporativismo.

Os Círculos são definidos como sendo uma organização interprofissional: "*(...) é uma família de famílias, pois recebe o operário de qualquer profissão, com toda a sua família e os interesses desta...*"<sup>(58)</sup> Aí está um dos principais fundamentos do circulismo, aquele que diz respeito à ação sobre a vida privada dos trabalhadores, que intervém na família, pois este é o espaço que a Igreja pretende monopolizar como bem expressa a "Rerum Novarum". O circulismo também é definido como sendo a "*obra das obras*" para promover o auxílio mútuo, assistência médica, jurídica, instrução, biblioteca, círculo de estudos, creche, colônias de férias, hospitais, pecúlio, habitação, cooperativismo e para auxiliar na construção de um sindicalismo livre...

"O Círculo é, portanto, '*obra das obras*' e o sindicato, '*obra dos homens*' e que deve agir sobre todas as classes sociais".

Sobre isto nos fala um velho circulista:

*"Muita gente confunde as coisas, achando que o circulismo é a mesma coisa que o sindicato. No Círculo os trabalhadores iam com suas famílias assistir a um concerto musical, uma explanação sobre os direitos dos trabalhadores ou até mesmo sobre problemas do trabalho do ponto de vista da Igreja. Havia até festas e bailes no Círculo.*

*Mas não era o Círculo quem negociava os salários, os aumentos e estas coisas que, por direito, devem ser resolvidas pelo sindicato.*

*Havia uma diferença muito grande entre Círculo e sindicato porque no sindicato, como órgão quase que político, havia sempre muita disputa entre aqueles que queriam ser líderes. Já no Círculo não havia isso porque todo mundo andava direitinho conforme ensinam as Escrituras... "(59)*

O tempo, por certo, emprestou a estas lembranças um tom saudosista, tornando-as míticas mas, por outro lado, nos indica a diferença construída, a nível do discurso, entre o ser "obra dos homens" ou "obra das obras".

Ao definir sua relação com os sindicatos o manual situa claramente sua ação no campo da complementariedade:

*"(...)preparam o ambiente para o sindicato, no meio operário...promove com grande êxito a formação de sindicatos... devem manter boas relações com os sindicatos, podendo haver mesmo reciprocidade entre sócios, dirigentes e sede...os Círculos Operários exercem uma influência sobre os sindicatos, fornecendo-lhe elementos aptos, ardorosos e de orientação sadia..." (60)*

Por outro lado, esclarece o quanto pretendem intervir na vida sindical, embora não objetivem substituí-los. Sua ação insere-se numa proposta de cunho educativo e cultural de modo a cristianizá-la.

Este conteúdo educativo-cultural é visível na programação semanal do circulismo, onde existe permanentemente a preocupação com a socialização dos indivíduos no grupo, através de apresentações artísticas. O próprio ritual imposto às reuniões espelha esta preocupação:

*" (...) todas as reuniões cumpriam a mesma rotina:*

*\* instalada a reunião com a permanente presença do presidente, secretário e assistente eclesiástico;*

*\* em seguida eram apresentados os sócios já devidamente aceitos, pela plenária, como tal, e aqueles que estavam se candidatando;*

*\* passava-se à leitura de um texto com explanação doutrinária realizada pelo assistente eclesiástico;*

*\* havia um número artístico apresentado por algum sócio presente e pelo maestro Lúcio Meira..." (61)*

Esta descrição das reuniões do Círculo de Volta Redonda pode ser aceita como exemplo, já que em toda a documentação circulista a preocupação com a apresentação dos "numerosos artistas" é recorrente.

É uma recristianização que passa pela exaltação da nacionalidade, do amor ao trabalho e à comunidade circulista.

Ainda pela análise do programa do Círculo em Volta Redonda podemos apreender como era recorrente a apresentação de poesias de caráter pátrio e como as palestras giravam em torno do eixo cristianismo-trabalho-desenvolvimento-pátria. (62)

Na década de 40 o conteúdo anticomunista, dominante na década de 30, vai cedendo lugar para o conteúdo desenvolvimentista e pátrio.

Na década de 50, embora o comunismo ainda esteja muitíssimo presente, os conteúdos serão matizados com referências à justiça social e desenvolvimento.

Quanto às relações com o Estado, o manual afirma:

*" (...) não tem dele outra dependência ou relação que com outras associações com registro civil, sujeitas às leis do país. Quanto ao Ministério do Trabalho, afirma (...) os Círculos não têm nenhuma dependência, direito ou de outra ordem jurídica, além da prerrogativa de serem órgão técnico consultivo do mesmo, conforme o decreto número 7.164 de 12 de maio de 1941 ... " Mas assumem também que "(...) estabeleceu-se uma espécie de plano cordial de colaboração entre o Ministério ... e o Círculo, que é a realização prática da tão necessária colaboração entre a esfera temporal e espiritual na solução do problema social..." (63)*

Destas afirmativas podemos inferir que as relações de colaboração estabelecidas com o Estado inscrevem-se na própria cultura católica, baseada na paz social, da qual os Círculos são herdeiros. Mas não nos permitem inferir uma relação de absoluta dependência com o Estado Novo como tem sido afirmado. Não nos parece verdadeira a afirmação de que os Círculos perderam sua importância após 1945, porque é a partir dos anos 50 que eles são revigorados, através de definições mais substanciais, quanto à sua política de formação e quando se estabelecem nas principais regiões industriais de então, quais sejam: Volta Redonda, Fábrica Nacional de Motores, ABC paulista, metalúrgicos do Rio de Janeiro, e iniciam a sindicalização rural que nos anos 60 será desdobrada pela ação de outros grupamentos católicos.

Quanto à influência política, os Círculos afirmaram sua presença na medida em que os comunistas cresceram no meio dos trabalhadores, chegando a ser, no início dos anos que precederam o golpe de 1964, a principal organização católica a se contrapor e a aglutinar aquilo que ficou conhecido como Movimento de Renovação Sindical. A relação com os comunistas evidentemente sempre foi conflitiva já que

*" (...) nascidos e firmados na luta contra o comunismo organizado em partido internacional, os Círculos Operários sustentaram sempre e em toda as partes este combate, não apenas desmascarando os embustes da astuciosa propaganda bolchevista, mas principalmente divulgando a doutrina social..." (64)*

A luta contra os comunistas também enunciada nas falas papais fez-se ao longo dos anos 50 através de uma hábil propaganda anti-soviética, contra a chamada "cortina de ferro" bem ao gosto da Guerra Fria. Todavia, a ação circulista não pode ser reduzida a seu aspecto anticomunista por mais que este tenha sido importante.

O circulismo assumia algumas bandeiras presentes no movimento dos trabalhadores, como foi o caso da reforma agrária definida em seu VII Congresso, realizado em 1962 "(...) reforma democrática e cristã...". Ainda neste mesmo ano se autodefinem, em encontro realizado no Paraná, como: "(...) anticomunistas sempre, reacionários nunca!" Naquele mesmo congresso, a plataforma apresentada, ao final, nos dá uma pista de como o circulismo se incorporava àquele momento: como uma entidade que "lutava para que os trabalhadores tivessem uma vida mais digna".

A concepção de "vida digna" passou por diferentes interpretações nos textos circulistas. Nos anos 30 até 1946 esta dignidade centrava-se basicamente numa concepção de ordem, isto é, vivia dignamente aquele trabalhador que cumpria seus deveres de cidadão e cristão. Não havia

uma relação com o nível de conforto material. Após 1946, esta concepção sofre mutações porque estará cada vez mais associada às condições de vida e trabalho. Permanece ainda o sentido da ordem como expressão de bem comum, mas porque esta ordem já associa-se ao cumprimento de determinados requisitos referidos à condição de vida material.

A moral cristã do trabalho implica ordem e justiça.

O manifesto do Episcopado Brasileiro sobre a Ação Social, de 1946, expõe claramente esta nova abordagem.

*"(...)convocando todos os católicos e todos os homens que crêem em Deus, para um trabalho firme de reestruturação econômica, social, política e espiritual do Brasil... recuperação total da família, no sentido de um sólido equilíbrio de bem-estar material e espiritual".*

Este manifesto lança o novo plano do Episcopado Brasileiro visando a organizar nacionalmente a ação social da Igreja. É interessante notar que esta Igreja recém-saída das suas alianças com o Estado Novo, encontra-se diante do crescimento do Partido Comunista Brasileiro e reage se propondo a intervir no plano social através de:

1- assistência social para atender às demandas imediatas no campo da saúde, educação, alimentação, moradia e higiene. Porém, diferente da década anterior, quando sua ação definia-se como caritativa, o episcopado lembra:

*"(...)a assistência social, embora não seja a solução da questão, constitui, contudo, quando tem organização e aplicação, um elemento de desafogo....".*

2- infância e maternidade: criação de postos de puericultura nas zonas rurais e urbanas, e maternidades. Propõem a criação imediata de uma escola de enfermagem para preparar o serviço social. <sup>(65)</sup>

3- problemas dos meninos: amparar os menores, sob o ponto de vista alimentar, sanitário, escolar e social.

4- famílias desamparadas.

5- serviços gerais de saúde.

6- alfabetização.

Nessa perspectiva a ação educacional, assistencial e sindical dos católicos colaborou na estruturação do processo reivindicatório junto ao Estado e, ao mesmo tempo, na instalação do Estado corporativo secular. Os métodos educacionais <sup>(65)</sup> utilizados pelo circulismo consolidaram-se na medida em que o pensamento católico consubstanciou-se em uma *práxis*, expressa pela imprensa católica, <sup>(66)</sup> voltada para os operários na estruturação de uma educação informal e na organização de entidades sociais.

Segundo os circulistas, o movimento visava " (...)concretizar todo o programa da sociologia católica, traçado nas encíclicas papais, mobilizando e envolvendo em sua ação todas as pessoas, instituições e forças capazes de cooperar na realização desse programa: operários, empregadores, autoridades, clero, os homens de recursos financeiros ou préstimos profissionais, imprensa, o rádio... ". <sup>(67)</sup>

Esta fala expressa o grau de estruturação deste projeto católico. Há um conteúdo, baseado na idéia de harmonia e justiça oriunda da doutrina social da Igreja, a ser transmitido.

Há um público alvo definido que são os trabalhadores, independente de categoria, raça, credo. E há uma estratégia para atingir os objetivos deste projeto: a doutrinação através da educação moral a ser realizada através da imprensa, rádio, escolas, etc.

O primeiro programa de metas do circulismo, foi elaborado em 1939, quando do seu segundo congresso, e podem ser resumidas em dois campos. Primeiro, é aquele que diz respeito à sua estrutura organizativa, sua disciplinarização e relações com as estruturas da Igreja; e, segundo, aqueles concernentes à sua ação social.

Contudo, os Círculos Operários sistematizam e avançam na sua plataforma e a concebem incorporando outras falas da Igreja, do Estado ou do movimento social organizado nos sindicatos. Nessa perspectiva, se colocam permanentemente com o *locus* da *práxis* católica no meio operário e, como tal, expressando demandas, muitas das quais incorporadas pelo Estado na elaboração das leis trabalhistas, entre as quais a própria noção de salário mínimo e abonos, salário família, repouso semanal, estabilidade, etc...

#### *5- Congressos Circulistas*

O primeiro congresso, ocorrido em novembro de 1937, reuniu apenas alguns estados, sobretudo do sul do país. Já o segundo, realizado em 1940, reunindo 110 Círculos, 6 federações estaduais e representando, segundo dados oficiais, 150 mil filiados, tornou-se um marco por causa da fundação da Confederação Nacional e pelas definições assumidas, a nível nacional, a respeito da ação circulista:

*"(...)recomenda-se às federações e Círculos uma colaboração eficiente e prática com o movimento sindical- corporativista do Ministério do Trabalho, quer promovendo a fundação e reconhecimento de entidades de classes e apoiando as já existentes, quer esclarecendo os operários circulistas sobre o dever que lhes incumbe de emprestar às organizações sindicais uma contribuição leal e desinteressada".* (68)

Resolve também *"(...) elaborar o estatuto modelo do 'grupo patronal circulista', que deverá ser uma aplicação mais ampla da doutrina social da Igreja, referente à harmonia social entre o capital e o trabalho e a sistematização do ideal circulista de colaboração entre operários e patrões..."*. (69)

Outro aspecto importante desse congresso diz respeito à significativa presença estatal, com a presença do ministro do trabalho e a atenção com que Getúlio Vargas recebeu, em palácio, uma comissão circulista. No discurso do dirigente circulista podemos apreender a busca, permanente, de colaboração com o Estado e a referência ao passado para a construção de um novo patamar para a organização dos trabalhadores:

*"(...) Os Círculos Operários tiveram desde o início de suas atividades o alto e valioso apoio do governo. Basta lembrar a estimulante ajuda que o Ministério do Trabalho, através do seu titular, dr. Salgado Filho, vem prestando, lealmente, às nossas atividades... reconhecendo a eficiente colaboração dos Círculos Operários e a justiça de seu programa de soerguimento das classes trabalhistas, continua disposto a prestar*

*forte apoio ao movimento... sugere à assembléia geral... que seja entregue ao Exmo. dr. Getúlio Vargas uma moção circulista pedindo que todas as atividades sejam consideradas atividade pública..." (70)*

Durante este período de "invenção do trabalhismo", o Ministério do Trabalho desempenha uma tarefa febril de articular a montagem dos sindicatos como extensão do próprio Ministério.

Pedido que resultou, a 12 de maio de 1941, no decreto do Ministério do Trabalho, onde os Círculos foram reconhecidos como órgãos técnicos e consultivos daquele Ministério.

O IV Congresso, realizado também no Rio de Janeiro em 1945, refletiu um novo momento, quando o movimento assume mais consistência diante da sua decisão de se constituir em agência formativa e se inserir, de maneira mais agressiva, nas disputas políticas e sindicais daquele momento:

*" (...)tem a consciência de que é dever reafirmar sua posição em face dos problemas que atingem as classes trabalhistas". (71)*

No manifesto, elaborado nesse Congresso, podemos perceber como, nacionalmente, os circulistas apreendem a acentuada tensão social que o país vivia à época. Na essência, o documento reproduz a manifestação dos bispos brasileiros a respeito dessas tensões e indica os passos necessários para a elaboração de uma ação programática junto aos operários que são "*(...) os mais atingidos pela crise social*".

O Episcopado já havia tomado para si a representação legítima dos trabalhadores :

*" (...) A classe operária sabe que pode contar com o apoio decidido da Igreja, na busca de novas condições de vida, em que o bem-estar material e espiritual das famílias do povo e dos proletários seja encontrado..."*

Para os circulistas essa manifestação hierárquica é o caminho a ser percorrido porque é:

*" (...)carta de reivindicações do proletariado cristão do Brasil. Com ele nas mãos, vamos nos bater pela solução dos nossos candentes problemas, de educação, higiene, alimentação, moradia, saúde, atuação direta na vida pública do país, defesa dos nossos direitos, muitas vezes sonogados, e aprendizagem conscientes de nossos deveres..." (72)*

A manifestação episcopal significa, sobretudo, legitimação da ação programática proposta porque é a voz de Deus na Terra. Aos Círculos Operários caberão cumprir as exigências desse apostolado proposto e:

*" (...)agradecem ao Episcopado o apoio que lhes deu com tanta clareza e as diretrizes que traçou para a união do operariado brasileiro que aceita as normas cristãs na luta por suas reivindicações..." (73)*

O Círculo Operário de Volta Redonda foi criado após o IV Congresso, realizado em 1945 no Rio de Janeiro. Esse congresso redefiniu os rumos do movimento, ao propor metas que se consubstanciaram em um programa dirigido aos trabalhadores do campo e da cidade. Aos trabalhadores urbanos propõe a adoção de :

1. Justo salário para a manutenção do trabalhador e sua família, através do salário mínimo e abonos familiares;



2. abolição do trabalho noturno;
3. proteção legal da maternidade e do trabalho das mulheres casadas e das crianças;
4. fundação de conselhos por empresas com delegados operários eleitos nas mesmas;
5. instalação de habitações operárias;
6. representação política, administrativa e legislativa das diferentes profissões organizadas nos conselhos nacionais de economia e trabalho;
7. fixação da duração diária média de oito horas de trabalho;
8. indenização proporcional aos anos de serviço em caso de demissão, aplicação de contratos coletivos e criação da justiça do trabalho;
9. regulamentação da vida profissional;
10. consolidação da legislação do trabalho;
11. instalação de hospitais, refeitórios e outros serviços em todos os locais de trabalho;
12. respeito aos direitos da consciência dos trabalhadores;
13. igualdade jurídica entre capital e trabalho;
14. direito à livre associação;
15. unidade do Brasil.

São propostas inscritas numa concepção de normatização das relações de trabalho, através de regras jurídicas a serem adotadas pelo governo e que expressam aqueles princípios doutrinários enunciados pela "Rerum Novarum", propostas assistencialistas e outras de cunho político-ideológico.

Além disso elaboram uma estratégia no campo da organização, unificação e crescimento do movimento, quais sejam:

- \* efetuação da Confederação Nacional dos Católicos, proposta por Alceu Amoroso Lima em 1931;
- \* fundação de Círculos em todos os locais de trabalho;
- \* adoção pelas entidades operárias católicas já existentes dos estatutos, métodos, símbolos e programas oficializados pelo congresso;
- \* construção das federações estaduais;
- \* adesão da Confederação Nacional à Ação Católica por intermédio do seu Secretariado Econômico;
- \* intensificação da sindicalização dos circulistas para que os mesmos estejam sob o amparo das leis sociais e possam colaborar com o sindicato.

Esse programa de ação sinaliza o caráter de complementariedade, parceria a que se propunha o circulismo em relação às questões assistenciais, jurídicas ou sindicais. Mas, ao mesmo

tempo, evidencia a busca empreendida pela Igreja, de construir seus próprios canais em relação à intervenção no seio dos trabalhadores. E para tanto, a organização circulista utiliza a estrutura da Igreja para se consolidar.

A Igreja empresta sua experiência organizativa, seu domínio sobre os espaços capilares da sociedade, para tornar o circulismo uma realidade.

Porém, diferentemente da ação católica, o circulismo é um movimento que se caracteriza muito mais pelo seu caráter laico.

## NOTAS

1. MILLER, René Fulor. *Leão XIII e o nosso tempo*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1941. p.15.
2. Sr. José Felinto, forneiro aposentado e ex-comunista. Entrevista realizada em 15/08/1988.
3. ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja e Estado*. São Paulo, Kairos, 1979, p. 19-62.
4. *Idem*, p.26.
5. CAVALCANTI, Berenice. *O movimento leigo no Brasil, as relações entre Igreja e Estado:1930-1945*. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, UFF, 1975.
- GOMES, Angela M.. *A invenção do trabalhismo*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1987. mimeo.
6. Reunião do C.O.V.R., 15/07/48. Fala do assistente eclesiástico nacional, padre Leopoldo Brentano.
7. *Idem*.
8. Telegrama de D. Aloisio Lorscheider, presidente da CNBB, 1976.
9. Entrevista com Sr<sup>a</sup> Elina, presidente da C.N.T.C., janeiro/1990.
10. PORTELA, Sílvia. Texto para discussão, 1991.
11. Sr<sup>a</sup> Elina, entrevista citada.
12. Entrevista com Ernesto, militante da A.C.O. em Volta Redonda. Janeiro/1988.
13. A Companhia de Jesus privilegia sua ação educativa, vista como instrumento de evangelização, razão de sua existência. A história dessa Ordem foi marcada, ao longo dos séculos, por oposições intransigentes no que dizia respeito aos direitos de Roma, do Papa e do tomismo:  
“(...) a história está repleta de temas que jamais foram estudados com ânimo de historiador, mas em função das posições próprias do autor. A questão jesuítica é um destes temas. Dissemos ‘Questão jesuítica’ deliberadamente, pois, há uma questão jesuítica, não bem uma história aos jesuítas”.

"(...)A outra raiz do problema está no juízo de valor a cerca dos objetivos e do cristianismo em geral...".

"(...)os jesuítas ofereceram, durante largo tempo, o único tipo de ensino dado no Brasil, largamente difundido, chegando a alcançar nos colégios de artes, níveis mais ou menos universitários, com os reais colégios, verdadeiras faculdades de filosofia como temos hoje".

Estas referências estão em:

TORRES, João Camilo de Oliveira, *História das idéias religiosas no Brasil; a Igreja e a sociedade no Brasil*. São Paulo, Editorial Grijalbo, 1968. Cap. 1-2, p. 21,27.

14. MAYEUR, Jean-Marie. Le catholicisme social en France. In: *Le mouvement social*, 10-12, n. 77, 1971, p.116-121. Sobre a experiência alemã, a introdução do Manual dos Círculos Operários traz muitas informações.

15. BEOZZO, José Oscar. "A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização". In: FAUSTO, B. (org.) São Paulo, Difel, 1986. T 2, 10v, p.280-341.

16. DIEHL, A. Antonio. *Os Círculos Operários: um projeto político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul*. Tese Mestrado. Rio Grande do Sul, PUC, 1987.

17. VELLOSO, Mônica. A Ordem, uma pesquisa de doutrina política e cultura católica. *Revista política*. s.l. , 11(2), set/1978. Consultar sobre a revista *A Ordem*.

18. Sobre a história da Igreja no Brasil ver:

ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a política no Brasil*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1979.

CAVA, Ralph Dalla. A Igreja e o Estado no Brasil do século XX, sete monografias recentes sobre o catolicismo Brasileiro. *Estudos Cebrap*. São Paulo, Ed. Brasileira de Ciência, 12: 5-22, 1972.

BRUNEAU, Thomas. O catolicismo brasileiro em época de transição. São Paulo, Ibrados, 1974. Coleção Temas, 3v.

SALEN, Tânia. Do centro D. Vital à Universidade Católica. In: SCHWARTZMAN, Simon (org.) *Universidade e Instituições Científicas no Rio de Janeiro*. RJ, CNPQ, 1982.

19. BRENTANO, Padre Leopoldo. *Anais do Congresso Eucarístico de Belo Horizonte*, 1936.

20. *Idem*.

21. *Idem*.

22. PIO XI. *Encíclica Quadragesimo Anno*. AAS, 1931.AAS:Acta Apostolicae Sedis, p.91.

23. CARVALHO, Raul de. Modernos agentes da justiça e da caridade: notas sobre a origem do serviço social no Brasil. In: *Serviço social e sociedade*. São Paulo, Cortés, mar/1980, n.1, p.43-71.

24. BEOZZO, José Oscar, op, cit.

25. *Revista do Brasil*. 77: 9-11, maio/1922

26. *Anais do Congresso Eucarístico de Belo Horizonte*, 1937.

27. *Idem*.

28. Entrevista realizada com padre Velloso, ex-reitor da PUC-RJ e ex-assistente nacional dos Círculos Operários, pelo Prof. José Ricardo Ramalho em 1985. Fita 1. Lado B-6, p.1.

29. *Idem*.

30. ALEM, Silvio Franck. *Os trabalhadores e a redemocratização: estudo sobre o Estado, partidos e a participação dos trabalhadores assalariados urbanos na conjuntura da Guerra e do Pós-Guerra imediato. 1942-1946*. Tese de Mestrado. Campinas, 1985. Este autor contesta os dados oficiais de circulistas. Mas não aprofunda a questão.

31. PIO XI. *Encíclica Quadragesimo Anno*.

32. Entre os católicos estão Luiz Augusto Rego Monteiro, primeiro presidente nacional das Congregações Marianas, Waldemar Falcão, ministro do Trabalho de 1938-1941, Francisco Karam, Max do Rego Monteiro, Moacir Cardoso. in TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil*. São Paulo, Grijaldo, 1968, p.206-209.

33. *Jubileu áureo da Rerum Novarum*. Publicações C.N.O.C., 11, p.17.

34. Padre Velloso. Entrevista citada.

35. Ver principalmente. MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil. 1930-1945*. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1978.

36. Palavras de Waldemar Falcão in *Jubileu áureo da Rerum Novarum*, op. cit., p.35.

37. O problema religioso do trabalho. *Boletim do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio*. ano V, n. 55, mar/1939, p.388.

38. PAS - Texto datilografado, sem assinatura.

39. GOMES, Angela Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Tese de Doutorado - Rio de Janeiro, IUPERJ, 1987, 616 pp. Mimeo.

40. Em anexo organograma do PAS e o adotado em 1946.
41. A documentação referente à esta experiência é imensa e , por si só, merece uma pesquisa específica.
42. Estatutos da Escola de Líderes.
43. Programa Pedagógico. ELO-PUC, 1958.
44. MANFREDI, Sílvia Maria. Educação Sindical: entre o conformismo e a crítica. São Paulo, Loyola, 1985. Coleção Popular, 5v.
45. Padre Velloso, entrevista citada.
46. Ver pesquisa realizada pelo Centro Ecumênico de Documentação (CEDI), a respeito do Movimento Operário na região do ABC paulista. 1989.
47. CARVALHO, Raul de, op. cit.
48. Manifesto do Episcopado Brasileiro, 1946. obs.: as citações anteriores são deste manifesto.
49. Manual do Circulo Operário. s.l., Publicações da C.N.T.C., p.3.
50. *Idem.*
51. Manifesto do Episcopado Brasileiro, 1946.
52. Padre Velloso, entrevista citada.
53. Organizações estruturadas a partir da Ação Católica e voltadas para a organização da juventude.
54. DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado*. Petrópolis, Vozes, 1981.
55. MANFREDI, Sílvia, op. cit.
56. Entrevista à Jessie Jane em 13/07/88.

57. Manual do Círculo Operário. s.l. Publicações da C.N.T.C., p. 20.
58. *Idem.*
59. Entrevista do Sr. João Tibúrcio, mecânico de manutenção aposentado. 23/05/88.
60. Manual do Círculo Operário. s.l., Publicações do C.N.T.C., p.23.
61. Figura permanente na documentação circulista de Volta Redonda.
62. Eixos presentes na análise de Lenharo, op. cit.
63. Manual do Círculo Operário. s.l., Publicações do C.N.T.C., p.21.
64. BRENTANO, Leopoldo. Boletim da C.N.C.O., 1958.
65. Manual do Círculo Operário. s.l., Publicações da C.N.T.C., p.30.
66. DIEHL, A. Antônio. *Os Círculos Operários: um projeto político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul*. Tese Mestrado - Rio Grande do Sul, PUC, 1987.
67. Manual., p.4..
68. BRENTANO, Leopoldo. Introdução ao 2º Manual Circulista, 1938.
69. *Idem.*
70. Manifesto do IV Congresso Circulista.
71. *Idem.*
72. Manual do Círculo Operário. s.l., Publicações da C.N.T.C., p.23
73. *Idem.*

Ao longo das investigações a imagem do Sr. Valentim Marques dos Santos foi se impondo à história do Círculo Operário de Volta Redonda. É possível enxergá-lo até o final dos anos 50, quando submerge. E só reaparece, no presente, através da memória seletiva de seus pares. <sup>(1)</sup>

Trilhar o caminho desse “guardião da memória circulista” tornou-se meio mágico. Encontrá-lo, uma aventura, porque o personagem, como que se escondendo, apavora-se diante do gravador. E, por fim, depois de vários encontros, o mundo da memória se abre carregado de emoções. <sup>(2)</sup>

Nascido em 1920 na pequena cidade de Antonina, no estado do Paraná <sup>(3)</sup>, o Sr. Valentim termina por desembarcar em Volta Redonda, em 1943, o ano que “(...) ficará para sempre marcado” na memória, como aquele em que “(...) finalmente encontrei o caminho...” <sup>(4)</sup> Um encontro que marca a história desse homem e que a confunde com a de milhares de outros que terminaram por “aportar” naquela Vila que mais parecia um “canteiro de obras”. <sup>(5)</sup>

Mas, em um detalhe, o Sr. Valentim se diferenciava dos outros que, via de regra, eram “(...) analfabetos, oriundos do campo e só sabiam trabalhar na enxada...” <sup>(6)</sup> Ele havia freqüentado um seminário e com isso tivera a oportunidade de cursar até o segundo ano de Filosofia. Mas, como o seu “(...) destino não era ser padre ...”, abandonou o seminário e ingressou na Marinha, de onde saiu após cinco anos. E, nessa condição de “(...) homem do mar...”, pôde viajar até o exterior conhecendo outras culturas.

Em 1941, nosso Valentim, então piloto da Marinha Mercante, resolve desembarcar em Santos, quando, por um ano, tenta sobreviver do ofício de professor. Nada conseguindo, viaja para Niterói onde, através do bispo dessa cidade, encontra “(...) trabalho como professor... no Instituto Profissional Oswaldo Cruz, em Valença”. <sup>(7)</sup> O Instituto abrigava “(...) crianças pobres, abandonadas e consideradas irrecuperáveis” com o objetivo de “cristianizá-las e prepará-las para atividades agrícolas...” <sup>(8)</sup> Na realidade, o Instituto não passava de um desses educandários ou orfanatos, onde crianças e adolescentes eram submetidos à conhecida pedagogia dos famosos reformatórios. Esse caráter se evidencia na fala do Sr. Valentim, que nem mesmo era professor, mas sim um inspetor de disciplina de quem se esperava rigidez no trato com aqueles garotos.



Do que ficou retido no processo seletivo da memória podemos recuperar o "(...) clima de ruindade..." e o "movimento" que conseguiu realizar, como "(...) reabrir a igreja da Vila... acabar com a violência física, organizar a banda marcial e trazer a ajuda dos fazendeiros que, ao perceberem seu empenho, começaram a enviar mantimentos, agasalhos, etc..." (9)

Todavia, são ações que "(...) criam politicagem religiosa...", levando nosso bom Valentim novamente à estrada. Volta a Niterói e, em visita a um amigo, conhece um certo "capitão Magalhães", (10) um dos vários militares que compunham a direção da empresa. A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que nasceu sob a hegemonia dos militares brasileiros preocupados com o reaparelhamento do Exército, (11) foi durante décadas dirigida por generais e coronéis.

Aquele convite para ir a Volta Redonda evidencia um dos aspectos da política de recrutamento adotada pela empresa, que caracterizou-se pelo aliciamento pessoal, junto àqueles considerados mais qualificados, e pela "caça a laço", (12) expressão usada pelos "arigós", (13) àqueles homens que trabalhavam nas roças de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Nessa política de recrutamento aquele homem, "achado" pelo capitão Magalhães, tornava-se quase um tesouro, já que além de ter uma escolaridade razoável, era ainda alguém que merecia confiança pela sua formação católica.

E assim o Sr. Valentim encontra a sua "terra prometida". Era o ano de 1943 e a CSN ainda era um canteiro de obras, mas já se apresentava aos olhos do Brasil como o eldorado para onde afluíam todos aqueles que sonhavam com o paraíso na Terra. Para o nosso personagem, que passava por momentos difíceis, o sonho tornava-se realidade. Sonho que embalou milhares de trabalhadores que afluíram àquele lugar que em poucos anos tornou-se uma cidade operária modelo, não só durante o Estado Novo. Até o Governo Geisel, Volta Redonda foi parada obrigatória para todos os presidentes da República. Ali, dizia a propaganda oficial repetida pelos trabalhadores locais, se construía o Brasil. Bem ao gosto de seu maior entusiasta, o general Edmundo Macedo Soares.

Quanto à sua carreira profissional, o Sr. Valentim, que era homem de escritório, a considera como ascendente. Ao chegar trabalha, durante dois anos, na administração do Departamento de Transportes, de onde "(...) sai para a Contabilidade..." e, daí, para o gabinete do coronel Edmundo Macedo Soares, então Diretor-Técnico da CSN, de quem fala com saudades:

"(...) homem espetacular. Ele sabia conquistar, chegava, assim, de mansinho, na sala da gente às duas horas da madrugada, sentava sobre a mesa e começava a conversar com todos. Era o início da construção da Usina e havia muito entusiasmo. Todos ouviam o coronel Macedo Soares falar que a CSN era para dar trabalho ao povo brasileiro porque a partir dela surgiriam outras indústrias no Brasil. Dizia que não interessava o lucro porque o que importava para o Brasil era a matéria-prima que a CSN iria produzir..." (14)

Enfim, ele também, como tantos outros, parece ter visto nas palavras do coronel Macedo Soares a projeção do seu próprio desejo. Uma admiração que marcou a primeira geração de trabalhadores da CSN pelo seu caráter de pioneirismo e pela capacidade de trabalho que o coronel demonstrava. O trabalho era a religião de todos. Através dele nasceria um outro país.

Em 1951, o Sr. Valentim passa a trabalhar no recém-criado Departamento de Serviço Social da CSN, onde, em 1967, aposenta-se. (15)

Essa passagem pelo serviço social é emblemática. É uma pista a nos indicar o quanto foi importante para a empresa a estruturação daquela atividade a partir de 1941 " (...) com vistas à necessidade de prover os núcleos de população, formados por seus empregados e dependentes destes, dos recursos mínimos em bens e serviços de natureza social..." (16) Nosso personagem, como homem da Igreja e atuação comunitária, era prestigiado no meio dos seus companheiros de trabalho.

A origem rural dos trabalhadores vem sendo a explicação para o imenso prestígio que a Igreja católica desfrutou durante toda a história de Volta Redonda. Não temos condições de refutar ou reafirmar tal hipótese, já que para tanto seria necessária uma pesquisa específica, mas as estatísticas da empresa, referentes ao período inicial, nos dizem que 78% daqueles trabalhadores vieram das zonas rurais de Minas Gerais.

O que nos parece certo é que há uma identidade do Sr. Valentim com os objetivos do departamento de assistência social e que este desempenhou uma importante função disciplinadora, principalmente junto à "família metalúrgica", nome cunhado pela empresa e que expressa o cuidado com que ela construía sua imagem e identidade junto aos trabalhadores. Na realidade, a CSN construiu ao longo de décadas uma visão de si mesma muito bem traduzida pela imagem de "mamãe CSN" e que só começou a ser destruída em 1967 quando, através de uma reforma administrativa, desvencillhou-se dos equipamentos urbanos que havia construído e administrado até então. Nesse momento ela retira dos trabalhadores aquilo que sustentava seu mito: a garantia no emprego, perdida com o fim da estabilidade e a instituição do FGTS, e as moradias operárias. Dessa maneira, a insegurança se estabelece na "família siderúrgica". Essa situação agrava-se com as mudanças introduzidas no processo de trabalho e nas relações de produção vigentes até então e onde a figura do chefe de turno tornou-se um pesadelo na vida do trabalhador. (17)

Nesse contexto, as palavras com as quais hoje nosso personagem relembra o coronel Macedo Soares podem nos parecer sem sentido já que nem o Brasil tornou-se a potência que ele sonhava, nem os trabalhadores do Brasil tiveram a proteção necessária e muito menos os trabalhadores da CSN puderam usufruir do progresso almejado por tantos. Esse paraíso, prometido pelo coronel Macedo Soares, que começou a morrer em 1967, foi sepultado em 1988, quando filhos ou netos daqueles pioneiros admiradores de Macedo Soares viram os corpos de William, Barroso e Walmir estendidos no chão frio da morte, trazida pelas mãos daquele mesmo Exército que durante tantas décadas mandara e desmandara na CSN. Na realidade o verdadeiro encontro do coronel com todos os trabalhadores da CSN foi realizado naquele 9 de novembro de 1988, marcado pelo sofrimento e, sobretudo, pela revolta. (18)

Nosso personagem, como bom católico (afinal quase foi padre), ao chegar a Volta Redonda se apresenta ao vigário, padre Piquet. Na Vila só havia a igreja matriz Santa Cecília, construída pelo coronel e "(...) de onde era possível ver todo o trabalho que, lá embaixo, estava sendo executado..." (19) Essa posição geográfica da primeira igreja construída naquela vila nos parece simbólica porque é como se, do alto do seu poder, ela assumisse explicitamente a tarefa de supervisionar o trabalho daqueles homens que, lá embaixo, realizavam a obra de Deus sobre a Terra. Posição que também simbolizava uma ação educativa, baseada na moral do trabalho e que durante a década será objeto de intensa troca epistolar entre o coronel Edmundo Macedo

Soares e o bispo de Barra do Piraí, D. Agnello Rossi, para quem Volta Redonda era a empresa e com quem ele estabeleceu estreitos elos, a ponto de ter toda a estrutura material da Igreja na região montada pela CSN.

*"(...) Dedicaremos nossa missão a educar essa gente rude. É preciso torná-los trabalhadores dóceis e isso só será possível através do Evangelho..." (20)*

O Sr. Valentim passa a trabalhar com a Igreja até que, em 1946, aparece um certo padre Leopoldo Brentano *"(...) trazido pelas mãos dos padres Debret, Geraldo e Francisco, todos estrangeiros. Esses padres haviam resolvido fundar o Círculo Operário em Volta Redonda..." (21)*

Dos Círculos Operários, o Sr. Valentim nada sabia até então. Mas, como bom católico e amigo dos padres, resolve que, se era para implantar a doutrina da Igreja, a proposta só poderia ser boa, porque *"(...) os Círculos propunham a execução das Encíclicas, que eram, na realidade, isso que se chama hoje de Igreja Progressista... a doutrina dos Círculos nada mais era do que a aplicação da justiça social do ponto de vista da Igreja católica... elaborada pelo Papa Leão XIII e pelos papas posteriores para tirar o homem do chão..." (22)*

Essa leitura pessoal por certo expressa muito dos significados enunciados por Leão XIII na sua Encíclica "Rerum Novarum". Por outro lado, na lembrança, os tempos se cruzam de forma a tornar ainda mais ideal aquele encontro, já que o Sr. Valentim, numa evidente rejeição aos tempos atuais, sonha como seria hoje com o circulismo atuante: *"(...) Precisávamos ter os Círculos hoje, na nossa Igreja, porque eles podiam ser uma potência. Não para fazer briga, subversão, estas coisas que assistimos agora. Mas para ensinar aos homens a enfrentarem o empregador com razão..." (23)*

Há nesse saudosismo uma evidente reprovação à maneira como os conflitos sociais estão sendo enfrentados naquele momento em que o encontramos.

A doutrina contida na "Rerum Novarum" referenda o nosso guardião na sua negação do conflito. A idéia de justiça, baseada na busca da paz, permeia as suas angústias, pois ele acredita na possibilidade de assim ser ouvido pelo poder: *"(...) Os Círculos poderiam fazer com que o homem, lá de cima, se sentisse na responsabilidade de Pai porque se ele pega um homem que dedicou a sua vida ao trabalho, então ele tem obrigação..." (24)*

Em linhas gerais estes são os objetivos atribuídos por nosso guardião aos Círculos como depositários da doutrina católica *"(...) porque o ser humano é corpo sem alma..."*

Em 1946 foi inaugurado o Círculo Operário de Volta Redonda *"(...) no salão da igreja Santa Cecília, com a presença do padre Brentano, de inúmeros trabalhadores e do diretor industrial da CSN, engenheiro Paulo César Martins..." (25)*

O discurso do fundador dos Círculos Operários no Brasil, padre Leopoldo Brentano, pronunciado naquela ocasião, expressa o significado atribuído pela hierarquia católica à ação circulista, considerado apostolado:

*"(...) É nossa intenção ajudar Volta Redonda e, por isso, conclamamos a todos os operários, assim: compreendendo funcionários e todos aqueles que tenham patrões, a participar em das atividades do Círculo..." (26)*

Em poucas palavras o assistente nacional dos Círculos define o que o circulismo entende por operário e, ao fazê-lo, explicita sua noção de colaboração de classe. Explica também o caráter de complementariedade que o circulismo se atribui em relação à CSN. Mas, sobretudo, afirma sua autoridade de Igreja ao expor planos, significados e fins do circulismo: “(...) desse empreendimento, dirigido no sentido cristão da caridade, função divina e dignificante do trabalho. Mas para que exista essa ação é preciso que haja muito respeito e responsabilidade entre patrão e empregados...” (27) São palavras que reafirmam os princípios constitutivos da própria doutrina social da Igreja, baseada na harmonia, tradição e ordem. Questões colocadas naquele momento por empresários e governantes em busca de colaboração. Discutia-se um projeto de intervenção a longo prazo para “adaptar” o contingente de mão-de-obra às novas relações de desenvolvimento capitalista.

Mas os circulistas não são os únicos a se pronunciarem naquela ocasião, pois a CSN, através de seu representante, engenheiro Paulo César Martins, também se dirige aos presentes falando do “(...) sentido de cooperação que tem norteador as relações entre trabalhadores e esta diretoria. Cooperação com profundo sentimento cristão e patriótico para que o Brasil, em breve, tenha a maior Companhia Siderúrgica do continente. O Brasil, o povo brasileiro, precisa dessa cooperação...” (28)

A presença da empresa sugere sintonia de propósitos. A esse respeito é importante observar como o discurso empresarial referente ao trabalho parte dos mesmos lineamentos do catolicismo. (29)

O mundo do pós-guerra achava-se receptivo à idéia de cooperação, já que a tecnologia por si só não havia resolvido o problema da paz entre os homens. Nesse contexto, o tema da recristianização retoma seu lugar nos debates, polarizados pela Guerra Fria. O apelo da terceira via, o solidarismo, se coloca na cena política e, nele, os católicos apresentar-se-ão como portadores de uma mensagem balizada nos princípios doutrinários enunciados pela “Rerum Novarum” e reafirmados por Pio XI na carta encíclica “Quadragesimo Anno”. Apesar do registro, que indica o caráter das relações existentes entre a CSN e o Círculo, a memória seletiva do nosso guardião nega que esse espírito tenha presidido aquela relação, negando inclusive a presença da empresa naquele ato: “(...) na primeira reunião a diretoria da CSN não estava. Estávamos só nós, os padres e os operários. Até o sindicato estava lá porque ele dava força para o Círculo. Nós mostrávamos para eles a doutrina e eles nos ouviam. Naquela noite lá estava o Alan Cruz. Os operários freqüentavam o Círculo. A igreja estava cheia!...” (30)

Entretanto, a memória do nosso guardião é traída pelos registros oficiais do próprio Círculo, onde não consta a presença do sindicato. Nem podia, já que o mesmo não existia como tal. Era, então, apenas uma associação profissional, sediada em Barra Mansa. (31)

Desse modo o nosso guardião vai contando a história do Círculo Operário, lembrando que o mesmo era um espaço importante de lazer e, ao mesmo tempo, de encontros dos trabalhadores com os dirigentes da empresa:

“(...) após os shows, os diretores da CSN chegavam, faziam uma roda com os trabalhadores e, ali, surgiam as melhores idéias que terminavam virando leis dentro da CSN...” (32)

Estes momentos de lazer se inscrevem numa estratégia de controle, já que tornavam-se

um espaço onde alguns problemas eram discutidos e até mesmo avaliados com a chefia. Mais do que isso, são indicativos do clima de tensão vivido no dia-a-dia e que precisava ser quebrado pela discussão dos problemas mais imediatos. O clima dentro da usina sempre foi muito tenso e a consequência mais evidente disto é a quantidade de normas disciplinares que compõem os diferentes regulamentos da empresa. Além das informações contidas nos boletins de ocorrência nos indicando as dificuldades existentes nas relações entre chefias e operários já marcadas até mesmo por assassinatos nos canteiros de obra, o nível de absenteísmo era também imenso, principalmente logo após o pagamento, quando o alcoolismo tomava conta dos alojamentos. Há permanente preocupação da empresa em relação a este problema. Havia, por certo, uma grande dificuldade de adaptação ao trabalho fabril. Dificuldade presente no discurso da Igreja ao se colocar como coadjuvante no processo de construção da nova mão-de-obra necessária ao desenvolvimento industrial: "(...) É nosso dever buscar estes trabalhadores e trazê-los para o seio da Igreja. Para que possamos afastá-los da depravação do álcool..." (33)

Sobre aqueles encontros fala o Sr. Valentim mas de modo a tornar aqueles momentos inesquecíveis pelo seu caráter integrador, que indica a índole passiva dos trabalhadores: "(...) assim, as melhores leis sociais surgiram dessas conversas, por exemplo a Resolução de Diretoria de 12/59 proporcionou aos operários com tuberculose, cegueira e outras doenças, tratamento pago pela empresa, a própria lei que criou o Serviço Social, o auxílio funeral..." (34)

São falas que nos remetem novamente à concepção de justiça instrumentalizada pelo Sr. Valentim, como algo que existe a partir da iniciativa da CSN, mas "com participação".

Por outro lado, é preciso recuperar a dimensão que o lazer adquire para o circulismo.<sup>(35)</sup> Como o objeto de sua ação era o trabalhador e sua família, o movimento buscava fazer com que todas as reuniões do Círculo começassem e terminassem com algum número musical, animado pelo maestro Lucio Meira, pela leitura de algum poema ou por qualquer outra atividade cultural, sempre realizadas pelos próprios circulistas. O lazer, apreendido como momento do não-trabalho, era rigorosamente planejado de modo a inseri-lo no processo educativo em curso.

Ao aproximar-se a eleição da primeira diretoria do Círculo, sob a orientação do assistente eclesiástico, são definidos os critérios que deviam nortear a escolha daqueles que iriam dirigir a entidade:

"(...) escolha zelosa e prudente de elementos honestos, esforçados, sem paixões políticas nocivas aos ideais e prosperidade do Círculo e que nem sempre a capacidade e belos discursos, que impressionam, revelam..." (36). Há, portanto, uma preocupação na escolha pois os dirigentes circulistas deveriam ser apolíticos.

Na primeira diretoria do Círculo, nosso guardião será o primeiro secretário, de onde só sairá para a presidência em 1950/51 e 1955/56, quando, aos poucos, desliga-se do Círculo porque "(...) passa a existir politicagem e o Círculo vira marionete da CSN..." (37). Contudo, essa explicação para seu afastamento não se sustenta já que as atas do Círculo nos indicam que o "(...) COVR vem recebendo valiosos benefícios da diretoria da CSN..." (38)

A preocupação em desqualificar a política é permanente no discurso circulista porque, como *locus* do divino, representado pela Igreja, não deve ser confundido com o temporal

*"(...) a Igreja seria a testemunha divina no mundo ao mesmo tempo o lugar por excelência da unidade dos homens que em comunidade respondem ao 'apelo de Deus' ..."* (39)

A política é coisa dos homens e sujeita às imperfeições e, como tal, deve ser criticada pelos católicos. Mesmo quando se envolvia explicitamente em disputas políticas, o Círculo continuava fazendo a apologia da não-política.

Outra questão importantíssima para o circulismo era a formação dos seus dirigentes. Essa permanente preocupação está colocada em diferentes documentos. Porém, na década de 50 essa questão torna-se ainda mais urgente porque o dirigente circulista, com a agudização do movimento de massas e a presença ofensiva dos comunistas, terá que enfrentar inimigos bem preparados. Uma visão rápida da conjuntura política do país, que emergiu com a redemocratização, nos mostra uma outra realidade, muito diferente daquela que os católicos apoiaram durante o Estado Novo. E para compreendê-la os circulistas realizam um congresso e elaboram, através da Confederação Nacional dos Círculos Operários, uma série de cartilhas com o objetivo de

*"(...)ajudar os dirigentes circulistas no cabal desempenho dos seus cargos e de lhes aprimorar a formação técnica, espiritual e apostólica..."* (40)

Nessa nova conjuntura, os dirigentes precisavam de uma formação mais sólida e abrangente porque o nível de enfrentamento havia aumentado e não podiam mais ser acompanhados permanentemente pelos padres. Na nova realidade os leigos precisavam assumir maiores tarefas e, sendo assim,

*" (...) nem todos os que querem devem ser escolhidos... nosso tempo se caracteriza pela audácia. A observação fria e atenta do comportamento do homem na sociedade através dos tempos, nos faz estupefatos ante a audácia com que agem os seres humanos dos nossos dias... solicitados pelos seus interesses nem sempre bem regados. Em associações econômico-sociais, como o Círculo Operário, é comum o aparecimento de pessoas, que, aparentando inextinguível boa-vontade, ocultam com o máximo cuidado sua verdadeira intenção de se candidatarem a postos de direção "* (41)

A crer-se nas advertências do assistente nacional, todas as pessoas que se aproximavam de qualquer associação eram, em princípio, oportunistas em potencial. As causas para tal comportamento humano eram, no seu entender, várias, mas, naquele momento, a que mais fomentava essas desconfianças eram as eleições políticas, diante das quais fazia-se necessário tomar alguma posição para evitar que as mesmas interferissem no movimento:

*"(...)É verdade que as resoluções do IV Congresso Nacional dos Círculos Operários, realizado em 1945, e o estatuto da Confederação conferem à sua diretoria e às diretorias das federações o poder de orientar os Círculos no terreno político, mas daí a apoiar a pretensão dos que não vacilam em tripudiar sobre as normas orientadoras do movimento circulista..."* (42)

Esse congresso foi considerado um marco pelos circulistas porque, entre outras definições importantes, foi o início de uma articulação a nível latino-americano do movimento que

a partir daí estabeleceu-se na Argentina, através da Federación de Obreros, no Uruguai e na Venezuela. Nesse mesmo ano, como desdobramento dessa articulação, aconteceu em Santiago do Chile a Semana Interamericana de Ação Católica, numa explícita ofensiva à iniciativa comunista de formar Confederação de Trabalhadores da América Latina. Além desse aspecto organizativo, o congresso também foi importante no que se refere às redefinições políticas e metodológicas do circulismo, que a partir daí passa a centrar sua ênfase no caráter político-educativo a ser realizado através das organizações de lazer, assistenciais e de cursos profissionalizantes a serem ministrados com a ajuda dos empresários. Ainda no plano organizativo, definem que as organizações devem ter um caráter de massa e serem voltadas para a arregimentação de amplas camadas dos trabalhadores. Definem também que essas organizações deveriam estar situadas naqueles lugares de maior concentração operária, onde os comunistas estivessem presentes e onde houvesse importantes empresas estatais. No plano da política a luta contra o comunismo continuou sendo importante mas perdeu a centralidade que havia tido em períodos anteriores. Agora os problemas relativos à situação de vida das massas trabalhadoras ganhavam emergência e fazia-se necessária a presença católica. No plano sindical a relação com os sindicatos oficiais estreitou-se e, quando estes foram liberados da intervenção estatal, os Círculos se jogaram nas eleições sindicais através de uma imensa campanha contra os comunistas e os petebistas. No plano partidário os Círculos, assim como toda a hierarquia da Igreja, aproximaram-se da União Democrática Nacional (UDN), nas cidades, e, no campo, do Partido Social Democrático (PSD).<sup>(43)</sup> Mas essa proximidade não se dava a nível institucional porque oficialmente a Igreja não se alinhava partidariamente.

No caso de Volta Redonda o estreitamento de relações com a UDN chegou ao paradoxo, tendo, inclusive, a presença do então diretor da CSN e deputado daquele partido, Paulo Mendes, na cotidianeidade da entidade.<sup>(44)</sup>

Portanto, apesar do discurso apolítico ou antipolítico, o movimento circulista assumia para si a tarefa de orientação política e não se furtava em participar explicitamente de movimentos políticos:

*"(...) Sou de opinião que uma educação política, no bom sentido do termo, é indispensável a todos os cidadãos e especialmente aos operários, mas sou intransigentemente contrário à idéia de se descer para o terreno partidário, envolvendo os Círculos Operários..."*<sup>(45)</sup>

Exceto, evidentemente, contra o Partido Comunista " porque é contrário à natureza humana e cristã". Apesar desta oposição, o Partido Comunista sairá fortalecido das eleições de 1946 sendo que, em Volta Redonda, foi eleito deputado constituinte Alcides Sabensa, um carpinteiro que havia trabalhado na construção da usina Presidente Vargas<sup>(46)</sup> e fundador do Sindicato dos Metalúrgicos. Depois desta eleição apenas mais um operário será eleito deputado, em 1988.

O crescimento do movimento de massas, em especial a luta operária e sindical, arrefeceu o conservadorismo governamental que desencadeou uma violenta repressão aos trabalhadores. No entanto, as relações da Igreja com Dutra parecem ter sido muito especiais. Com os Círculos Operários certamente o foram, segundo nos indica extensa correspondência do padre Eurico Cavalcanti, assistente eclesiástico dos Círculos Fluminenses. Esse padre, oriundo da terra do coronel Chico Heráclito, com quem tinha íntima relação, deixou inúmeras cartas e cartões onde seus ami-

gos e familiares lhe pedem empregos e toda sorte de favores em nome das boas relações de Dutra com a Igreja. Essa relação também é afirmada por outros padres e por diversos bispos do interior do Nordeste que, em extensa correspondência enviada àquele padre, apelam para seus préstimos junto ao governo central com quem a Igreja mantinha excelentes relações. (47)

Porém, essas relações, que se reproduziram durante toda a década, devem ser analisadas à luz da institucionalidade católica e não nos termos em que o fazem inúmeros autores que identificam a Igreja com o chamado populismo (48) e desqualificam sua intervenção no plano teológico. Mas ao fazê-lo terminam por subestimar a capacidade de intervenção da Igreja no plano temporal, já que esta o faz através do seu poder sobrenatural. (49) Ao analisarmos as atas, relatórios e as resoluções dos congressos e diferentes encontros nacionais, realizados até 1962, podemos perceber como o circulismo vai assumindo as demandas sociais colocadas pelas diferentes conjunturas políticas e como as traduz na sua ação teológica, política e principalmente educativa.

É, portanto, para enfrentar uma conjuntura de confronto que o circulismo, em 1945, elabora os planos e os critérios a serem observados na formação de um dirigente circulista:

*"(...) O dirigente deve apresentar qualidades indispensáveis ao exercício de qualquer cargo no Círculo Operário. Não será possível enumerar todas as exigências para tal, mas as principais são estas:*

- 1 – Ser cristão: é evidente que, se vai trabalhar por uma associação cristã, forte e perfeita, não poderá prescindir dessa qualidade. Só o cristão pode entender e ensinar com êxito a doutrina social do circulismo.*
- 2 – Ter aptidão para o cargo.*
- 3 – Ter suficiente boa vontade para exercer o cargo.*
- 4 – Não querer concentrar em suas mãos todos os interesses e a direção toda do Círculo.*
- 5 – Ser um idealista sincero e como tal aceitar o cargo.*
- 6 – Não dar ao seu trabalho um cunho exclusivamente individual, de maneira a substituir a própria entidade que dirige.*
- 7 – Não se valer do cargo para proveito pessoal.*
- 8 – Estudar constantemente a maneira mais eficiente de exercer o seu cargo.*
- 9 – Tratar seus companheiros de diretoria com urbanidade e não guardar ressentimento, quando for voto vencido.*
- 10 – Não relatar a terceiros, em hipótese alguma, o que se tratou em caráter sigiloso, em reunião da diretoria. (50)*

Esse último item pode nos indicar uma certa tendência à confraria, um certo ar de conspiração. Mas não encontrei em outros documentos nenhuma referência mais explícita em relação a tal tendência. A falta de registros organizados e a pouca disponibilidade para falar sobre o movimento não diferem da tradição brasileira. Talvez os circulistas tenham mais dificuldades em explicar sua participação, porque não pode ser descrita em grandes ações como greves, mas sim na participação em cursos, seminários, saraus e movimentos mais restritos e aparentemente destituídos de importância.



Para falar sobre o movimento é necessária uma certa formação no que se refere à questão social e aos seus fundamentos teológicos. Entre todos os entrevistados, no decorrer desse trabalho, poucos foram aqueles que entendiam estas questões, mas todos se lembravam com saudade do tempo em que eles podiam reunir-se semanalmente para ouvir o maestro Lucio Meira ou para declamar uma ou outra poesia. Contudo, fazem uma clara distinção entre os espaços do sindicato, onde se falava de salários, e os do Círculo.

A preocupação com a formação dos dirigentes circulistas durante toda a década de 50 reflete, sobretudo, uma dificuldade quanto “à carência de elementos aptos para assumir a direção do movimento. E para resolver tal desafio, apelam para a Igreja tentando mobilizar o conjunto do clero. Até então o apostolado circulista havia ficado a cargo dos jesuítas, o que precisava ser modificado já que a demanda tornava-se cada vez maior:

*“(...)Penso, todavia, que há um fator decisivo para a solução deste problema: a formação social do clero e o apoio completo das autoridades eclesiásticas ao movimento. Poucos são os Rumos. padres que conhecem o movimento circulista sob todos os seus aspectos e compreendem o alcance de suas atividades econômico-sociais a favor da Igreja...” (51)*

Para sensibilizar o clero a Confederação publicou uma série de cartilhas, pedagogicamente elaboradas de modo a torná-las um instrumento na formação dos seminaristas e dos novos padres, no que se refere à questão social. Através desse material podemos perceber as dificuldades vividas por aqueles que se propunham a tal tarefa, já que o currículo dos seminários até então não contemplava os fundamentos teológicos necessários ao exercício do apostolado proposto pelo Círculo:

*“(...) Poucos percebem que o Círculo Operário, como associação eminentemente católica e de caráter econômico-social, é um ambiente excelente para o apostolado. Movimento leigo, mas baseado nos Santos Evangelhos e na doutrina social católica, constitui o circulismo uma porta aberta, para que os Rumos. Padres tomem conta da massa operária e possam tangê-las, com êxito, para o aprisco divino...” (52)*

É sempre importante ressaltar a ênfase que o circulismo dá ao papel institucional da Igreja. E não se constringe em lançar mão do prestígio dessa instituição para alargar sua penetração no meio operário. Assumem que há uma disputa sendo travada no seio dos trabalhadores entre os católicos e as forças consideradas subversivas. Nessa disputa era necessário que a Igreja se assumisse como agência formadora de opinião.

*“(...)Parece fácil de perceber que ao padre todas as portas se abrem, porque ainda inspira confiança. Ora, por que não se utilizar esse privilégio, para devolver à Igreja o prestígio de que sempre desfrutou ante os trabalhadores?...” (53)* E definem os objetivos do circulismo em consonância com essa realidade.

A primeira finalidade do Círculo é educativa, no sentido evangelizador e político. E para executar seus objetivos lançam mão do aparelho eclesiástico. *“Ora, é evidente que para constituírem uma organização cristã forte e perfeita, os operários precisam de formação e esta só advém de um trabalho corajoso e constante de esclarecimento que lhes proporcionem uma ação exata de seus direitos e deveres correspondentes. Isto não se faz através de um esforço particular de um grupo de leigos, ou de alguns sacerdotes, mas sim sob a orientação sábia e infalível da Igreja...” (54)*

Evidencia-se o caráter hierárquico dos Círculos e sua profunda relação com a instituição eclesiástica. Por isso um dos critérios mais importantes para a escolha dos seus dirigentes será a obediência e a capacidade de aceitar as orientações dos assistentes eclesiásticos. Aliás, na própria história do nosso guardião está presente esse caráter quando o colocamos no centro da história do Círculo de Volta Redonda e o retiramos no final dos anos 50, pois os motivos do seu afastamento tornam-se evidentes ao longo de toda essa década, quando o novo assistente eclesiástico não mais o fortalece como aquele que o representa nas questões de ordem doutrinária.

Esse comportamento parece refletir não um maior envolvimento do Círculo com a CSN, como afirma o Sr. Valentim, mas sim a mudança na natureza dessas relações. Se antes eram marcadas pela complementariedade e colaboração em relação à empresa, agora são coadjuvantes, isto é, os Círculos passam a ser dominados por grupos de poder existentes dentro da empresa. É o reflexo da política de alianças com a UDN, que mantém através do coronel Edmundo Macedo Soares, o controle da empresa até 1962. Por outro lado, o afastamento do guardião indica uma oposição a esta política. Coisa que evidencia-se em outras falas que apontam divisões dentro do Círculo no período que antecede imediatamente ao golpe de 64. O apoio aos golpistas parece não ter sido tão tranquilo, como de fato não o foi no conjunto da Igreja católica.

De qualquer forma até 1962 tais relações podem ser apreendidas através da intensa correspondência travada entre aquele coronel e o bispo de Barra Mansa, D. Agnelo Rossi. Dessa relação, como procuramos mostrar, nasceu toda a infra-estrutura da Igreja na região.

*"(...) é mister nossa união para não permitirmos a destruição desta obra milagrosa que é a CSN. O Brasil precisa dessa união contra os radicalismos..." (55)*

Em 1947, o Círculo Operário de Volta Redonda funda a Biblioteca São Francisco de Assis, a primeira da Vila. Volta Redonda ainda não é uma cidade, mas por lá já circulam alguns jornais, tais como: "O Siderúrgico" (56) (órgão da CSN), "Informativo Gacemss" (porta-voz do clube dos funcionários da CSN, o primeiro da cidade e que aglutinava somente os trabalhadores "do escritório central pra cima", como fez questão de ressaltar seu fundador em entrevista à revista do sindicato dos metalúrgicos), (57) "O Lingote" (substituiu o "Siderúrgico"), "A Tribuna de Volta Redonda" (de comerciantes), "O Revérbero Autonomista Voltarredondense" (do grupo que lutava pela emancipação).

No ano de 1948, o Círculo de Volta Redonda lança "O Trilho", órgão oficial da entidade. Na realidade era um boletim, com frente e verso, trazendo notícias sobre a sua programação social. Algo que ficou registrado só na memória de uns poucos, entre eles, evidentemente, o Sr. Valentim:

*"(...) O jornalzinho chamava-se 'O Trilho' por causa do trem 'arigó' que trazia e levava os operários, mas era também por causa da expressão 'colocar nos trilhos'. Nós queríamos colocar tudo nos trilhos..." (58)*

Essa imagem é perfeita já que era essencialmente este o objetivo da ação circulista. E para tanto, a montagem de equipamentos culturais, no caso a biblioteca, inscreve-se nesta estratégia. Embora não tenha sido possível saber quais os livros que ali existiam.

Para ser aceito como sócio do Círculo em Volta Redonda era necessário ser apresentado por outro sócio na reunião da executiva da entidade. Ali a proposta era analisada e a decisão levada para a reunião geral, na qual participavam todos os sócios. Uma vez aceitos, os novos eram apresentados ao conjunto dos sócios e esse ritual era marcado por momentos festivos que podem ser caracterizados como um ritual de iniciação. Aos associados era reservado o direito de votar e ser votado para os cargos de direção da entidade, obter assistência jurídica, médica, farmacêutica, social e participar de todas as atividades culturais realizadas, tais como bailes, saraus, escotismo e dos cursos de corte e costura, alfabetização e qualquer outro curso profissional ali realizado.

Não era necessário ser operário para ser aceito como sócio do Círculo. Bastava ser considerado idôneo, cristão (não se falava na necessidade de ser católico) e se interessar em ter uma vida comunitária. O sócio participava da vida do Círculo com toda a sua família. Na realidade a participação das mulheres sempre foi muito intensa porque lhes era dado o "direito" de organizar festas, cursos, palestras, etc...

Quanto à escolaridade, não havia qualquer exigência nesse sentido, já que este assunto não consta de nenhuma norma ou regulamento circulista. No caso de Volta Redonda essa questão só vem à tona a partir da primeira eleição, onde seria eleita a diretoria do Círculo. Conforme registro constante da Ata da reunião da diretoria do dia 27 de março de 1947:

*"(...) especialmente convocada, teve lugar a assembléia geral eleitoral, reunida no alojamento 26, sede atual do 'C.O.V.R', com o fim de eleger a 1ª Diretoria desse Círculo, os trabalhos se iniciaram às 19h e 30 min, conforme estabeleceu a convocação..." (59)*

O fato da assembléia realizar-se no alojamento 26 significa que o Círculo até então não tinha sede e se reunia no local onde moravam os trabalhadores. Nessa época a empresa ainda estava construindo suas moradias e a maioria dos seus trabalhadores vivia em acampamentos. No caso dos trabalhadores braçais, estas moradias só foram, em parte, construídas no final da década de 50, quando sindicato e Círculo se unem para obrigar a empresa a resolver tal problema. Volta Redonda, apesar do seu imaginário ter sido construído a partir da mística de que a empresa fornecia aos seus trabalhadores toda a infra-estrutura necessária à sua reprodução, sempre viveu o drama da moradia operária. A empresa fez primeiramente as casas que abrigaram os engenheiros, depois os técnicos e "pessoal do escritório central pra cima" (60) e só quase dez anos mais tarde terminou a construção da vila operária, que mesmo assim nunca deu conta da demanda.

É por isso que a primeira sede do Círculo era no acampamento e ali certamente ele tinha uma representatividade maior porque fazia parte do cotidiano da vida dos trabalhadores. Mas, mesmo assim, aquela eleição não pôde ser realizada porque apenas 52 pessoas estavam aptas a votar, isto é, só estas pessoas estavam em dia com suas mensalidades. Esse acontecimento foi relevante porque provocou uma polêmica sobre o voto do sócio analfabeto, questão até então ausente das preocupações circulistas, mas que estava constitucionalmente definida no Brasil onde o analfabeto não tinha o direito de votar e ser votado. No caso da CSN a questão tornava-se ainda mais relevante porque, segundo depoimento do coronel Macedo Soares, a maioria dos trabalhadores era analfabeta. E apesar dessa realidade o estatuto do Círculo omitia os direitos desses analfabetos. Da polêmica resultou o seguinte:

*"(...) Convocação, para o mês de abril, quanto à votação seria realizada com qualquer número de sócios e ficou acertado que seriam respeitados os direitos dos analfabetos de escrutínio secreto em igualdade com os demais... foi aprovada a seguinte maneira: o sr. padre assistente eclesiástico e mais dois fiscais indicam ao votante analfabeto as chapas e vão com ele à cabine, tão somente para orientar a discriminação das chapas e se retiram logo após, deixando a sós o eleitor, que escolherá a chapa de sua preferência e a colocará na sobrecarta em secreto ainda dentro da cabine..." (61)*

Essa discussão nos indica a magnitude da questão do analfabetismo na Vila e pode nos responder porque o Círculo se mobilizou tanto para tentar resolvê-lo pela via de cursos de alfabetização. Todavia, não há maiores registros escritos sobre o assunto, há apenas depoimentos e pistas que nos indicam a sua gravidade. O certo é que esse problema era nacional. Na década de 40 a população brasileira era de 41.236.315, sendo que 42% desse total eram analfabetos e, em 1950, essa população passou a ser de 51.944.397 habitantes, sendo 53% analfabetos. (62)

Além das dificuldades surgidas quanto ao direito e, depois, quanto à maneira como os analfabetos votariam, há indícios da existência de disputas no interior da entidade. Disputas referidas à identidade que a entidade deveria assumir.

Sendo assim, podemos inferir que já essa primeira eleição do Círculo se inscreve num contexto que se tornou uma tradição e que preside permanentemente todos os espaços organizados da sociedade local, ou seja, a eleição para qualquer cargo representativo é sempre realizada sob acirrada disputa. Nestas ocasiões o aspecto lúdico destas disputas evidenciam-se. Há também nítidos sinais de dificuldades em lidar com opositores. Sinais de profunda intolerância.

Todavia, tais disputas e a problemática dos analfabetos também sumiram das lembranças do nosso guardião, que se refere a esse tempo como sendo de *"plena harmonia e sem preconceitos"*. Uma ausência que não se sustenta diante das atas do próprio Círculo que nos relata como foi realizada aquela eleição:

*" (...) o alojamento 26 cheio de operários e diretores da CSN, o presidente em exercício abre os trabalhos para assegurar o processo eleitoral. E, para tanto, convida para compor a mesa os convidados especiais passando a apresentar as chapas homologadas para que estas designem seus fiscais para acompanhar os trabalhos..." (63)* A disputa toma ares de conflito. De um lado, usa a palavra o comerciante Leonel Dacol, candidato a vice-presidente em uma das chapas:

*" (...) A votação começou pela chamada em ordem alfabética, sendo logo suspensa por sugestão aceita. Minutos após verificou-se a impraticabilidade da medida. Ao final, foram 180 votantes. Deliberada a apuração mediante a numeração de uma cédula, o que foi feito na presença de todos os candidatos dissidentes no pleito (...) verificou-se o seguinte resultado..." (64)*

A composição dessas chapas parece indicar a presença da cidade que não estava sob o controle direto da CSN, representada pelo comerciante Leonel Dacol. Em contrapartida, o capitão Dante Vilela, outro militar da empresa, pode ser pensado como o representante da visão totalizante que a empresa tinha dos espaços sociais e, como tal, propunha dominar também o Círculo. Para a CSN era intolerável a existência de qualquer representação que não se subordinasse a seu controle. O fato da ata se referir à presença de *"operários e diretores"* sinaliza que as disputas

estavam centradas aí. Era a natureza da representação circulista que estava em jogo; seria aquele um espaço patronal ou dos trabalhadores da cidade.

É verdade que a empresa, ao impor sua presença no antigo vilarejo de Santo Antonio de Volta Redonda, o transformou numa cidade. Mas fez mais do que isso, porque transformou-o na primeira cidade operária, planejada pelo Estado, no Brasil. Ali nada podia fugir ao seu controle econômico, político e cultural. <sup>(65)</sup> E para exercer tal vigilância ergueu uma rede capilar de dominação que fez do serviço social um de seus mais importantes aliados. Porém, nem tudo acontecia como havia sido planejado porque, entre outras coisas, havia o fato de que antes da chegada da empresa ali já vivia uma população de três mil pessoas que constituíam o núcleo da "cidade velha" que, mais tarde, com o fim das obras da usina, foi acrescida dos excluídos da cidade planejada e verticalizada. Volta Redonda foi um laboratório, onde o Estado brasileiro procurava construir um "novo trabalhador" ao transformar homens vindos do campo em trabalhadores industriais, ordeiros e patriotas.

Contudo, na memória do nosso guardião não há registros dessa questão, embora ele se refira ao capitão Dante Vilela como o mais certo "para o cargo". Essa parece ser também a opinião do próprio assistente eclesiástico, padre Francisco Fooit, porque, mesmo ganhando, o Sr. Leonel Dacol não será confirmado presidente do Círculo, quando, dias após essa eleição, Dante Vilela reassume o cargo junto com o nosso guardião que, mesmo assim, só admite a existência de disputas no final dos anos 50. É importante ressaltarmos que estes fatos acontecem nos primeiros anos de existência da CSN. Estamos falando de um tempo em que tudo parecia estar nos lugares definidos pela empresa e onde a euforia tomava conta de tudo e de todos. Mas estes fatos podem se constituir num indício de que nem tudo se passava como propagandeava o Estado, através da imprensa nacional e conforme era desejo da Igreja.

Em 1930, em artigo intitulado "O Departamento Estadual do Trabalho e a assistência aos operários", <sup>(66)</sup> procura-se destacar as iniciativas dos industriais anteriores às preocupações sociais que caracterizam aqueles comprometidos com 30 e se enfatiza que havia um apelo ao Estado para que fossem construídas pelos operários, escolas, hospitais, etc. nas respectivas fábricas.

Esta preocupação do Estado sintonizava com as concepções cristãs que procuravam forjar uma moral do trabalho, baseada na harmonia, na ordem e em preceitos morais. Entre as preocupações estava o alcoolismo, que já fazia parte das questões ligadas à família operária, a partir da segunda metade do século XIX. Uma preocupação que por certo relacionava-se ao problema do absentismo. No 2º Congresso Católico Brasileiro, em 1908, a questão da moradia operária já foi alvo de discussão.

A imobilização da mão-de-obra pela moradia surgiu na Inglaterra desde o início da Revolução Industrial. Eram as "colônias industriais" localizadas em áreas rurais e constituíram durante algum tempo na forma típica de organização da indústria têxtil. Dessa forma, além da imobilização da moradia, essas "colônias industriais" garantiam a disciplinarização e controle sobre a vida privada dos trabalhadores. Neste período há uma higienização da vida dos trabalhadores das cidades.

As vilas operárias propunham-se a esvaziar as cidades, evitando as epidemias e a degeneração moral da população urbana.<sup>(67)</sup>

As "Company-Towns" – regiões ou cidades controladas por uma empresa – surgiram na segunda metade do século XIX. No caso da siderurgia, a Inglaterra e os EUA são exemplares. Nos Estados Unidos, a United States Steel Corporation, desde 1901, desenvolveu política que incluía a construção de habitações.<sup>(68)</sup>

No Brasil, na primeira república, surgem bairros e vilas proletárias próximas a grandes complexos industriais. As vilas, criadas pelo capital privado do setor de tecelagem, fiação, beneficiamento do açúcar e ferrovias, objetivavam fixar e disciplinar a força de trabalho, além de propiciar uma forma de acumulação imobiliária por parte dos industriais. O sistema de vilas substituiu o sistema de dormitórios empregados anteriormente.<sup>(69)</sup>

Também no Brasil estas vilas operárias expressavam um discurso higienizador e saneador.

No caso da siderurgia, as empresas pioneiras enfrentaram o problema da mão-de-obra especializada e dificuldades para fixar os trabalhadores que, geralmente, vinham das zonas rurais. É o caso da Companhia Belgo-Mineira, de 1940, que construiu sua cidade em Monlevade.

Mas o caso de Volta Redonda é sem precedentes porque é uma empresa estatal criada durante o Estado Novo. Ali planejou-se uma cidade industrial modelo.

Das três empresas estatais criadas no período, só a CSN constrói casas para seus trabalhadores, associando o mundo fabril ao urbano.

A ação do Estado no período pós-30 não se restringe à esfera econômica ou à criação de empresas públicas. Sua ação se caracteriza pela intervenção no campo trabalhista, pela regulamentação do mercado de trabalho, impondo, ao mesmo tempo, medidas visando a controlar o movimento operário e regulando o custo da reprodução da força de trabalho e a ampliação das bases políticas de sustentação do regime.

Dentro destes objetivos, o fixado após 1940 implementa medidas no setor de moradias populares, questão tida como socialmente grave, e para enfrentá-la os loteamentos populares são regulados, é facilitada a aquisição de terreno à prestação, aluguéis são congelados e são criadas as carteiras prediais dos Institutos de Aposentadorias e Pensões.

São medidas inscritas numa política ampla que intervinha na reprodução e criação da força de trabalho e, ao mesmo tempo, buscava uma ação sanitária e normatizadora da população urbana amontoadas em favelas, cortiços e mocambos. O fluxo migratório intensificava-se e era preciso responder a ele fixando a população em locais próximos ao trabalho.

A moradia é também uma das principais questões da pauta católica e, assim, o Estado também se aproximava ainda mais dela.

*"(...) Mas não foram apenas razões econômicas, sanitárias e demográficas que incentivaram o governo à política intervencionista no domínio da habitação (...) A família, célula da organização social, forma a base da comunidade nacional..." (70)*

Volta Redonda surge dentro da concepção educativa, para as populações nômades que vagueiam pelas grandes cidades. Deve ser uma cidade industrial modelo, onde devem morar trabalhadores modelo.

Há, portanto, um aspecto pedagógico na construção de Volta Redonda e tão bem expresso por D. Agnelo Rossi em carta ao coronel Macedo Soares.

*"(...) Volta Redonda deve ser conhecida pelo Brasil. A obra que se ergue ali é sobretudo educativa porque é o verdadeiro exemplo de que a nossa sociedade caminha para o exercício do bem comum, coisa tão cara a nossa Igreja. É por isso que nos sentimos também responsáveis por aquela obra..." (71)*

Ao caminharmos na trilha das lembranças já sacralizadas do nosso guardião, vamos encontrá-lo, em 1947, frente à preparação dos festejos para a Entronização da Imagem do Sagrado Coração de Jesus, na Sede Feminina do Círculo, à rua 27. (72)

Há nesse ritual uma certa tradição, iniciada na década de 30 com a entronização de imagens e da Cruz nas fábricas paulistas e que culminou, em 1942, com a imagem de Cristo sendo entronizada na Fiesp – Federação das Indústrias de São Paulo. Nesse ritual, a iconoclastia funciona

*"(...) como um instrumento de arraigamento ainda maior do valor simbólico da imagem, aprofundando o alcance da finalidade social de sua utilização..." (73)*

Ao entronizar o Sagrado Coração na sede feminina do Círculo, os seus dirigentes pretendiam marcar a importância do papel das mulheres no trabalho circulista, já que cabe a elas a reprodução da família e de seus valores mais sagrados: *"(...) o lar é o espaço privilegiado do aconchego..." (74)*

Nessa mesma época está sendo organizada a caixa de socorro mútuo, o curso de alfabetização continua funcionando na Escola D. Bosco e já se fala numa possível transferência da Sede do Círculo.

Finalmente, o Sr. Valentim, "juntamente com a diretoria eleita", toma posse do cargo de 1º secretário do Círculo.

*" (...) após missa solene celebrada pelo sr. padre Francisco Fooit, assistente eclesiástico, às 10 horas, foi dado início....com a presença do vice-governador do Estado do Rio de Janeiro, coronel Edmundo Macedo Soares e Silva, secretário de Estado, do senador Alfredo Neves, do Sr. prefeito de Barra Mansa, Francisco Junqueira Villela, do diretor industrial, assistente de serviços gerais, chefes de Departamentos e diversos engenheiros da CSN, grande número de sócios..." (75)*

E assim, pelas mãos do vice-governador e do próprio presidente da CSN, coronel Raulino de Oliveira, nosso guardião assume seu cargo naquele apostolado e o faz nos seguintes termos:

*"(...) para dizer de seu desejo de lutar para a prosperidade do Círculo e lembra os ensinamentos sempre oportunos das encíclicas 'Rerum Novarum' e 'Quadragesimo Anno', código de preceitos sociais cristãos acatado por todos que tratam com reta intenção o material social de nossos tempos..." (76)*

Atualmente essas lembranças estão marcadas pelo "grande prestígio", revelado na presença de "altas autoridades da CSN e do Governo". Esse cargo o distinguia de seus pares, já que o tornava um homem da Igreja e de confiança dos poderosos. Opera-se, então, uma ascensão social na sua vida.

O Círculo prossegue com seu trabalho, agora com a criação de um ambulatório e uma pequena farmácia mantidos através de convênios com a CSN.

A cada reunião cresce o número de associados, trazendo aos dirigentes circulistas certa preocupação quanto ao "caráter" desses novos sócios e alerta-os para a necessidade de selecionar aqueles comprometidos com o bem comum. Nessa perspectiva, o Círculo define critérios a serem observados para a aceitação de novas filiações:

*"(...) O sr. Secretário pede aos senhores circulistas que tenham cuidado na apresentação de novos sócios para que, futuramente, não venha o Círculo a sofrer dissabores por causa de elementos que, com má-fé, venham frustrar a boa-vontade, e promover a desunião entre os circulistas..." (77)*

Essa preocupação se refere à defesa da moral da "família circulista" que parece ter sido atingida por um "incidente" ocorrido em uma festa da entidade quando "um rapaz teria ofendido certa dama". Pelo menos é o que nos sugere as palavras do próprio assistente eclesiástico: *"(...) É pecado dançar? Mostra, por exemplo, a destruição de uma alma e a perda de caráter dentro de um salão de baile..." (78)* Essa preocupação pode ser indício da existência de um choque cultural entre os trabalhadores. Conflito entre os valores praticados no Círculo e aqueles trazidos pelos trabalhadores que vieram do meio rural, que eram a maioria dos que frequentavam as festas ali promovidas. Pode ser também reflexo da brutalidade da realidade em que viviam estes trabalhadores submetidos a uma rotina subumana. A preocupação com a defesa da família era, no caso de Volta Redonda, ainda mais importante, já que os maridos faziam turnos, o que os deixava fora de casa durante noites inteiras, o que terminou por constituir-se num folclore carregado de machismo.

Então, *"(...) para garantir a manutenção da moral e dos bons costumes das famílias circulistas, foi instituída a carteira escolar nos cursos femininos. Assim os pais poderiam controlar a frequência de suas filhas e esposas..." (79)*

É permanente na documentação circulista a preocupação quanto aos recursos econômicos e materiais do Círculo. As mensalidades são cobradas e, *"agora, serão afixados discretos avisos de cobrança nos cartões de ponto"*.

Esse método, nas lembranças do nosso guardião, está associado à organização do Círculo dentro da Usina: *"Através de coordenações por áreas de trabalho e sob orientação de um delegado geral."* Mas há por certo uma preocupação quanto à sua legitimação.

A função dessas coordenações,

*"(...) eleitas pelos colegas de trabalho, era a de cooperar com as chefias para manter o ambiente respeitoso..." (80)*

Dessa forma, quando

*"(...) algum operário estava com problemas ou dando problemas ao chefe, o coordenador circulista do local procurava saber o que estava acontecendo para ajudar"*.

Nas lembranças do nosso guardião, essa ação aparece como sendo aquela que garantia *"a não existência de punição"*. Então por que tantas Regras Disciplinares e Ordens de Serviço? E quanto à imensidão de "leis", que buscavam normatizar todo o espaço fabril e extra-fabril? O que realmente ca-



racterizou a gestão da força de trabalho na CSN foi a existência dessas inúmeras regras, muitas das quais transformadas em Resoluções de Diretoria e incorporadas aos vários regulamentos elaborados ao longo dos anos. Dentro da fábrica o Círculo agia como agente disciplinador e intermediava as tensas relações entre chefias e operários.

É certo que o Círculo, em Volta Redonda, organizou-se em núcleos, nos departamentos e nos bairros:

*“Sendo que, no Jardim Paraíba, um dos bairros operários mais importantes, o delegado era o sr. José Tiburcio de Oliveira e, na Vila dos Índios, nome dado por causa das péssimas condições do bairro, o delegado e subdelegado eram os srs. Luiz Miquelino e Luis Caneti...” (81)*

E esta organização, na fábrica e nos bairros, é algo que distingue os Círculos das outras organizações operárias em Volta Redonda. Nem o sindicato, nem o PCB e nem as pastorais de agora conseguiram tal feito.

Para ser delegado era necessário todo um ritual de preparação, que ia desde a escolha, via “*eleição direta na base*”, até os cursos preparatórios, passando por uma verdadeira sabatina realizada sob a batuta do assistente eclesiástico. Aliás, todo o ritual circulista indica a preocupação pedagógica-educativa.

Na memória do nosso guardião essa estrutura organizacional ressurgue carregada de positividade porque, na existência desses núcleos e na efetiva participação dos delegados nos mesmos, estava a “*verdadeira existência do Círculo*”. Por essas lembranças tem-se a impressão de que a função dos coordenadores era algo semelhante à de um padre, pois ia desde “*apartar brigas de casais até interceder por um operário junto ao seu chefe*”. É uma estrutura capilar, montada nos moldes hierárquicos da Igreja e que busca capturar o cotidiano da família operária. Nessa estratégia os locais da moradia operária mostravam-se importantes. Era ali onde se encontravam a mulher, os filhos e as maiores dificuldades do viver operário. Procurava-se, como disse o velho comunista, capturar a consciência operária.

A estrutura verticalizada dos Círculos também previa a existência das zonas, onde os subdelegados zelavam pelos sócios de sua vizinhança e procuravam obter novos sócios. À comissão executiva cabia dividir o bairro em várias zonas, entregando cada uma a um subdelegado. Essas zonas eram numeradas e podiam referir-se a uma, duas ou mais ruas, ou a uma pequena região da cidade. Em cada zona ficavam compreendidos de 10 a 12 sócios, a cargo de um subdelegado. Além das zonas, os Círculos também dividiam-se em grupos, que podiam ser formados nos locais de trabalho e eram dirigidos pelos

*“(...)Maiores, dirigentes dos grupos, notando-se porém que devem agir mais especificamente com vistas à profissão que fazem parte, quer tratando mais sistematicamente dos problemas de sua classe e promovendo a sua solução por intermédio do Círculo Operário, quer trabalhando os circulistas no seu estabelecimento...” (82)*

Há, portanto, uma evidente preocupação quanto à organização nos locais de trabalho, o que ressalta ainda mais a importância estratégica que essa organização tinha para os empresários. Contudo, os representantes dessas instâncias não faziam parte do núcleo dirigente do Círculo,

composto apenas por sua diretoria, embora tivessem sua ação normatizada por um Guia específico. As tarefas do subdelegado configuram a montagem de uma verdadeira rede de informações com o objetivo de espraiar a organização circuísta, detectar a existência de conflitos e assistir àqueles que se encontrassem em dificuldades.

Na lembrança do nosso guardião ficou retido, sobretudo, aquilo que parece ter sido a mais importante das tarefas atribuídas ao subdelegado, aquela que estava relacionada com a função de cobrança, já que a preocupação com a manutenção das atividades permeia todo esse período. Para que essa tarefa pudesse ser executada com êxito, o guia do subdelegado fornecia uma verdadeira receita de *"como lidar com os sócios"*. O segredo estava na conquista do sócio e isto só seria possível se fosse suscitado o seu interesse, sua atenção, simpatia, entusiasmo e adesão cada vez maior

*"(...) tanto para tua pessoa – o que seria ambição pessoal – mas para o movimento que representas."* Mas é no método proposto que reside o interessante da questão: *"(...)"*

*"(...) De que maneira? É preciso jeito, método, tática. Aí vão algumas indústrias que poderás empregar:*

*"Pegam-se moscas com açúcar, não com vinagre. Para juntar galinhas, basta jogar milho, nem é preciso chamá-las; chamam umas às outras..."* O tom respeitoso desaparece quando se trata de descrever a psicologia humana. Para o aliciamiento valia qualquer método, até mesmo o assistencialismo mais debochado:

*"(...) Para contentares e ajudares uma pessoa, não debes começar falando do que te interessa, do que tu queres dela, mas sim falar do que interessa a ela, colocar-te no ponto de vista dela: pergunta ao operário como vai de saúde, de luta, como vai a família, como vai no emprego, de salário, de patrão. Com a mãe da família conversa sobre os filhos, sobre a casa, o aluguel, a roupa... Fazes primeiro a pessoa falar de si e de suas coisas e terás lavrado um tento..."* (83)

Não se acanham em usar as crianças para através delas conquistar o coração das mulheres:

*"(...) Sê amigo das crianças: quando fazes tua ronda, mete uns bombons no bolso e em breve serás o ídolo da pequenada, mais ainda se as chamares pelo nome. Isto refletirá logo nos pais, pois 'quem meu filho beija minha boca adoça'..."* (84)

As táticas parecem ter saído de manuais dos políticos da época:

*"(...) O próprio nome é a palavra mais cara e doce para todos nós. Por isto deverias saber o nome de teus assistidos e das pessoas de sua família. Pronuncia o nome da pessoa com aquele sorriso e verás o efeito maravilhoso. ... Por isto debes ter um fichário ou caderno, além da caderneta de subdelegado, em que estão apontados os nomes dos teus sócios, das pessoas de suas famílias e umas quantas particularidades, que te serão úteis, por exemplo o dia do aniversário. Antes de visitares um sócio, consultarás a ficha ou caderneta, para estares ao par do que te pode servir na visita. Esta então será coroada de êxito. ... Deves associar-te às datas e acontecimentos caros aos sócios e suas famílias..."* (85)

Esses conselhos foram elaborados em 1946 e se transformaram em um manual para líderes, porque são aqueles que dão viabilidade aos Círculos: *"Vois sois o sal da terra, fermento na massa, luz do mundo."* (86) Para se tornar líder é preciso ter alguns "dons inatos e adquiridos".

Enfim, havia uma preocupação especial quanto à formação de lideranças para que a proposta dos Círculos pudesse reproduzir-se na base. Preocupação que incidia na sua política de formação muito embora seja algo que tenha a ver com a expressão de massa do circulismo e não precise, necessariamente, ter domínio do conteúdo da doutrina porque esta está reservada aos dirigentes orgânicos. Como era o caso do nosso personagem, que tem a confiança dos padres e é distinguido pelo assistente eclesiástico, nas reuniões da diretoria do Círculo, para abrir *“um debate instrutivo versando sobre religião, o que era recebido pela Assembléia com satisfação...”* (87)

Nosso guardião, ao ser destacado, pela autoridade eclesiástica para falar sobre a doutrina, incorpora uma importância que o distingue dos outros diretores, sendo reconhecido como portador de fé e sabedoria.

Como parte das atividades de cunho educativo, o Círculo procura se organizar como espaço de lazer e, assim, promover festas como bailes e leilões, forjando oportunidades para o *“congraçamento da família siderúrgica”*. (88)

Todavia, as atividades de caráter escolar, basicamente o curso primário, eram consideradas essenciais. Segundo o assistente eclesiástico, esses cursos deviam ser vistos como o *“local onde não só se aprende a fazer contas, mas também se educa o caráter na religião”*. Além dessa atividade escolar há ainda uma outra mais específica

*“(...) falou também a respeito da situação que os operários brasileiros atravessam, concitando-os aos estudos e ao aperfeiçoamento de suas profissões, para que futuramente não necessitemos de pessoas estrangeiras nas direções de nossas indústrias. Que o operário procure aprender para que assim desapareça a necessidade do estrangeiro estar em seu lugar...”* (89)

Essa referência nos indica uma política educativa, visando à formação profissional e moral do trabalhador nacional que, aliás, é a matriz do discurso da própria CSN que buscava forjar um novo trabalhador patriota, ordeiro e capaz.

Com a inauguração da usina Presidente Vargas, em 9 de abril de 1947, milhares de trabalhadores foram demitidos. Já não havia trabalho para todos. Aqueles que ficaram incorporados à produção do aço, haviam sido escolhidos e treinados ao longo do tempo. O restante, cerca de sete mil trabalhadores, teve que voltar aos seus lugares de origem ou tentar a sorte em uma empreiteira ou pequena metalúrgica.

Essa atitude da empresa causou perplexidade e indignação, sentimentos que presidiram várias atitudes do sindicato e que terminou por obrigá-la a readmitir algumas centenas daqueles trabalhadores. Mas o Círculo se manteve ausente do problema:

*“(...) O assistente eclesiástico falou aos circulistas, considerando a atual crise que atravessa o Círculo Operário, motivada pela demissão em massa de serventuários da Companhia, mas ficou assentado que no momento devemos cuidar de coisas de maior necessidade, como seja, o curso de alfabetização...”* (90)

Foi um momento difícil para toda a população que ali vivia porque *“alguns milhares de pais de família ficaram sem trabalho”*. Mas, mesmo assim, o Círculo, fiel à tradição da Igreja, se omite para não confrontar-se com a empresa.

Esse acontecimento evidenciou, para todos aqueles que ali viviam, problemas que se colocavam na esfera do espaço urbano já que, com aquelas demissões, apareceram os primeiros núcleos de favelados em Volta Redonda, que mesmo assim continuou sendo apresentada como uma cidade operária modelo. Todavia, por mais que o Círculo tenha se omitido, o problema se lhe impunha. E nas lembranças do nosso guardião a malha urbana, que se constrói e se expande, foi se impondo à própria história do Círculo, o qual termina saindo de uma ação marcada pelo "apostolado" junto aos operários para ampliar suas atividades para o conjunto da cidade. O que significa que o círculo insere em suas ações a prestação de assistência aos desempregados, através de bolsas de alimento, e aos favelados.

E para afugentar o fantasma do desemprego e da crise, o Círculo promove festas religiosas voltadas para o conjunto da população, através das quais articula sua proposta social. O relato dessas festas é particularmente interessante porque nos permite perceber como a cidade se erguia, com suas praças, igrejas, escolas e como empresa, Igreja e Estado se cruzam no espaço urbano:

*"(...) deu-se início na Matriz Santa Cecília, ao terceiro dia do "Tríduo", onde o professor Hargreaves falou pela quinta vez. Deu-se começo à quermesse na Praça Brasil, que esteve bastante animada. Às 20:00 h, houve outra conferência onde falou também o Rvmo. Pde. Leopoldo Brentano, Assistente Eclesiástico da Confederação Nacional dos Operários Católicos do Brasil. As palestras foram no auditório do Grupo Escolar Trajano de Medeiros, onde também estavam presentes o excelentíssimo Governador do Estado do Rio de Janeiro, o coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva e sua Exma. família..."*

Podemos também perceber como havia uma clara divisão sexual nesta cidade que se construía:"(...)

*Domingo - 11/01/48 - às 6 (seis) horas houve Missa com comunhão geral para os homens celebrada pelo Rvmo. Pde. Leopoldo Brentano e, às 10 h, Missa Solene cujo coro esteve a cargo da Exma. Sra. João Chiesse Filho, de Barra Mansa, sendo celebrante nosso assistente eclesiástico. Assistiram a essa missa, como convidados de honra, o governador do Estado do Rio de Janeiro e sua família, seu gabinete oficial e altas autoridades da CSN e o povo em geral.*

*Às 16:00, como constava do programa, saiu da Matriz de Santa Cecília a grandiosa Procissão dos Homens, carregando a Cruz de Ferro fundida pela CSN na sua corrida do aço.*

*Para essa procissão concorre todo o povo ordeiro e católico de Volta Redonda, acompanhando a Cruz de Cristo e os demais Santos venerados pelo povo: São José, São Judas Tadeu, São Cristóvão e Nossa Senhora das Graças, advogada do Círculo Operário e padroeira do Jardim Paraíba. Contava-se mais ou menos uma Procissão de 3.000 pessoas. Ao terminar, na igreja, discursaram: Rvmo. Pde. Leopoldo Brentano, Rvmo. Pde. Francisco Foitt, o Exmo. Governador do Estado, que fez uma bonita alusão à Cruz de Cristo. Terminaram assim os festejos..." (91) Volta Redonda e Igreja, cidades dos homens, que se uniam para sacralizar o signos do trabalho e da ordem.*

O registro contido nos documentos circulistas e fixado na lembrança do nosso guardião evidencia como a CSN se apropria do universo simbólico dos operários e os reinventa no mundo

do trabalho. Forjar uma Cruz de Ferro na primeira corrida do aço da Usina e transformá-la, pelas mãos da Igreja via Círculo, em algo sagrado significa a sacralização da empresa e do que ela produz. Simbologia associada ao mundo dos homens e expressa na Procissão dos Homens. A presença do coronel Edmundo Macedo Soares e do padre Leopoldo Brentano sela o compromisso. Lenharo nos fala dessas representações comuns durante o Estado Novo e que parecem perfeitas para o caso em questão:

*"(...) O Cristo que vela, passa a ser visto como o Cristo que vigia, admoesta, policia. Através dessa imagem, a Igreja não somente explica o que pensa das relações de trabalho; ela faz da imagem o seu recurso de intervenção nas mesmas relações. O discurso da atipidade eclesiástica amplia um pouco mais a sua significação quando a imagem da cruz é projetada no espaço da nação, o lugar definitivo do trabalho..." (92)* Nação que deve ser regida pela harmonia e pela união de todos.

Como que corroborando essa idéia de união nacional em torno do ideal do trabalho e, conseqüentemente, do progresso, vejamos como se coloca nas lembranças do nosso Valentim a entronização da Cruz de Ferro *"(...) foi doada ao Círculo como símbolo do trabalho, como fruto do suor do operário... aquela procissão, a primeira com a Cruz e que anos mais tarde foi substituída pela imagem de Nossa Senhora Aparecida, refletia o prestígio do Círculo junto aos operários que viam ali a cooperação necessária à construção do progresso nacional..." (93)*

Mas, além do prestígio do Círculo, nosso guardião recorda orgulhoso seu próprio papel nos acontecimentos narrados, já que a ele coube, junto com as autoridades e dois coordenadores de núcleos, carregar o andor com a Cruz.

De resto, esta associação entre os rituais religiosos, tais como entronização, procissão e, modernamente, celebração marcou de forma profunda os trabalhadores de Volta Redonda a tal ponto de, ainda hoje, os 1º de Maio serem celebrados pelo bispo nas Igrejas, no estádio municipal ou na praça Juarez Antunes.

Nosso guardião nos fala sobre o 1º de Maio de 1948, onde, pela primeira vez, foi cantado e tocado pela banda da CSN, comandada pelo maestro Francisco Benício, o hino circulista. O ato foi realizado em frente ao escritório central da empresa.

#### Hino dos Trabalhadores Brasileiros

*Companheiros, cerremos fileira!*

*Olhos fitos no ideal que reluz;*

*Empunhemos a nossa bandeira,*

*Cujas cores abraçam a cruz!*

*Ardorosos na luta, queremos*

*O operário fazer respeitar;*

*Contra as forças do mal defendemos*

*Nosso Deus, nosso pão, nosso lar!*

■

**Estrilho:**

*Nós trazemos um lema que encerra  
Um programa de paz e de amor,  
Pois queremos que acabem na Terra  
A opressão, a injustiça, o terror.  
Nós não somos mendigos ou escravos,  
Mas pioneiros de um grande porvir;  
Nós iremos com audácia de bravos,  
Nova ordem social construir.  
Vencerá nossa marcha gloriosa!  
Vem depressa marchar, meu irmão!  
Surgirá da jornada afanosa  
Um Brasil operário cristão!*

É importante notarmos como as idéias expressas no ritual do Tríduo, cuja expressão máxima foi a Cruz de Ferro, estão contidas neste hino que exalta o operário cristão, a cruz e o progresso.

As lembranças do guardião estão cheias de festas, onde o caráter "religioso e cívico" estão absolutamente confundidos. Para o círculo, o 1º de Maio relacionava-se com José Operário e era comemorado de duas formas. De um lado, procuravam ligá-lo à simbologia católica nas seções circulistas e de outro, participavam/promoviam as comemorações oficiais que sempre contavam com a presença da Igreja. Novamente aproxima-se o período eleitoral no Círculo e o assistente eclesiástico, outra vez, alerta quanto aos critérios para a escolha dos dirigentes. Para a direção da entidade nos anos 49/50 concorrem apenas duas chapas. Uma oficial, continuísta, e outra apresentada pelos circulistas do Acampamento Rústico.

Ao final a vitória ficou com a chapa oficial e nosso guardião passa a ser presidente do Círculo. Essa disputa, já evidenciada no processo eleitoral anterior, parece repetir um conflito entre a direção e a base da entidade, já que no Acampamento Rústico vivia grande parte da população operária. Uma disputa que expunha os conflitos vividos no espaço fabril já que a direção do Círculo significava apoio à direção da empresa que, neste período, era dirigida por Raulino de Oliveira, figura polêmica e com quem os trabalhadores se enfrentavam.

Nesse mesmo período é fundada a cooperativa circulista que permitia ao associado descontos de 10% nos produtos comprados. Também nesse caso o Círculo de Volta Redonda seguia a orientação circulista nacional que pregava o cooperativismo:

*"(...) A cooperativa é, em si, uma instituição econômica, mas tem sua parte social, e é por este lado que, de certa maneira, algumas cooperativas são chamadas católicas por conformarem seus estatutos com a moral e a doutrina católica..." (94)*

O general Silvio Raulino de Oliveira, presidente da CSN, visita extraordinariamente, o Círculo. Para recebê-lo, o auditório fica repleto. Sobre esta visita nos fala o presidente, Sr. Valentim:

*"(...)entrava sua Excia. em nosso salão e dirigindo-se à mesa dos trabalhos deu por aberta a sessão. O digníssimo general viuha acompanhado do Exmo. Sr. Dr. Paulo Cesar Martins, D.D. Diretor Industrial da CSN, que tomou assento à mesa. O novo presidente do Círculo fez uma brilhante saudação ao general dizendo estar a família circulista bastante satisfeita em ter em seu meio uma figura de projeção como o general, demonstrando com esse gesto o seu apoio à causa circulista, e agradeceu em nome de todos os associados. O general, pedindo a palavra, disse estar satisfeito em estar no meio dos circulistas, operários verdadeiros construtores de Volta Redonda e que ele também era um circulista e tudo faria pelo Círculo Operário, não só como presidente da CSN, mas sobretudo por ser um circulista de coração. Exortou a todos que trabalhassem como vêm fazendo, cada um cumprindo com seu dever em seu setor de trabalho, sem política, para assim cada um cumprir com sua missão que tem de entregar a seus filhos um Brasil mais forte moral e economicamente. Encorajou aos membros da diretoria para que trabalhassem com afinco pelo Círculo, que ele sempre estaria ao nosso lado para nos atender em tudo que fosse possível. Em seguida a professora dona Beatriz Chiarelli fez uma brilhante declamação patriótica, que arrancou efusivos aplausos de toda a assistência.... A Escola S. Francisco de Sales entoou o Hino do Círculo Operário, no que foi acompanhada por todos os presentes..." (95)*

Essa visita solene do general Raulino parece nos indicar que havia "algo no ar" além de sentimentos circulistas. Sua fala é de advertência e, ao mesmo tempo, de apelo ao fortalecimento de alianças. Refere-se a uma ameaça, que na recuperação inscrita na memória do nosso guardião e de tantos outros de sua época, aparece como sendo "perigo comunista que ameaça o sindicalismo livre". Nas palavras do assistente eclesiástico a confirmação da presença ameaçadora:

*" (...) usou da palavra o sr. assistente eclesiástico, que falou mais uma vez da sua entrevista com o sr. general Raulino de Oliveira, na qual o sr. presidente da CSN solicitou aos membros da diretoria da C.O. que continuassem trabalhando sempre com afinco, não permitindo política no meio circulista e que ele estaria sempre no nosso lado". (96)*

Com o general à frente da CSN, o Círculo consegue

*"subvenção mensal de dez cruzeiros e a concessão, a título precário, de um terreno para a construção de uma praça de esportes destinada aos circulistas".*

Gesto que, no dizer do Sr. Valentim, veio "confirmar a promessa do general de nos auxiliar em tudo que fosse possível".

O Círculo prossegue com a criação de escolas, agora no Conforto, rua 60 e no acampamento central, locais de concentração operária. Novamente a preocupação com o baixo índice de alfabetização existente na empresa.

As mensalidades dos circulistas passam a ser cobradas "em folhas", o que resolve, até aquele momento, um dos maiores problemas vividos no cotidiano do Círculo e fortalece os laços entre empresa e círculo.

A diretoria da entidade também acerta com os diretores da CSN um curso de aperfeiçoamento para os circulistas "(...) adultos que queiram pleitear lugar melhor na Companhia." (97) Os pretendentes "(...) foram em número de vinte e sete e o curso será ministrado pelo engenheiro dr. Chaves..." (98)

O círculo preocupa-se com a qualificação profissional de seus membros. Os anos 50 são abertos com celebrações especiais pela Semana Eucarística a realizar-se em Volta Redonda. O Círculo tem novo assistente eclesiástico, padre André Franzen.

Aproximam-se as “ (...) eleições nos sindicatos, onde deverá cessar o regime de intervenção...” Nosso guardião é lançado candidato circulista à presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, o que coloca em xeque suas palavras quanto à relação “(...) sem interesse ... com aquele tipo de representação de trabalhadores”. (99)

Estes anos serão marcados por intensas disputas com os comunistas pela direção daquele sindicato. A presença do assistente eclesiástico já não é mais permanente e o interesse do conjunto da diretoria volta-se para as disputas sindicais.

Contudo, o Círculo continua organizado em núcleos e buscando ampliar sua presença em novos bairros.

Aproximam-se as novas eleições no Círculo. As disputas são renovadas. Nosso guardião encabeça uma das chapas:

“ (...) a seguir pediu que a assembléia aclamasse uma comissão para dirigir os trabalhos da eleição. Foram aclamados, para presidente da Mesa, o sr. João Alves Pinto Guedes Neto, para secretário, a mim, Leonel Dacol, e para escrutinador o, digo, Otto ...” (100)

Nosso guardião ganha o pleito, o último de sua carreira circulista.

Em 1957, muda a composição da diretoria do Círculo. Afastado nosso guardião, assume a presidência o Sr. Alípio Jacinto Pereira, definido por Paulo Mendes como:

“ (...) homem que por suas ótimas e incontestes qualidades pôde destacar-se na CSN, no desempenho de alto cargo que ocupou como chefe do Departamento Social de Tubarão. Será ele um grande idealista do C.O.V.R. ” (101)

A direção do Círculo, na realidade, era assumida por aqueles que se colocavam como aliados da empresa e, além disso, perfilavam-se politicamente com o projeto udenista representado pelo engenheiro Paulo Mendes. Esse é um dos pilares daquele partido, sendo, inclusive, eleito deputado por essa sigla. A empresa tinha na frente do Círculo novamente um homem oriundo do seu serviço social.

A partir daí o Círculo assume uma atitude de disputa com o sindicato. Não pára substituí-lo mas para tentar hegemonizá-lo. Luta, aliás, que trava-se ainda hoje.

Para fortalecer-se o Círculo amplia suas atividades e torna-se um espaço de debate, conferências e de cursos sobre as questões sindicais e trabalhistas. O trabalho anterior ligado à alfabetização e profissionalização se funde e passa a ser executado pelo seu colégio (Paulo Mendes) que tornou-se uma referência para a “família siderúrgica”. Quase todos os dirigentes sindicais do período pós/82, quando a oposição assumiu o sindicato, tinham feito o 1º Grau no colégio do Círculo. Mas nenhum sabia o que significava o circulismo.

Além do colégio, o Círculo fundou um centro recreativo, Ataulfo Alves, que preparava domingueiras e demais festividades. Organizou também seu grupo escoteiro e uma série de convênios de saúde para seus associados.



Na medida em que a CSN estruturava seu serviço social e o profissionalizava, o Círculo passou a dedicar-se mais às tarefas formativas, através das quais atingia grande número de trabalhadores. Eram atividades organizadas pela Federação Fluminense dos Círculos e que tinham como principal preocupação preparar os circunistas para a participação nas atividades sindicais.

O conteúdo destas atividades está ligado aos direitos trabalhistas, à realidade sindical com ênfase na tutela partidária e comunista do sindicato e as dificuldades da vida operária.

Quando a Escola de Líderes foi fundada o Círculo de Volta Redonda enviou muitos associados para seus cursos.<sup>(102)</sup>

Sua estrutura organizativa também modificou-se porque passou a centrar-se nos bairros. As mudanças introduzidas no gerenciamento do processo de trabalho tiraram o poder das chefias imediatas e introduziram a figura do engenheiro e chefe do Departamento. Essa hierarquização retirou do Círculo seu espaço de poder que era exercido junto àquelas chefias. Com essas dificuldades o Círculo passou a centrar sua atenção nos bairros operários onde buscava atingir a família operária.

É possível afirmar que na medida em que aqueles trabalhadores foram se identificando como grupo, segmentos de uma classe e sujeito de uma vontade coletiva, também foram secularizando a fábrica.

E com o passar dos anos este processo veio se radicalizando.

A presença da Igreja foi se colocando fora do espaço fabril, particularmente nos bairros de classe média e mais pobres. Nos bairros operários é uma presença que emerge nos momentos de crise, como nas greves, mas que não se mantém no cotidiano apesar do trabalho pastoral específico.

Em 1964, o Círculo dividiu-se sendo, inclusive, alvo de perseguições. Porém, inscreveu-se no movimento pró-golpe que dominou o circulismo naquele momento. Apesar de tudo, sua estrutura material manteve-se intacta. Continua funcionando o colégio Paulo Mendes, a recreativa Ataulfo Alves e agora tentam reavivar sua política de formação em associações com as pastorais e a CUT.

## NOTAS

1. Presença permanente em todos os documentos consultados:

a. atas da Federação dos Círculos Operários do Estado do Rio de Janeiro.

b. atas e diferentes publicações do Círculo Operário de Volta Redonda.

c. entrevistas.

d. imprensa da CSN.

2. Ele mesmo se assume enquanto guardião. Isto o torna necessário aos circunistas de hoje e a ele próprio, porque esta tarefa o distingue na comunidade e, nessa medida, o transforma em um verdadeiro contador de história.

3. Origem que o diferencia do conjunto de trabalhadores que aportaram em Volta Redonda nos anos 50. Aqueles trabalhadores eram, na sua maioria, originários de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e do estado do Rio de Janeiro.

4. Informações além das contidas na documentação já referida, usarei fragmentos das entrevistas realizadas com o Sr. Valentim em novembro de 1987.

5. Sr. Valentim. Entrevista nº 1, fita nº 1. Assunto: origem.

Essa imagem é permanente na memória de todos os entrevistados. Está presente também nos artigos dos jornais da época e nos textos apologéticos sobre a CSN. É uma imagem que remete à idéia de pioneirismo.

6. O então coronel Edmundo Macedo Soares assim se referia àqueles homens que construíram a Usina Presidente Vargas. É uma afirmação que objetiva valorizar sua obra "(...) de construção de um trabalhador com outro perfil". Estas são referências permanentes em seus textos e entrevistas, particularmente em: "A formação técnica do brasileiro". in Carta Mensal. nº 272, novembro / 1972, p. 1-16.

7. Valença. Cidade localizada no sul Fluminense e, à época, grande produtora de café. É um dos municípios mais tradicionais do estado e, à época, pertencia à Diocese de Barra do Piraí.

8. Esse instituto, na realidade um orfanato, era da Diocese de Barra do Piraí. Era considerado uma "escola técnica", onde era preparada mão-de-obra para os fazendeiros locais.

9. Sr. Valentim: Entrevista nº 1, fita nº 1. Assunto: origem.

10. Entrevista nº 1, fita nº 2. Assunto: origem. Esse capitão Magalhães é, ainda hoje, lembrado pela sua violência contra os trabalhadores. A ele é atribuída a constituição e direção da polícia interna da Usina, conhecida à época como Gestapo. Esta polícia, estruturada e desenvolvida ao longo dos anos, exerceu sua vigilância sobre a Usina e a cidade até 1968.

11. TRONCA, Ítalo. Agentes da industrialização: entre as armas e Volta Redonda (1930-1942). In: FAUSTO, B. (org). *O Brasil Republicano*. São Paulo, Difel, HGCB, 2 ed., T.3. 1983.

12. A política de recrutamento da CSN caracterizava exatamente desta forma expressa pelo coronel Edmundo Macedo Soares em obra já citada.

13. Termo usado pela primeira geração de trabalhadores da Usina Presidente Vargas. É o nome de um pássaro de arribação e significa, no imaginário popular, "aquele que vem e não volta".

A nova geração não se autodenomina arigó porque não se reconhecem como migrantes.

14. Sr. Valentim. Entrevista nº 1, fita nº 2. Assunto: origem.

O coronel Edmundo Macedo Soares, diretor industrial e presidente da CSN foi o chefe da Comissão Governamental que elaborou o projeto CSN. Ele dirigiu a empresa até 1962 e forjou no imaginário das primeiras gerações de trabalhadores a imagem de pioneiro, patriota, trabalhador e nacionalista. Estas referências se impõem em diferentes entrevistas recolhidas no decorrer dessa pesquisa.

15. Sr. Valentim compõe a primeira geração de aposentados da CSN e, como tal, enfrentou dificuldades para receber o "tempo anterior" que lhe era devido por causa da implantação do FGTS. A CSN ainda hoje está às voltas com este problema: dois mil operários foram lesados pela empresa e estão na justiça lutando por direitos.

16. JAIMOVICH, Dr. Pedro. *Temas sociais de uma comunidade industrial*, Volta Redonda, 1965, p.15. Este médico foi o organizador do serviço social profissionalizado da CSN. Nesse texto, ele se proclama católico e seguidor da doutrina social, e elogia o papel desempenhado pela Igreja na implantação do serviço social da empresa.

17. MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A ferro e fogo: construção e crise da "família siderúrgica"*. O caso de Volta Redonda (1941- 1968). Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1989. Consultar sobre o caráter destas transformações.

18. Episódio que marcou a história das lutas sociais no Brasil.

19. Sr. Valentim. Entrevista nº 2, fita nº 1. Assunto: fundação do Círculo.

20. D. Agnello Rossi. Carta ao general Maccedo Soares em 1954. Livro de Tombo nº 2, Diocese de Volta Redonda.

21. Sr. Valentim. Entrevista nº1, fita nº2. Assunto : Círculo.

22. *Idem*.

23. *Idem, ibid.*

39. LEÃO XIII. *Encíclica Rerum Novarum*. AAS 23 (1890-1891), p.7.
38. Ata de reunião da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 11/17/ 1946.
37. Sr. Valentim. Entrevista nº 2, fita nº 4. Assunto: Circulo- CSN.
36. Ata de reunião da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 4/7/1946.
35. FIGUEIREDO, Betânia. A criação do SESI e SESC: do enquadramento da preguica à produtividade do ócio. Tese Mestrado, Unicamp, 1991. Consultar sobre esta identidade.
34. Sr. Valentim. Entrevista nº 2, fita nº3. Assunto: Circulo- CSN.
33. D. Agnello Rossi. Correspondência citada.
32. Sr. Valentim. Entrevista nº 1, fita nº6. Assunto: Circulo- CSN.
31. O Sindicato dos Metalurgicos ainda não exstia como tal. Era uma associação profissional sediada em Barra Mansa, com "uns 400 sócios", conforme relato de José Bonifácio, líder comunista e um dos fundadores da associação e do sindicato.
30. Sr. Valentim. Entrevista nº 1, fita nº6. Assunto: Circulo- CSN.
29. LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Campinas, Papirus, 1986, p.90. Consultar a respeito desta identidade.
28. *Idem, ibid.*
27. *Idem, ibid.*
26. *Idem.*
25. Ata de fundação do Circulo Operário de Volta Redonda. 19/05/1946.
24. *Idem, ibid.*

40. BRENTANO, Leopoldo (padre). *Guia dos Diretores do Movimento Circulista*. Rio de Janeiro, Publicação da C.N.C.O., XXX, p.15.

41. *Idem*, p.5.

42. *Idem, ibid.*, p.11-12.

43. BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, B. *O Brasil Republicano*. São Paulo, Difel, 1983. HGCB, 2 ed. 3v. Consultar a esse respeito.

44. O engenheiro Paulo Mendes era militante católico e udenista fervoroso. Era assessor do coronel Edmundo Macedo que também era udenista.

45. Entrevista do Padre Leopoldo Brentano, em 16/5/1951. (s/ fonte)

46. Não foi possível encontrar o número de votos obtidos por Sabensa. Sobre a bancada comunista na Constituinte ver:

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, B. *O Brasil Republicano*. São Paulo, Difel, 1983. HGCB, 3v.

47. Arquivo: correspondência padre Eugênio Dutra. Acervo-C.C.O.O.

48. BEOZZO, José Oscar, op.cit.

49. ROMANO, Roberto. Igreja como fonte de unidade social. In: *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo, Kairos, 1979, p.143-182.

50. BRENTANO, Leopoldo (padre). *Guia dos Dirigentes do Movimento Circulista*. Rio de Janeiro, Publicação da C.N.C.O., XXXIV, 1956.

51. O CLERO E A AÇÃO SOCIAL. Rio de Janeiro, Publicação da C.N.C.O., 1958, p.21.

52. *Idem, ibid.*

53. *Idem, ibid.*

54. *Idem, ibid.*

55. D. Agnello Rossi. Livro de Tombo nº 1. Diocese de Barra do Pirai. in Cúria Diocesana de Volta Redonda.
56. Só tivemos acesso a alguns números de *O Siderúrgico* e toda a coleção de *O Lingote*.
57. Pedro Eloy Fritz. v. nota nº 60.
58. Sr. Valentim. Entrevista nº 1, fita nº 3. Assunto: fundação do Círculo Operário de Volta Redonda.
59. Ata de Reunião da Diretoria do C.O.V.R. - 27.3.49
60. Imagem cunhada pelo Sr. Pedro Eloy Fritz em entrevista a Jessie Jane (agosto/1988). O Sr. Pedro é desenhista aposentado e entusiasta da CSN. A entrevista dele – “Arigó, o pássaro que veio de longe”, publicada na revista do sindicato em 1989 – é çomovente porque ali ele relata as perseguições policiais que os trabalhadores da empresa sofreram. Inclui-se ele, um homem que nunca havia tido atividade política ou sidical.
61. Ata de reunião da Diretoria do Círculo Operário de Volta Redonda. 27/4/1947.
62. Censo nacional-IBGE.
63. Ata de reunião de Diretoria do Círculo Operário de Volta Redonda. 6/4/1947.
64. *Iâcm.*
65. SOUZA, Cláudia Virgínia. O espaço urbano e dominação. *Arigó, o pássaro que veio de longe*. Volta Redonda, Revista do Centro de Memória Sindical- Sindicato dos Metalúrgicos, 1989.
66. ERIK, Sylvio. “O departamento estadual do trabalho e a assistência social”. *Boletim do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio*, ano V, n.55, mar.1939. p. 379-391.
67. ENGELS, Friederich. *A questão do alojamento*. Porto, Poveira (1ª editora alemã, 1887-1971). Consultar sobre esta questão.
68. HOBBSAWN, Eric. *A era do capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
69. GUERRA FERREIRA, Cândido. *Procés de Travail et rapport salarial dans l'industrie sidérurgique: étude de la formation des normes mondiales et du cas bresilién*. Thèse de Doctorat, Paris, Université Paris X. Nanterre, Sciences Économiques. mimeo.

70. Entrevista padre Leopoldo Brentano. 16/5/1951. (Xerox - s/d)
71. Livro de Tombo nº 2 da Diocese de Barra de Piraí. in Biblioteca da Diocese de Volta Redonda.
72. É importante notar como o Círculo busca envolver as mulheres em suas atividades.
73. LENHARO, Alcir, op.cit., p.170.
74. *Idem*, p.49.
75. Ata de reunião da Diretoria do Círculo Operário de Volta Redonda. 17/5/1947.
76. *Idem*.
77. Panfleto distribuído pelo Círculo Operário de Volta Redonda sob o título : "Esclarecimento", s.d..
78. *Idem*.
79. *Idem*.
80. Ata de reunião da Diretoria do Círculo Operário de Volta Redonda. 5/10/1948.
81. Sr. Valentim. Entrevista nº1, fita nº4. Assunto: Círculo-CSN.
82. Guia do subdelegado. Rio de Janeiro, Publicações C.N.C.O.,XXII, 1946.
83. *Idem*, p.15.
84. *Idem*, p.16-17.
85. *Idem*.
86. Guia dos Dirigentes Circulistas. Rio de Janeiro, Publicações C.N.C.O., 1948, p.2.
87. Ata de reunião da Diretoria do Círculo Operário de Volta Redonda. 8/6/1949.

88. Palestra do padre Leopoldo Brentano quando do lançamento de uma classe de alfabetização no Círculo. 7/8/1947.
89. Ata de reunião da Diretoria do Círculo Operário de Volta Redonda. 18/2/1948.
90. *Idem.*
91. Ata de reunião da Diretoria do Círculo Operário de Volta Redonda. 23.3.1949.
92. LENHARO, Alcir, op. cit., p.171.
93. Sr. Valentim. Entrevista nº3, fita nº1. Assunto: Círculo-CSN.
94. Manual do Círculo Operário, op. cit. p. 50.
95. Ata de reunião do Círculo Operário de Volta Redonda. 23/3/1950.
96. *Idem.*
97. *Idem, ibid.*
98. *Idem, ibid.*
99. Ata de reunião da Diretoria do Círculo Operário de Volta Redonda. 10/11/1950.
100. Ata do Círculo Operário de Volta Redonda. 13/3/1951.
101. Entrevista de Paulo Mendes. *O Lingote*. nº 120, set/out de 1957.
102. A documentação referente às atividades da ELO em Volta Redonda foi destruída em 1967 quando a sede do Círculo Operário foi invadida por uma enchente.



Esta é a expressão utilizada por nosso guardião ao pretender conceitualizar os sindicatos e, ao mesmo tempo, distingui-los dos Círculos Operários. Aqueles são, no seu entender, o "sindicalismo oficializado" e, os Círculos, entidades autônomas, que não são voltadas especificamente para resolver questões salariais, não têm vínculos com o Ministério do Trabalho e são compostas por cristãos. Todavia, apesar dessas distinções, não há oposição entre essas duas instâncias, oficial e sagrada, porque no plano temporal

*"(...)elas se completam porque ambas se preocupam com o trabalhador e sua família, com o progresso da nação e com a ordem social."*<sup>(1)</sup>

O Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda<sup>(2)</sup> surge, como tal, a partir da própria Companhia Siderúrgica Nacional que desempenhou papéis relevantes ao longo dessa constituição:

*"(...)não nas escolhas vividas, no posicionamento das correntes em disputa em seu interior, mas na forma de encaminhamento e nas atitudes, frequentemente contraditórias, assumidas"*<sup>(3)</sup>

Nessa perspectiva entende-se que buscar o caráter daquelas disputas é um dos caminhos possíveis para a recuperação das identidades que contracenam nessa arena política. Todavia, podemos afirmar que o sindicato desempenhou, como instrumento político-sindical institucionalizado, papéis simbólicos importantes na constituição daqueles trabalhadores, como um determinado sujeito coletivo.

Em primeiro lugar, o sindicato foi um dos instrumentos para que aqueles migrantes, recém-saídos do campo, se constituíssem como segmento da classe operária brasileira. Sindicato e fábrica podem, no caso de Volta Redonda, ser pensados como espaços de constituição da identidade fabril daqueles trabalhadores.

O sindicato foi também um importante contraponto à política repressiva que caracterizou a gestão da mão-de-obra na CSN. Por fim, o sindicato tem sido apreendido pelos metalúrgicos, desde os anos 50, como a "sua casa".

O caso dos metalúrgicos de Volta Redonda nos permite projetar a possibilidade do sindicato ter desempenhado esses papéis, por ter conseguido produzir significados que representam a diversidade cultural daqueles trabalhadores. Significados estes que em muitos momentos se consubstanciaram numa política de resistência e forjaram, nas décadas de 50 e 60, o seu reconhecimento como entidade representativa dos metalúrgicos. E, nessa representação, o sindicato se

tornou um ator que, como cúmplice ou opositor, se moveu na cena política juntamente com a empresa e demais segmentos que construíram a cidade. Portanto, esses elementos não nos autorizam afirmar que aquele sindicalismo esteve deslocado de sua base e, ao contrário, podem nos colocar novos elementos para reflexão quanto à natureza do sindicalismo no período.

Nosso guardião, ao identificar o sindicato no campo da representação oficial, não só recupera o conteúdo trabalhado nos Círculos Operários, como também projeta uma determinada leitura realizada pelos próprios trabalhadores ao assumirem aquele instrumento organizativo. Porque, como nos relatou um ex-eletricista e circuilista, o sindicato também era:

*"(...) aquele que podia chegar até os homens porque tinha legalidade para isto. Nós ficávamos lá na base, garantindo o sindicato porque eles foram eleitos para representar a gente que trabalhava lá na Usina dia e noite. Mas o sindicato tinha que lidar direito porque senão andasse, o bicho pegava..."<sup>(4)</sup>*

Através da palavra "oficialista" do nosso guardião podemos apreender outros significados inscritos no imaginário daqueles homens que se constituíam como a categoria metalúrgica e que esperavam, do "seu" sindicato, uma "boa chegada aos homens".

As disputas políticas travadas entre petebistas, comunistas e católicos pelo comando dos sindicatos estão referidas a diferentes concepções que, mesmo difusas, lhe conferem determinadas representações... Para os católicos, os sindicatos eram corporações. Os petebistas foram constituídos como partido, a partir da própria estrutura sindical corporativa. Os sindicatos eram essencialmente espaço de disputas partidárias. Mas sua visão tinha dupla dimensão: aquela dos ministerialistas que viam o sindicato como correia de transmissão da política governista e aqueles que acreditavam nos sindicatos como entidades autônomas. Estes últimos comumente aliados aos comunistas – que oscilavam de uma visão bolchevique à trabalhista – impuseram nos anos 50 direções mais aguerridas aos sindicatos: no caso de Volta Redonda, dos anos 58 a 62 foram os ministerialistas que dominavam.

Os católicos, organizados no Círculo Operário, que estavam articulados como uma corrente por vezes aliada da empresa, se apresentam, desde a primeira eleição sindical, atentos e atuantes no plano político-sindical. No caso de Volta Redonda estas diferentes visões também estavam presentes.

Sobre essa "atenção", despertada diante da nova realidade sindical, do final dos anos 40, o delegado geral do Círculo informa:

*"...sobre as próximas eleições nos Sindicatos, onde deverá cessar o regime de intervenção. Focalizando as tentativas de infiltração comunista que fatalmente se verificarão propõe: que o C.O. apresente como candidato à Presidência do Sindicato o Sr. Valentim Marques de Castro, presidente do C.O. O Sr. Delegado Geral sugere que seja criado, por conta da verba de propaganda, um Departamento destinado a tais atividades, visto ser de interesse vital para o C.O. a luta contra o comunismo dentro dos sindicatos. Lembra ainda o Sr. Delegado Geral a conveniência de ser expedida uma Carta Circular a todos os associados, expondo com clareza o assunto, a fim de preveni-los contra possíveis e muito prováveis confusões provocadas pelos comunistas no seio dos sindicatos. O Sr. Presidente fala sobre o interesse que os comunistas demonstram sempre em criar confusão, para tirar partido dela. O Sr. Delegado Geral propõe que na próxima reunião*

*geral, seja lido para os associados, por qualquer um dos membros da Diretoria, um artigo que os oriente na campanha política que ora se inicia. Lembra ainda o Sr. Delegado Geral a conveniência de prevenir os associados contra o perigo da intromissão de questões políticas dentro do C.O. e propõe o afastamento provisório de qualquer membro da Diretoria que porventura se tenha filiado a determinada corrente política...” (5)*

Essa preocupação com a organização sindical não está restrita à Volta Redonda, pois expressa resolução do IV Congresso realizado em 1945. Aliás, a própria fundação do Círculo em áreas como Volta Redonda e Xerém, onde localizava-se a Fábrica Nacional de Motores, já traduz aquelas resoluções que procuravam reorientar e modernizar as atividades circulistas, aquilo que Wiarda<sup>(6)</sup> identificou como resposta ao medo de uma “renovada penetração do comunismo nos sindicatos”. Ramalho<sup>(7)</sup> assinala, por sua vez, a presença circulista, principalmente na vila operária, como uma das dificuldades enfrentadas pelo sindicato dos metalúrgicos da FNM. No caso de Volta Redonda, onde a presença petebista era mais forte do que a dos comunistas, o Círculo desde o início se colocou na busca da representação sindical e de não forjar qualquer estrutura paralela. A presença circulista já estava garantida através da assistência social exercida em parceria com a empresa. Tratava-se, portanto, de dificultar o domínio sindical pelos petebistas e comunistas. Para tanto, os circulistas se envolvem na disputa político-sindical. Mas o fazem de forma a não comprometerem sua imagem pública de neutralidade e apolíticos. Na realidade, agem como atores políticos, procurando derrotar aqueles que consideram o mal introduzido no meio dos trabalhadores.

A fala circulista reflete importantes referências sobre a conjuntura vivida na época, quando, em 1946, o mandato das diretorias sindicais foi prorrogado, iniciando um período de muita repressão sobre a organização sindical, principalmente sobre o movimento operário.

Entretanto, nesse mesmo momento, o circulismo está se estabelecendo em Volta Redonda com o objetivo de: “assegurar a união entre capital e trabalho, dirigidos no sentido cristão da caridade...” (8) O circulismo cresceu nos momentos de repressão, muito embora já estivesse presente na região de Barra do Piraí desde o início de 1941, realizando um trabalho pedagógico-educativo através de cursos e palestras sobre a moral do trabalho e questões relativas à assistência social: “o operário e a assistência social”. Lançaram os mesmos alertas:

*“(...)o padre Gabriel de Faria dirigiu-se aos operários presentes, falando que a classe estava, no momento, sendo objeto de inescrupulosa exploração e vil propaganda tendenciosa, organizada pelos subvertores da ordem social, que somente visam a interesses próprios...” (9)*

Em Volta Redonda, nosso guardião zelava para que a estratégia guerreira definida no IV Congresso circulista fosse levada a cabo, e, para tanto, buscou articular uma ampla aliança capaz de derrotar os comunistas presentes no movimento operário que buscava constituir o sindicato:

*“(...)De início o Sr. Presidente falou aos presentes sobre um assunto de elevada importância para nós (com referência ao sindicato local). Disse-nos o mesmo estar procurando estabelecer uma união entre duas chapas, esforçando-se por fazer uma chapa de gente escolhida de orientação católica. Falou-nos, ou-*

trossim, sobre o encontro com o delegado do Ministério do Trabalho, o qual lhe ofereceu todos os seus préstimos e garantia de se realizar uma eleição perfeita, procurando afastar assim do Sindicato, todo e qualquer elemento subversivo e perigoso e que fosse de encontro às sãs e sadias normas do cristianismo".<sup>(10)</sup>

Essa estratégia, assumida pelo Círculo Operário de Volta Redonda, o colocava em sintonia com as diretrizes nacionais do circulismo diante da nova realidade política, econômica e social do país:

"(...) no instante duríssimo que estamos vivendo, o operariado está sendo chamado a definir-se... É nossa convicção que os cristãos se devem colocar na vanguarda dos movimentos sociais, para lhes dar um sentido espiritualista. Por isso, as organizações operárias cristãs têm que encarar, corajosamente, as mais sentidas reivindicações imediatas das classes trabalhadoras a fim de que os movimentos de reivindicações se façam sem agitações estéreis, nem planos demagógicos. Não podemos aceitar a liderança comunista. Fazemos essa afirmação sem ódio e sem reacionarismo, tranquilamente, por uma questão de paixão doutrinária irredutível. O comunismo tem um objetivo a atingir, dentro de princípios e métodos que não aceitamos."<sup>(11)</sup>

São afirmações que evidenciam que, para o circulismo desse período, a luta contra o comunismo está associada a uma intervenção no processo político-social em curso. Já não se trata mais de uma retórica anticomunista e, ao mesmo tempo, governista. Fazia-se necessário assumir as bandeiras dos trabalhadores, reconhecer a justeza das suas reivindicações. Por isso, os cristãos têm que ser "fermento na massa".

Nesta perspectiva, a luta anticomunista torna-se parte de um projeto que tem como eixo a ação no seio dos trabalhadores e não mais uma ação doutrinária e clerical. O circulismo deve tornar-se um instrumento dos trabalhadores na sua luta por melhores condições de vida e trabalho. A miséria a que estavam submetidos era a verdadeira ameaça, a razão do crescimento da desordem, da subversão. Era o sinal que devia ser captado pelos cristãos.

A sinalização que indicava o crescimento dos comunistas em Volta Redonda estava na eleição do carpinteiro Alcides Sabensa, um dos fundadores do Sindicato dos Metalúrgicos e um dos 16 deputados eleitos para a Assembleia Nacional Constituinte, em 1946, pelo PCB.

Para fazer frente à tal realidade, na primeira eleição sindical dos metalúrgicos, nosso guardião, católico e amigo dos padres, se torna pré-candidato a presidente do sindicato. Porém, apesar das intensas atividades visando a essa eleição, o Círculo não lança seu candidato e forma, com outros segmentos, uma chapa que buscava derrotar os comunistas e petebistas. Em 1951, essa aliança de circulistas e operários ligados ao Partido Social Democrático (PSD) do ex-interventor Amaral Peixoto ganha a eleição. Alan Cruz torna-se presidente do sindicato. É um trabalhador "de escritório" da CSN e ligado ao grupo amaralista que, no espaço da cidade, organiza o movimento emancipacionista.

O sindicato se envolveu, plenamente, nessa campanha que, afinal, interessava a todos os grupos de poder que se moviam na região. Mas interessava, sobretudo, à própria CSN.<sup>(12)</sup>

Há, portanto, uma intrigante confluência de interesses entre os resultados da primeira eleição sindical metalúrgica e os interesses daqueles grupos emancipacionistas. Para confirmar

tal fato, Alan Cruz, ao sair do sindicato, se torna dono do primeiro Cartório em Volta Redonda, uma generosa doação do almirante Amaral Peixoto, então governador do estado do Rio de Janeiro.

Em linhas gerais, podemos dizer que com menos de uma década de existência, Volta Redonda já vinha perdendo aquelas características que a aproximaram de uma "Company Town", submetida a uma única empresa que detém solo, equipamentos coletivos, corpo armado de guardas, etc. Volta Redonda transformava-se numa cidade industrial e, como tal, um centro urbano de importância regional, mesmo que submetido à política da CSN. A utopia inicial, de uma fábrica-cidade, onde o trabalho e a harmonia a tudo presidiam, cedia lugar a uma outra fase marcada por conflitos, onde novos agentes sociais entravam em cena e onde o controle político da cidade passava a ser alvo de disputas: a "questão urbana" alia-se àquelas questões propriamente fabris. E será neste cenário que se dará a conformação da luta emancipacionista.<sup>(13)</sup>

Nas "company town", onde a lógica do controle centrava-se na reprodução e disciplinamento das populações operárias, objetivando construir trabalhadores-modelo, a expansão dos conflitos indicava múltiplas dimensões da dominação relativas à exploração do trabalho e espoliação urbana. Em Volta Redonda a potencialidade era ainda maior porque, como núcleo urbano, ela precede a CSN. Ali o "transbordamento" indicado por Leite Lopes, no caso da Paulista, também pré-existia.

Volta Redonda assemelha-se à realidade do Vale do Aço, formado pelas cidades de Ipatinga, Cel. Fabriciano e Timóteo, sedes da Usiminas e da Acesita, onde foram construídos centros urbanos mono-industriais, onde uma grande indústria exerce enorme influência sobre o poder local, nestes casos existindo um processo de segregação, planejado com aumento de fluxo migratório e agudização das condições de reprodução da força de trabalho.

Volta Redonda era um distrito de Barra Mansa e nasce, como cidade, para servir à CSN. Mas, ao projetar-se como tal, permite o surgimento de novos atores sociais. Os conflitos se colocam na esfera fabril e urbana e serão alvo da ação sindical circulista e de outros segmentos sociais. Na década de 50 Volta Redonda torna-se centro da expansão migratória no Estado do Rio de Janeiro, com uma população chegando a 35.964 em 1950, e 88.740 em 1960.

A CSN não era mais o grande empregador, porque enquanto a cidade crescia 146% a sua força de trabalho crescia apenas 18%. Ao redor da CSN outras indústrias surgiram devido aos incentivos governamentais.

O espaço urbano passou a viver grandes problemas com a expansão de loteamentos e precariedade dos equipamentos urbanos. Só em 1952 a CSN elabora um novo plano de urbanização da cidade, mas para uma população de 100 mil habitantes e abandonando o modelo de moradia operária.

O movimento emancipacionista articula diferentes interesses além daqueles próprios dos operários, que buscavam garantir melhores condições de vida no espaço urbano:

*"(...) para a arizozada a emancipação podia obrigar a CSN a acabar com a construção das casas..." (14)*

Havia o grupo ligado aos fazendeiros que passavam a fazer de suas terras grandes loteamentos. A especulação imobiliária, por sua vez, articulava-se com os comerciantes

representados pela Loja Maçônica Independência e Luz. Por fim havia os interesses políticos-partidários, particularmente aqueles representados pelo PSD, que articulava no estado do Rio de Janeiro seus diretórios.

O movimento começou a tomar forma em 1950, mas antes já havia a sociedade "amigos de Volta Redonda" que buscava firmar o poder do distrito, particularmente defender os interesses da "Cidade Velha" já que a "Nova" era cuidada pela CSN.

*"(...)era preciso evitar que tivéssemos duas Volta Redonda, uma no asfalto...outra na lama..." (15)*

Em 1952 a sociedade "Amigos de Volta Redonda" transforma-se em centro cívico pró-emancipação, que dá início à coleta de assinaturas, que acompanharia o memorial a ser enviado à Assembléia Legislativa. O Sindicato dos Metalúrgicos não ficou fora dessas articulações e atuou como agente mobilizador, em um jogo mesclado por interesses partidários e econômicos.

Em abril de 1954 a Assembléia Legislativa fluminense convocou o plebiscito, que realizou-se em junho do mesmo ano.

A emancipação foi aprovada por 2.809 votos a favor e 24 votos contra, o que reflete o baixo nível de mobilização já evidenciado quando só 6 mil pessoas firmaram o abaixo-assinado à Assembléia Legislativa. De qualquer forma, a 17 de julho de 1954 o município de Volta Redonda foi criado.

Na primeira eleição para prefeito, a 3 de outubro de 1954, foi eleito o fazendeiro e especulador imobiliário, Sávio de Almeida Gama, do PSD.<sup>(16)</sup>

A CSN, que vivia uma relação conflituosa com Barra Mansa em relação à questão dos impostos, a partir da emancipação passa a dividir a administração da cidade com a prefeitura:

*"(...) a prefeitura varria até o córrego Brandão e de lá pra cá varria a CSN..." (17)*

De qualquer forma a CSN continuou por anos sendo o poder local de fato, inclusive com direito ao policiamento armado. Na realidade a CSN encontrou um sócio para dividir suas responsabilidades, coisa clara na fala do general Macedo Soares em 1959:

*"(...)côscia de seus deveres para com os próprios servidores, deu-lhes o que nenhuma organização industrial havia antes no Brasil; é chegado, no entanto, o momento de lembrar a outros organismos que lhes incumbe completar..." (18)*

Tudo seria perfeito se a CSN não houvesse assinado, em 1955, acordo com o município, pelo qual ficava isenta de impostos. Tal acordo só foi denunciado em 1961, por um vereador comunista eleito pelo PTB.

A partir da emancipação haverá uma proliferação de associações, complexificando a sociedade civil e evidenciando a diferença de interesses da cidade.

Surge a associação comercial, industrial e agropastoril de Volta Redonda, propondo a "união destas nobres classes patronais", a associação dos proprietários de imóveis, o Rotary Club, em 1956, e o Lions Clube em 1959, e diferentes associações beneficentes.

Essas associações não se colocavam em antagonismo com a cidade, mas representavam interesses não-subordinados à empresa, o que relativizava a dominação da CSN sobre o espaço urbano.

Para os circulistas, a discussão emancipacionista realizava-se tendo como perspectiva não só a luta contra os comunistas e petebistas, mas sua pretensão de impor uma plataforma social à cidade, quais sejam, moradia, cooperativas, rede escolar, assistência social. Uma plataforma que buscava a harmonia social. A Igreja Católica, para além do Círculo, fazia-se presente em todas as iniciativas associativas que iam aflorando na cidade.

Todavia, apesar da rede de interesses que envolvia o sindicato, este, em abril de 1952, assinou o primeiro acordo coletivo de trabalho com a empresa. Acordo que significou importantes conquistas no campo do direito, <sup>(19)</sup> entre os quais o repouso remunerado. Sendo então aquele sindicato o primeiro que, no Brasil, colocou a questão dos turnos e sua incompatibilidade com os princípios estabelecidos na CLT. Porém, essa cláusula foi retirada do acordo por ação da empresa e consentimento daquela direção sindical. E essa luta, pela redução dos turnos, manteve-se ao longo dos anos e, ainda hoje, é valorizada pelos trabalhadores:

*"(...)essa vida de três turnos não tá danão pé, vou acabar perdendo minha mulher..."* <sup>(20)</sup>

O ano de 1953 foi marcado, em Volta Redonda, por dois importantes acontecimentos: visita de Getúlio Vargas e chegada de Nossa Senhora de Fátima. Esta última, após peregrinação pelo mundo, foi recebida "na cidade do aço" com grandes homenagens organizadas pelo Círculo Operário.

Estes acontecimentos estão marcados na memória do nosso guardião como momentos que se cruzam num ritual de moralidade:

*"(...) aquele foi um ano de muitas alegrias para nós. O Círculo, representando os trabalhadores católicos, recebeu a imagem da Virgem de Fátima e, no dia 1º de maio, pôde homenagear aquele que nos legou a legislação trabalhista. Foi uma feliz coincidência porque pudemos juntar Igreja e Estado, lá onde o trabalho era fundamental..."* <sup>(21)</sup>

Memórias se cruzam ao vivenciar outro momento de impacto semelhante para o presidente do sindicato ao homenagear Getúlio Vargas:

*"(...) O sonho do trabalhador de Volta Redonda faz-se realidade neste instante... permita que eu diga: neste momento um grande encontro se realiza. De um lado, o grande Presidente, encarnação acabada do civismo, do amor ao Brasil, o amigo de todas as horas... de outro lado a massa obreira de Volta Redonda e Barra Mansa, ansiosa para viver este momento... junto às máquinas, que trepidam e que produzem, ao lado dos fornos que crepitam noite e dia, não estão outras máquinas, estão homens, conscientes, disciplinados, patriotas, amigos e admiradores de Vossa Excelência..."*

Imagens superpostas na memória compartilhada e que nos induz a percebê-las como de subserviência ao Estado e à CSN. Nem uma coisa nem outra. A chegada de Nossa Senhora de Fátima, acompanhada pelo clero, era um ritual moralizador com objetivo de conversão, recristianização da "família siderúrgica". uma apologia à moral do trabalho.

Getúlio identifica-se com os trabalhadores e com o progresso, e neste sentido insere-se no mesmo ritual, onde o trabalho erguia-se num pedestal. Mas os trabalhadores só não se identificaram enquanto máquinas de trabalho mas como homens, como tal querem ser tratados. Como leais ao presidente-pai, e à Santa protetora, reivindicam uma leitura humanizada do trabalho. Reivindicam direitos.

A campanha salarial do ano anterior, analisada na sua essencialidade, ressalta as profundas inquietudes então vividas pelos metalúrgicos, expressas nas lutas por direitos inserida no contexto ritualístico-religioso-trabalhista. A busca da lei, como reivindicação de igualdades sociais e reconhecimento público, foi, em Volta Redonda, profundamente relevante. Não importa aqui analisar as deformações oriundas da Justiça do Trabalho e das próprias leis trabalhistas. Importa ressaltar a extrema importância política e cultural que a recorrência à lei desempenhou junto àqueles metalúrgicos. Leis que não foram vistas apenas na sua dimensão reguladora de uma determinada estrutura social, como aquilo que conferia papel legitimador às relações de dominação impostas pela CSN. Naquela cidade essa busca constituiu-se em luta política, e como tal, impôs limites ao poder exercido sobre aqueles trabalhadores.

Essa dimensão, quanto ao uso das leis como instrumento de luta por organização e melhores condições de vida, configurou tanto a ação dos católicos quanto a dos comunistas, sendo que, para os últimos, essas lutas, após a Constituinte de 1946, foram articuladas a partir dos direitos constitucionais então postos e pelo aprofundamento e avanços na CLT. E para os circunistas a legislação era, desde 1891 com a "Rerum Novarum", o eixo sobre o qual a ação católica se constituía. Para os católicos, a busca da regulamentação, de um corpo de leis que regulasse as relações de trabalho, consubstanciou-se em plataforma política, operacionalizada por um projeto pedagógico-educativo.

Não se pretende, aqui, perseguir, na fala do nosso guardião e do então presidente do sindicato, a expressão de subserviência à CSN, mas, sim, apreender a sua apropriação pelos trabalhadores, quando convertem os discursos em possibilidades de luta por direitos. É sobre isso que nos fala um ex-forneiro:

*"(...) os homens do sindicato eram iguais aos do Círculo, porque eles todos falavam a mesma coisa quando os figurões apareciam por aqui. Mas a gente entendia que aquilo estava certo. Lá com 'eles' a fala tinha que ser macia, finóvia. Mas nós, aqui embaixo, tínhamos que ser grossos mesmo. Assim a gente empurrava os de cima..."* (22)

Quanto à relação dos Círculos com a CSN e o sindicato é interessante analisar a fala da própria empresa:

*"(...) Nestes sete anos de vida, o trabalho circunista se consolidou entre nós. Eles estão em toda parte, trabalhando conosco e com o sindicato para melhorar a vida dos metalúrgicos. Por tudo isso, a direção da CSN, representando seus empregados, presta sua homenagem..."* (23)

É certo que o Círculo buscava essa triangulação, porque pensava-se como elemento moderador dos conflitos. Agindo essencialmente no campo assistencial e educacional, procurava exercer uma ação de complementariedade junto ao sindicato e à empresa. Junto ao sindicato, livre



dos comunistas e petebistas, exercia tarefas educacionais, tais como cursos sobre legislação trabalhista e sindical, abria seus cursos formais à "família siderúrgica" através de convênio com sindicato-empresa e, nos bairros, exercia funções assistenciais através da ação dos seus núcleos e dos centros sociais da Igreja.

A fala do presidente do Círculo expõe mais ainda esse perfil de colaboração: "(...) examinando os principais aspectos das atividades do circulismo no Brasil, enaltece o apoio dado pela CSN e pelo Sindicato..." (24)

A Diretoria do Sindicato também reconhece o Círculo como parceiro: "(...) propõe um voto de louvor ao Círculo pela sua contribuição à família siderúrgica e pela sua ajuda na última campanha salarial" (25)

Aí está: a campanha salarial centrada nos direitos constitucionais de 1946 e CLT, tais como incompatibilidade entre sistema de jornadas contínuas de 8 horas, em turnos de revezamento e os princípios estabelecidos na CLT, com referência a descanso para refeições e repouso. Já em 1953, três mil operários entraram na Justiça contra a CSN, acusando-a de não cumprir o artigo 71 da CLT.

As cláusulas do acordo de 1952 eram as seguintes:

- 1 - descanso remunerado para diaristas e horistas
- 2 - horário noturno
- 3 - férias
- 4 - classificação
- 5 - horas-extras
- 6 - desconto das faltas do pessoal que trabalha 8 h e 45 min. por dia
- 7 - fixação de cartazes-aviso do sindicato no "hall" de entrada no escritório central e nas entradas da usina
- 8 - entendimentos com o sindicato
- 9 - reajuste dos salários padrões de 21%
- 10 - salário família

Questões que sensibilizavam os circulistas porque referidas à aplicação da CLT e que visavam à melhoria na qualidade de vida da "família siderúrgica".

A propósito desse acordo o jornal "Última Hora" dizia da "moderna concepção trabalhista no Brasil".

O 1 Maio de 1953, onde os trabalhadores desfilaram frente a Getúlio em Volta Redonda, configurou-se numa verdadeira teatralização pela "doação" das leis trabalhistas. Nessa ocasião dizia Alan Cruz, o presidente do sindicato, a respeito da disciplina que existia na empresa:

"(...) cresceram à luz dessa assistência que Vossa Excelência tem sabido criar para o trabalhador nacional..."

Eram palavras partilhadas pelos circulistas e apropriadas pelos trabalhadores que as convertiam em pontos de reivindicações por direitos: *"Para nós o importante era conseguirmos os nossos direitos. Se para isto o sindicato precisava botar a gente para desfilar, fazer discurso, não tinha importância. Mesmo porque o presidente Getúlio, que era amigo mesmo dos trabalhadores e que tinha a CSN como menina dos olhos, tinha um bom relacionamento com nosso sindicato. Naquele tempo a briga era mais na palavra..."* (26)

Essa fala explicita a lógica simbólica do discurso trabalhista que retrabalha o significado da palavra *"operário"* que foi construída ao longo da primeira República e que estava associada à luta, reivindicação e repressão. Ela agora estava associada à generosidade que envolvia pacto, reciprocidade. Não era mais conquista, não havia mera submissão, descaracterização. Havia troca orientada por uma lógica que articulava ganhos materiais com ganhos simbólicos.

O equilíbrio econômico é chave da generosidade, é a possibilidade da reciprocidade. Portanto, o discurso de crescimento econômico da empresa e *"bem-estar"* dos operários que nela trabalhavam era fundamental para a relação de harmonia que se pretendia existir na CSN.

Todavia, afóra esses momentos de campanha salarial e festividade, a relação entre aqueles diferentes espaços de poder nem sempre refletia um clima cordial, porque havia uma disputa pela direção da categoria e da entidade.

Para o Círculo era importante *"fazer uma campanha de sindicalização entre os cristãos, para que eles possam ter voz ativa no sindicato e dar um rumo certo aos trabalhadores..."* (27)

Havia preocupação quanto à direção do sindicato, por causa da forte presença partidária e pelas tensões que já surgiam na relação da categoria com a CSN. Para os circulistas, o sindicato tinha que continuar a trabalhar em harmonia com a empresa, sem

*"(...) deixar que afluam conflitos que prejudiquem o desenvolvimento dessa grande empresa..."* (28)

Os circulistas reproduziam o discurso da empresa nos seus atritos com o sindicato através da participação em assembléias. Exerciam suas dificuldades com o sindicato quando buscavam identificar-se:

*"Nós, circulistas, não concordamos com estas críticas que o sindicato vem fazendo ao coronel Macedo Soares, porque entendemos que só através do diálogo iremos resolver o problema do alojamento..."* (29)

Exerciam sua oposição através de boletins e em reuniões realizadas nos núcleos dentro da fábrica: *"(...) devemos discutir nossas discordâncias com a direção do sindicato em todos os nossos núcleos. Devemos esclarecer nossos companheiros para que eles não sejam envenenados..."* (30)

As eleições sindicais de 1955 foram marcadas por um fato singular, que demonstrou, na ocasião, os limites políticos das possibilidades de intervenção do Ministério do Trabalho nos sindicatos, diante da mobilização dos trabalhadores.

Pela primeira vez, a chapa vencedora naquela eleição trouxe, em sua composição, um comunista ocupando a vice-presidência. Esse fato detonou uma série de acontecimentos que terminou por fazer com que o Ministério decretasse, *"a pedido"*, a anulação da eleição:

*"(...) não fomos capazes de barrar a presença dos comunistas na chapa do sindicato. Mas não podemos cruzar os braços. Estive com o representante do Ministério do Trabalho e ele me garantiu que o ministro Niemeyer vai intervir..."(31)*

Destas palavras, percebemos que a composição anterior não mais se repetia. O Círculo havia sido derrotado. Estas palavras, firmadas em Ata da reunião da Diretoria do Círculo, se divulgadas à época poderiam ter causado muitos problemas ao Círculo e a seus aliados. Poderiam, quem sabe, ter mudado até mesmo alguns rumos que foram impostos à história dos trabalhadores daquela cidade. Todavia, o que existiu naquela ocasião foram apenas suspeitas. E a CSN era, então, apontada como a principal responsável por aquele atentado à liberdade sindical. Foi nomeado um interventor para dirigir o sindicato, o qual não conseguiu tomar posse, mesmo acompanhado por policiais do serviço de informação (Dops), porque, ao chegar, encontra o prédio do sindicato ocupado pelos trabalhadores que formavam uma verdadeira parede humana, impedindo a entrada de "estranhos". Foram dias intensos, com assembléias permanentes, barricadas, arrecadação de fundo e muitas polêmicas:

*"(...) os sócios da entidade, surpreendidos com a medida ministerial, resolveram impedir, por todos os meios, a intervenção. Por outro lado, o presidente do sindicato, José Claudio Alves, impetrou mandado de segurança junto ao Tribunal Federal de Recursos..."(32)*

Aqueles fatos se constituíram como parte do acervo da memória coletiva dos velhos trabalhadores, sejam eles ex-comunistas, ex-circulistas, os que apenas participavam das assembléias sindicais ou aqueles que apenas "ouviram dizer":

*"(...) não podíamos permitir que nosso sindicato fosse utilizado por politíqueiros, porque ele é a Casa do Metalúrgico e ali mandamos nós. Aliás, era isso que deveríamos ter feito depois do assassinato do Juarez, quando aqueles meninos ficaram por lá brincando com o nosso dinheiro.*

*Mas naquele tempo, parece que o metalúrgico tinha mais consciência para que servia o sindicato. Porque aquele tal presidente, que já até me esqueci o nome, queria bagunçar nossa casa. O Nestor Lima, esse a gente ainda lembra dele porque depois de 64 foi muito injustiçado, sofreu muita perseguição junto com o Lima Neto e outros, era um homem muito correto. Tá certo que era comunista, e isto os padres reclamavam muito, mas todo mundo via que era um homem bem-intencionado.*

*Foi por isso que fizemos aquele movimento. Os metalúrgicos se revoltaram e não deixaram mesmo o interventor entrar. Pra nós, aquilo era coisa da própria CSN porque o general Raulino de Oliveira gostava do talzinho e resolveu proteger ele.*

*Aliás, uns dias antes da confusão, o general do BIB foi até homenageado pela CSN. E sabe como é metalúrgico, né? É tudo desconfiado!*

*Pena que hoje esses meninos aí dessa tal CUT só pensam em derrubar o governo, em ser políticos e deixam o nosso sindicato tão desmoralizado. Olha, acho que o sindicato já teve muitos momentos de 'cabra macho', como esse que estamos falando, em 64 quando Lima Neto era presidente e depois com as lutas com o Juarez. No tempo do falecido Juarez eu já estava aposentado, mas acompanhava ele. Fui até Brasília muitas vezes para pressionar os homens lá.*

*Pena que estes metalúrgicos que dirigiram o sindicato com tanta honestidade já morreram ou estão velhos como o Nestor Lima.*

*Porque hoje eu estou, e quase todos os aposentados estão sem saber como vamos fazer, porque o sindicato está acabando. E sem ele o metalúrgico fica sem proteção...” (33)*

Noutro depoimento, a lembrança heróica:

*“(...) Nem sei quantos nois era (sic), só sei que tinha muito metalúrgico, todo lugar que se olhava era só uniforme. Daí o tal de interventor ficou maluquinho e não conseguiu entrar nem com aquele monte de polícia, da tal de polícia secreta, que ele trouxe. Claro, ele sabia que nois metalúrgicos era bravo e ficou com um pulã (sic) medo. Daí foi aquele vexame.*

*Mandamos o danado prá casa e empossamos o Nestor Lima. Ele sim era um ‘arigó’ dos bons. Diziam até que ele era de um tal Partido Comunista. Mas naquela época qualquer um que tava do lado do operário era logo chamado de comunista. Eu até não entendo muito dessas coisas, porque pra mim o importante é o metalúrgico, e todo operário tem consciência de que o sindicato é a sua casa e ele tem que ser defendido igual a gente defende nossa casa, a nossa família, de safados.*

*Foi assim também em 1964, quando o Exército derrotou a gente. Mas aí era muito armamento, muito soldado e nois tava só. Parecia até que só os metalúrgicos de Volta Redonda estavam com o Jango.*

*Mas na greve de 1988 os metalúrgicos deram o troco. O Exército veio, matou nossos meninos, mas também levou muita pancada. Ah! como eu chorei aquele dia. De raiva, de vontade de entrar lá na Aciaria e ficar junto com meu filho.*

*O metalúrgico precisa acreditar numa liderança, senão fica como agora, depois que o finado Juarez se foi. Acho que vai ser preciso fazer tudo de novo.*

*Mas é assim que o metalúrgico vem conseguindo seus direitos.*

*Tem uma coisa: a Diretoria do Sindicato tem que entender que o metalúrgico é o patrão deles...” (34)*

Dessa forma, um comunista, Nestor de Lima, assume a presidência do sindicato numa diretoria hegemônica pelo PTB. Entretanto, a atuação dos dirigentes sindicais continuou sendo marcada pela ambigüidade. Porém, com todas as ambigüidades possíveis, a relação do sindicato com a empresa, no plano das lutas dos trabalhadores, continuou sendo marcada pelo enfrentamento, por reivindicações salariais, por melhores condições de vida, de trabalho e, sobretudo, pela ampliação e consolidação de direitos. Por outro lado, no plano da política, aquela Diretoria se caracterizou pela defesa da CSN enquanto empresa pública e da política nacionalista imprimeada pelo governo Vargas.

Essas contradições inerentes à política petebista causaram dificuldades àquela direção sindical. E sua derrota, na eleição sindical realizada em 1956, parece refletir esse aspecto:

*“(...) O Nestor Lima perdeu as eleições daquele ano porque a ‘arigozada’, era assim que aqueles trabalhadores se chamavam, queria mais atitude contra a CSN. A gente era muito explorado e ainda tinha aquela briga pelas casas. Mas o sindicato ficava meio confuso.*

*Daí veio aquele pessoal do Oto e levou no papo a moçada. Porque eles diziam que Nestor era amigo da CSN porque defendia a política de Getúlio. Até aí nada demais porque a 'arigozada' era tudo getulista mesmo mas, para arrasar com o Nestor, inventaram que ele era comunista. Foi uma conversaiada danada e ganhou o Oto. Mas aí já é outra coisa..."(35)*

A partir de 1955 a CSN, tendo como presidente o já então general Macedo Soares, inicia um novo estilo nas relações da CSN com a cidade. Passa a torná-la sócia da gestão até então exercida por ela e, em contrapartida inicia seu afastamento das questões urbanas. Estava concluída a constituição da sua mão-de-obra. A empresa estabelece então uma série de concursos, tais como: de "bebê robusto", de beleza e de esportes juvenis.<sup>(36)</sup> O que nos sugere que havia uma preocupação em demonstrar a saúde daquela gente e como todos viviam bem. A CSN montava sua rede assistencial profissionalizada e para tanto recebe várias ordens religiosas que vão colaborar neste esforço.

É um período em que o Recreio dos Trabalhadores é construído e haverá incentivo a diferentes práticas esportivas. No ritual do trabalho, já sacralizado nos ritos religiosos e assembleias-desfiles sindicais, incorporam-se novas práticas higienizadoras agora sugerindo beleza e bem-estar.

Nesse período a empresa investe nas suas relações com a hierarquia católica e é quando define-se a transferência da sede da Diocese para Volta Redonda,<sup>(37)</sup> passando a ser também centro irradiador de evangelização. A partir daí, Volta Redonda transforma-se em palco de inúmeras visitas do cardeal D. Jaime Câmara, que, inclusive, concede ao general Macedo Soares a Comenda da Ordem de São Gregório Magno, agraciada pelo Papa.<sup>(38)</sup> Visando consolidar essa relação com a hierarquia católica, Macedo Soares autoriza propaganda, em todas as dependências da CSN, das cerimônias religiosas que realizar-se-ão em preparação ao Congresso Eucarístico.

Também nesse período a CSN determina ao seu Departamento do Pessoal a obrigatoriedade da apresentação da carteira de trabalho, o que remete-nos para a ausência, até então, de registros legais, por parte da CSN, da sua mão-de-obra, referentes àqueles operários de empreiteiras que trabalhavam na CSN.

Ou talvez se configurasse num problema mais geral, que atingisse parcelas maiores de trabalhadores.

É importante ressaltar que Volta Redonda tornara-se palco de acirradas disputas partidárias, dominadas principalmente pelo PSD, através da corrente amaralista, e pelo PTB, dividido em duas correntes: uma, liderada por Roberto Silveira, e outra mais próxima a Goulart.

No plano da cidade múltiplas alianças foram construídas. Mas no plano sindical a disputa também é acirrada, tendo por palco o Sindicato dos Metalúrgicos, o Sindicato da Construção Civil e o dos motoristas profissionais. Os comunistas eram hegemônicos no Sindicato da Construção Civil, onde a luta por direitos centrava-se na assinatura de carteiras de trabalho. Seu presidente, Rubem Machado, que foi vice-prefeito numa chapa do PTB, acabou assassinado a facadas na principal via comercial da cidade, enquanto engraxava os sapatos.

*"(...) é bom que se lembrar de que já naquela época Volta Redonda já tinha os seus mártires. O Machado (Rubem Machado) era trabalhista. Foi candidato a prefeito. Era uma promessa. A sua morte transformou a cidade. O seu enterro proporcionalmente tinha mais gente do que o do Getúlio..."<sup>(39)</sup>*

O interesse dos circunistas centrava-se no Sindicato dos Metalúrgicos pois não há uma única referência à morte de Rubem Machado.<sup>(40)</sup> Esse interesse deve-se certamente ao fato do Sindicato dos Metalúrgicos ser, até os anos 80, praticamente um sindicato da CSN, mesmo que sua base territorial englobasse Barra Mansa, Resende e Itatiaia.

Mas mesmo assim, o Círculo com seus cursos de alfabetização atingia a base do Sindicato da Construção Civil:

*"(...) nossa turma de alfabetização é, em sua maioria, de trabalhadores braçais da construção civil. É uma gente sem família, ruda e por vezes perigosa"<sup>(41)</sup>*

O que parece certo é que aquela determinação da presidência da empresa objetivou responder demandas vindas dos trabalhadores pela ampliação e consolidação de direitos, como reivindicação por igualdades sociais e reconhecimento público. A resistência empresarial à implantação da legislação trabalhista se fez presente desde o início do século, quando já lutava-se pela jornada de 8 horas, maiores salários, habitação popular, segurança no trabalho, proteção do trabalho da mulher e do menor e muitos outros itens que serão ao longo dos anos elaborados e aperfeiçoados na luta dos trabalhadores. E muitas dessas reivindicações, de caráter legal, estiveram presentes em todas as pautas elaboradas pelos metalúrgicos de Volta Redonda.

Sobre a obrigatoriedade da apresentação da carteira de trabalho nos fala um ex-operário do setor de manutenção, sugerindo a gravidade da questão:

*"(...) A CSN sempre foi muito matreira com os operários. Ela punha a 'arigozada' para desfilar com carteira de trabalho nas mãos, mas se recusava a assinar a carteira de muitos de nós. Eu mesmo vivi este problema. Entrei na CSN em 1943 e só tive a carteira assinada em 52, quando entrei com uma ação no Sindicato. Pior é que perdi todos aqueles anos. Mas essa era a CSN, que tem gente aí que gosta de dizer que era mãe. Tá certo que dava trabalho pra gente como eu, que vim da roça e nem sabia que era aquilo. Isto devo a ela. Mas ela também me deve muito, porque dei pra ela tudo que eu tinha de saúde, de juventude e não recebi quase nada em troca. Nem casa"<sup>(42)</sup>*

Em Volta Redonda, o ano de 1955 também foi marcado pela realização da Conferência Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos, organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria (CNTI), então dirigida pelos comunistas. Nesta Conferência, compareceram delegações internacionais e diversas autoridades governamentais. A escolha do local para sediar tal encontro foi emblemática do prestígio que a CSN desfrutava junto à esquerda nacional. O evento teve o apoio da empresa e sua direção foi festejada pelos conferencistas. A maior expressão política do encontro foi o então presidente da CNTI, um dos mais importantes líderes comunistas. E é ele, Benedito Cerqueira, quem nos fala daquele e, ao fazê-lo, articula os símbolos usados pela própria CSN:

*"(...) marca um episódio na história da emancipação econômica de nosso Brasil, com a inauguração da Companhia Siderúrgica Nacional. Por isso, o 9 de abril, tão caro à família siderúrgica e ao povo brasileiro, é uma data que não pode ser esquecida, e deve ser comemorada em todos os recantos..."*

Essa conferência, patrocinada pelo próprio presidente da CSN, foi aplaudida pela imprensa comunista e marcada por discursos de concórdia e progresso nacional.<sup>(43)</sup>

É interessante assinalar que no período anterior, do segundo governo Vargas, os comunistas não prestigiam no mesmo nível a diretoria da empresa. Ao contrário, são críticos aguerridos muito embora se movam com ambigüidades no espaço sindical, onde dividem com petebistas a direção do movimento. Talvez buscassem diferenciar-se, impondo um estilo marcadamente antigetulista. É certo, porém, que no período que se abre com Juscelino a relação dos comunistas com a CSN será de aplausos muito embora se mantenham distantes do sindicato.

Todavia, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, para além dos discursos, já organizava a campanha salarial daquele ano. E, em assembléia, os trabalhadores rejeitaram a proposta da empresa diante dos argumentos do relator da comissão de salários do Sindicato que, de maneira bem elaborada, demonstrou que o custo de vida havia subido 60% em Volta Redonda, enquanto a empresa propunha aumentos de 30% a 25%.<sup>(44)</sup>

A CSN, em mensagem aos trabalhadores, enfatiza que:

*"(...) a Diretoria chama atenção dos servidores da CSN para os rumores que estão ocorrendo em Volta Redonda a respeito do memorial do sindicato contendo reivindicações. Tais rumores não visam a construir nada, mas a gerar desconfianças e desentendimentos. Sabem todos aqueles que trabalham para a CSN que nunca deixou a Companhia de dar soluções justas e honestas às reivindicações que lhe foram apresentadas. Mas há duas partes a considerar: de um lado, a Companhia, que é o Brasil; de outro, os Servidores da CSN. Ambos os interesses são legítimos, mas têm que ser pensados. É este o ponto de vista defendido pela Diretoria.*

*Não acreditem os laboriosos empregados de Volta Redonda em rumores, só falam pela Companhia os seus diretores ou aqueles oficialmente credenciados".*<sup>(45)</sup>

Sindicato e CSN se enfrentam e a ação dos trabalhadores reelabora-se, tendo como fundamento, novamente, a busca de ampliação de direitos. Suas reivindicações transcendem às questões salariais e incorporam problemas que dizem respeito às condições de trabalho e vida. Por exemplo, a reivindicação referente à duração do turno – já agora explicitamente de 6 horas – foi novamente colocada pelos metalúrgicos e, de novo, negada pela empresa.

E, sobre essa campanha salarial, nosso guardião traz as seguintes recordações:

*"(...) O presidente do sindicato não era um agitador. Ele era como nós, só queria melhorar a condição do operário. E na campanha salarial de 54 nós até trabalhamos juntos, elaborando uma pesquisa sobre o custo de vida em Volta Redonda. Montamos lá na comissão de salários, um trabalho que deixou o general Macedo Soares com os cabelos em pé..."*<sup>(46)</sup>

Assinado o acordo, a 10 de outubro, a CSN anuncia os aumentos e destaca os elogios que dirigentes sindicais teriam feito à diretoria da empresa, quando da assinatura do mesmo. Mas entre os discursos da diretoria do sindicato e a sua prática sindical se colocou a intermediação dos trabalhadores que, pelo alto nível de mobilização, sentem-se orgulhosos da sua própria capacidade e não absorvem aqueles discursos como desmobilizadores:

*"(...) aquela campanha salarial deixou todo mundo alvoroçado dentro da Usina. A diretoria da CSN soltou um monte de papel dizendo pra gente tomar cuidado com os radicais porque a Cia. estava em dificuldades, que a proposta do sindicato aumentava a folha em 200 milhões de cruzeiros e tudo o mais. Mas a gente, lá dentro da Usina, queria dinheiro e nossos direitos. Lotávamos as assembléias pra não deixar o sindicato arredar pé.*

*Foi uma boa campanha e, no fim, ganhamos até algumas coisas importantes."*(47)

A empresa enfrentava a mobilização sindical, tentando desqualificá-la como radical, porque temia a organização que o movimento apresentava. Eram anos de efervescência social.

A eleição de Juscelino Kubistchek, em 1956, trouxe novos elementos à velha disputa sindical. Juscelino, contrariando as expectativas de determinados grupos de poder dentro da CSN, confirmou, na presidência da empresa, o general Macedo Soares e a diretoria do sindicato manifestou-se a favor:

*"(...) Para o sindicato, a permanência do general na presidência da CSN era boa porque nosso medo era de vir alguém que não segura-se aquela crise que estávamos sentindo já nas finanças da empresa. Já se falava em vender a CSN para os americanos. A politicagem sempre foi muito grande lá dentro, havia uma rixa contra o Macedo Soares e o Oto foi usado como 'boi-de-piranha'..."* (48)

O prestígio da diretoria da CSN entre a esquerda e a diretoria do sindicato estava no auge. E um dos fatores que contribuiu para isso foi o apoio dado pelo general Macedo Soares à Conferência Nacional Metalúrgica realizada em Volta Redonda. Naquele fórum, diante de informações de que

*"(...) estavam reunidos os acionistas da CSN e que se cogitava destituir a atual Diretoria... para a venda da CSN, os metalúrgicos decidiram telegrafar imediatamente ao sr. Juscelino Kubitschek, exigindo a permanência dos atuais diretores no que foram integralmente atendidos..."* (49)

Criou-se a "Liga da Defesa de Volta Redonda", para impedir a venda da Usina Presidente Vargas:

*"(...) com o apoio do Sindicato dos Metalúrgicos e da Federação da Indústria, iniciou-se o patriótico movimento de defesa da CSN contra as investidas dos monopólios ianques..."* (50)

Portanto, já naqueles anos se colocava a questão da privatização da empresa que, de resto, nasce com as empreiteiras.

Aproximava-se a eleição sindical de 1957. A chapa vitoriosa, denominada "Independência", apresentava-se como sendo "de oposição ao general Macedo Soares" e proclamando "um sindicalismo independente da empresa". Esse grupo manterá o controle do sindicato até 1962, período em que comunistas e circulistas ficarão na oposição. (51)

O líder desse grupo, Oto Reis Fernandes, havia sido, durante anos, chefe do Departamento do Pessoal da Usina e, como tal, exerceu certa influência sobre parcelas de trabalhadores. Porém, o que parece ter determinado sua vitória foi a sua identificação como opositor ao general Macedo Soares, o que coloca a Diretoria da CSN em sérias dificuldades. Esta, por sua vez, procura ainda mais o Círculo Operário como aliado. Dessa forma, vamos encontrar inúmeras manifesta-



ções de amizade da empresa ao circulismo, através das constantes visitas de D. Agnelo Rossi, de homenagens do Círculo ao general Macedo Soares e vice-versa.

Como parte dessa estratégia, a CSN inaugura sua rádio, onde o Círculo Operário passa a ter um programa diário. O circulismo nestes anos fará uso dos meios de comunicação de massa. Terão programas de rádio, colunas de jornais, além dos seus próprios instrumentos. A Igreja, nos anos 50, descobre o rádio.

A Rádio Siderúrgica deve ter cumprido um importante papel político para a empresa, já que era um meio de comunicação de massa muitíssimo ouvido naqueles tempos em que o índice de analfabetismo era grande, e que ainda não havia televisão. Mas não tivemos acesso à documentação da rádio, que em 1968 foi vendida a uma empresa privada.

O fato de o Círculo ter um programa parece indicar seu prestígio junto à empresa e sua capacidade de intervenção junto aos trabalhadores. Na memória de muitos o programa era ouvido pelas mulheres dos metalúrgicos e sobre isso nos fala um ex-carpinteiro não-circulista:

*"(...)olha moça. acho que o programa do Círculo era mais ou menos o que é hoje o programa da Cidinha. Só não era ouvido mais porque a rádio Nacional pegava muito bem aqui na cidade..."* (52)

O que significa que o Círculo alcançava plenamente seu objetivo que era exatamente o de intervir na vida privada dos trabalhadores.

A ação circulista sobre o núcleo familiar teve uma lenta diferenciação ao longo dos anos. No início centrava-se na organização dos núcleos de bairros e de atividades de cunho cultural-recreativas onde as mulheres, crianças e jovens tinham relevante participação. Eram momentos de grupalização e socialização da "família siderúrgica", com um forte tom moralizador e integrador. Com o tempo esse trabalho ampliou-se com a construção do Colégio Circulista, onde os filhos dos operários eram rigorosamente formados dentro dos preceitos da moral e da ordem.

E no final da década aliam-se a estes procedimentos os programas de rádio. Tudo isto reflete também mudanças na família siderúrgica, que sai do campo e se socializa no espaço fabril. No início, Volta Redonda era uma "cidade de solteiros" e onde todos passavam por incríveis rituais de iniciação: todos ganhavam uniformes, eram classificados e individualizados segundo o grau de instrução, ofício, formação religiosa, local de origem, etc. Em relação à religiosidade também houve mudanças sensíveis e a mais forte é a crescente penetração das seitas protestantes a partir dos anos 70.

Mas até os anos 60 a Igreja católica exercia um poder totalmente hegemônico.

Por outro lado, a população de Volta Redonda, de maioria negra, ainda cultivava hábitos culturais ligados à sua origem rural e à sua negritude.

A música sertaneja desfrutou e desfruta de imenso prestígio, e nos bairros essencialmente operários, a "folia de reis" e outras manifestações folclóricas ainda hoje acontecem. Os jovens freqüentam pagodes onde "branco não entra".

Podemos afirmar que daquela "família siderúrgica", oriunda do campo, analfabeta e miserável que aportou em Volta Redonda à procura do eldorado, também restaram poucos tra-

ços. Mas todas mantiveram na CSN seu maior referencial de um sonho de progresso e prosperidade.

Por volta de 42/43 foi ficando mais freqüente a chegada de famílias que iam sendo colocadas também em alojamentos e depois nas casas especialmente construídas na vila operária. Nesse período a Igreja exercia, além do papel religioso propriamente dito, funções de assistência social. Eram visitas cotidianas para “supervisionar” o cuidado com a casa, com os filhos, com a organização da economia doméstica. Essas tarefas eram exercidas junto com o corpo profissional da empresa e no espaço da vila operária. Mas quando o circulismo instalou-se nos bairros, através dos núcleos, este trabalho estendeu-se.

Mas a “família siderúrgica” também modificou-se no tempo. De pessoas com hábitos culturais rurais, passaram a cultivar costumes que foram sendo incorporados no cruzamento social propiciado no espaço urbano.

A maior transformação pode ser observada naquilo que diz respeito aos sonhos para os filhos. No início o sonho era ver os filhos empregados na CSN e estudando na escola técnica. Depois, era vê-los engenheiros da CSN. E hoje é vê-los fora da CSN.

A chegada em Volta Redonda era um ritual, uma triagem de higienização que buscava transformar, pela via da coerção e disciplina, homens “rudes e bisonhos”, como dizia Macedo Soares, em soldados de aço.

No início a grande maioria não trazia família. Eram homens que ficavam em alojamentos, que trabalhavam de segunda a sábado e que iam para Barra Mansa, nas poucas horas de folga, à procura de prostitutas e álcool.

A ação da Igreja buscava “moralizar” essa vida realizando missas e rezas nos alojamentos.

Um destaque da vida social e religiosa naquela época foi a realização do XXXVI Congresso Eucarístico que era divulgado pela rádio da empresa e motivo de vários programas circulistas. Sobre isso nos fala a imprensa da empresa:

*“(...)Vem o Brasil viver um dos mais emotivos instantes de sua vida de país arraigadamente católico. Durante dias, desde a imponente cerimônia inaugural do XXXVI Congresso Eucarístico...altos dignatários da Igreja, representantes do pensamento cristão de muitos países, sacerdotes e povo em geral uniram-se num raro momento de contrição, para exaltar o seu respeito, o seu culto, a sua veneração a Deus, Nosso Senhor, nesta página indelével da vida brasileira, vivida sob a mais intensa emoção, inscreveu-se também a CSN. Como não podia deixar de ser, parte integrante que é, e de modo saliente, da comunidade brasileira.*

*Desde as providências iniciais para a realização do grande conclave, formou a CSN ao lado de seus insígnies realizadores. Prestou, de várias maneiras, a sua colaboração, e foi, como salientamos em número passado, sob o alcatrão produzido na Usina de Volta Redonda, como símbolo do Brasil industrial, que os peregrinos pisaram na praça do Congresso. Além da entidade, a família siderúrgica, constituída de dezenas de milhares de pessoas, trabalhadores de todas as categorias e suas famílias, dedicou-se fervorosamente a uma ativa participação no Congresso, em Volta Redonda, como em Lafayette, em Siderópolis e Tubarão, como no Rio de Janeiro, em São Paulo, nos escritórios, em toda parte onde tremula a bandeira da CSN...”* (53)

Aí está clara a maneira como a empresa procurava apropriar-se da religiosidade de seus trabalhadores para legitimar-se. E não era só nas suas instalações de Volta Redonda, porque toda a empresa foi mobilizada para o encontro. O discurso da empresa recupera todos os elementos que constituíam a moral do trabalho tão cara aos católicos e tão conveniente ao Estado. Este mesmo Estado que não assinava a carteira profissional de seus trabalhadores.

Nessa mesma direção podemos analisar os festejos da Semana Santa, de 1958, que foram marcados por celebrações, mas que não conseguiram esconder a tensão existente em relação à questão sindical, que agitava-se diante das reivindicações operárias.

O lançamento da pedra fundamental da igreja Nossa Senhora das Graças, cuja comissão organizadora foi presidida pelo nosso guardião, como que sela aquele pacto de colaboração buscado pela CSN junto à hierarquia católica naquele "notável centro de fé católica", como dizia D. Agnelo Rossi. Ainda hoje é possível ver a presença da CSN nas igrejas e centros sociais católicos, já que até os pisos são exatamente iguais àqueles usados nas dependências da empresa.

Outro personagem constante nesse período é o comandante do Batalhão de Infantaria Blindada que, desvolto, desfila ao lado do presidente do Círculo. Aliás, o coronel Almir Lemos Furtado, comandante daquele Batalhão, ao oferecer ao Círculo a imagem de Nossa Senhora Medianeira, expressa daquela relação:

*"(...)em meu nome e no dos oficiais graduados e praças católicos do BIB, tenho grande satisfação e a insigne honra de ofertar neste momento a imagem...Aproveitamos o ensejo do transcurso do 17º aniversário da CSN para darmos uma demonstração pública de nossa ardente fé católica e rendemos um justo pleito de reconhecimento dos elevados propósitos do Círculo Operário de Volta Redonda, que reunido agora sob a valiosa proteção de Nossa Senhora Medianeira, continuará, estamos certos, envidando os seus melhores esforços no sentido de atingir a sua nobre e alta finalidade moral, educacional, social e religiosa. Devo confessar-vos, e isto constitui um justo orgulho para este comando, que existe perfeita identidade de idéias entre os operários de Volta Redonda e os militares do BIB, de vez que somos em verdade soldados de Deus e soldados de nossa querida pátria. Eu me explico melhor: somos fiéis servos de Deus e irmãos em Cristo e soldados ambos do nosso amado Brasil, porque com a concepção atual de 'guerra total', os operários de uma indústria de base, como a Siderúrgica de Volta Redonda, são considerados reservistas, tendo em vista a defesa nacional como elementos imprescindíveis à mobilização econômica e industrial; ajudando eles a construir, no tempo de paz, a riqueza e independência econômica de nosso idolatrado país".(54)*

Para a CSN a fixação da mão-de-obra deixou de ser problemática no final dos anos 50. Mas a moradia operária se colocava como desafio. As casas da empresa eram permanentes pontos de conflito, na medida em que era patente que havia um déficit e que havia descumprimento dos critérios formais para a concessão das mesmas. Esses critérios deveriam ser definidos a partir do princípio de antigüidade, onde o tipo de moradia devia corresponder às possibilidades financeiras do empregado. Diante da mobilização sindical a respeito do problema, Macedo Soares enfatiza o caráter ilegítimo dessas reivindicações e exalta a importância da Igreja com sua obra religiosa, escolar, assistencial, enfim, circulista. E tenta: *"(...)desmentir que existam casebres e miséria em Volta Redonda"*, numa referência direta ao memorial enviado pelo sindicato ao Ministério do Trabalho a respeito das condições de habitação dos trabalhadores da CSN.(55)

O final dos anos 50 assinalou o fim de um período onde as relações entre a CSN, o Círculo e o sindicato tendiam a se confundir no plano da ação discursiva.

A estratégia da CSN é de construção de alianças no que se referia à sua política de controle de mão-de-obra, que cada vez mais se contrapunha a ela. Para tanto buscou aprofundar cada vez mais seus laços com a hierarquia católica:

*"(...) No dia 27 de julho de 1958, após a festa de S. Cristóvão, missa campal na Usina da CSN de Volta Redonda, procedeu-se à entronização da imagem de Nossa Senhora de Aparecida, fac-símile da verdadeira e oferta do Exmo. Sr. Cardeal D. Vasconcelos Motta a CSN, pela oferta desta à Basílica de N. Sra. Aparecida de toda estrutura metálica da torre principal.*

*Estando adoentado, S.Emcia. se fez representar pelo seu bispo auxiliar, D. Antônio Ferreira de Macedo, que falou do povo, ofertando a imagem, agradecendo o Exmo.sr. general Edmundo Macedo Soares e Silva, presidente da CSN. Nós temos a consagração a N. Sra. Aparecida, repetindo o povo nossas palavras. A imagem de N. Sra. Aparecida ficou entronizada dentro de um lingote de aço, com 2.200 quilos, à entrada principal da CSN, no seu pátio, diante das instalações da telefonia".<sup>(56)</sup>*

Novamente o ritual da moralidade. A imagem de Nossa Senhora Aparecida, negra e "aparecida" pelas mãos de um "homem livre na ordem escravocrata" simboliza a luta daqueles que nada têm, que vivem do seu trabalho. É a imagem da moral do trabalho que introduz a ordem e legitima o progresso.

Por outro lado, a relação do Círculo com a diretoria do sindicato é dúbia na medida em que busca aprofundar seus vínculos com a empresa e, ao mesmo tempo, apoiar algumas reivindicações sindicais. O Círculo se colocava como aliado do sindicato na luta pela melhoria da moradia operária, mas quando essa luta se caracterizava como luta de classe ele se realinhava com a empresa.

Sobre a questão, no memorial enviado pelo sindicato ao presidente do IAPI, o Sindicato expõe o problema:

*"(...) residem em barracões, em precárias condições milhares de empregados da Companhia Siderúrgica Nacional, enquanto o sindicato arrecada em Volta Redonda mais de 200 milhões de cruzeiros anualmente, sem possibilitar a construção de uma residência para os associados".*

Com essa luta, o sindicato não só desmitificava um dos mais importantes mitos usados pela CSN, como buscava trazer para si a possibilidade de resolução do problema e, no mínimo, neutralizava a oposição circulista. Ao mesmo tempo, estruturava-se como "máquina sindical" e ampliava sua representação junto aos trabalhadores. Porém, essa estrutura passa a ser mais utilizada nas diferentes disputas partidárias, travadas naquele momento.

E o Círculo, seguindo na mesma direção, também aprofundava suas ligações políticas e partidárias, vinculando-se a representantes da União Democrática Nacional (UDN).<sup>(57)</sup> Nessa perspectiva, o Círculo, ao aliar-se às diversas lutas dirigidas pelo sindicato, procurava dar às mesmas conteúdo próprio, desvinculando-se do "clima" petebista que dominava o sindicato:

*"(...)para nós, circulistas, o direito a uma moradia digna era líquido e certo. Reconhecemos que muitos trabalhadores viviam em péssimas condições e que o sindicato estava certo.*

*Mas tínhamos medo daquele pessoal do Oto. Eles eram muito ligados ao PTB e queriam criar problemas para a companhia. Mas, mesmo assim, nós ajudamos a fazer o levantamento da situação e até enviamos um ofício do Círculo, com nossas próprias palavras, ao presidente do IAPI.*

*Aquele negócio do Oto querer fazer casa com o dinheiro do sindicato nós achávamos perigoso porque ele era muito esperto...". (58)*

O sindicato, assim como o Círculo, também se movia no espaço fabril. A campanha salarial de 1958 trazia uma pauta de reivindicações extensa: reestruturação dos quadros de manutenção, mecânica e da eletricidade, reestruturação dos quadros do escritório central em Volta Redonda, justa valorização dos critérios de retribuição em caso de substituição referentes ao primeiro, segundo e terceiros forneiros, mestres de forno e mestres lingoteiros, reestruturação dos quadros do Departamento Provisório de Obras, reestruturação do quadro do almoxarifado, pagamento de 30% de adicional por periculosidade, justa distribuição dos lucros, da "girafa" como ainda hoje é chamado esse mecanismo. Além desses itens, os trabalhadores ainda reivindicavam um aumento salarial de 31%.

Esse conteúdo nos indica que aqueles trabalhadores apresentavam questões específicas, relativas à sua organização e condições de trabalho. E o sindicato, ao expressar esses anseios, se distancia do que tem sido afirmado sobre o sindicalismo daquele período, caracterizado como político e distante do espaço fabril.

Para a CSN essa campanha salarial apresentou-se como uma verdadeira afronta. Porque, mesmo que nas campanhas salariais anteriores o sindicato tenha se confrontado com a empresa, o encaminhamento dado àquela foi diferente, já que havia, inclusive, uma hostilidade declarada entre aquela direção do sindicato e o general Macedo Soares.

Além dessas questões, que evidenciavam-se no plano das relações políticas entre sindicato e direção da empresa, havia também a crise econômico-financeira sabidamente vivida pela empresa. (59)

Certamente a conjugação desses fatores tornou aquela campanha difícil e só possível de resolver-se, pela primeira vez, pela via do dissídio.

No que diz respeito à realidade do Círculo Operário, aquela campanha significou uma relativa inflexão quanto à postura da direção da CSN que se colocava "acima das leis trabalhistas", buscando reger suas relações com os trabalhadores através de seu regulamento interno e pela via da concessão de benefícios. E sobre essa posição, o próprio general Edmundo Macedo Soares afirma:

*"(...)O espírito da legislação trabalhista é bom, mas sua aplicação apressada conduz a pesados sacrifícios para a economia nacional e dá ao operário a sensação de que é possível obter muito produzindo pouco..."*

Essa posição da CSN foi motivo de discordância dentro da diretoria do Círculo e, deste, com a própria hierarquia eclesiástica.

Nosso guardião, apesar de suas múltiplas afinidades com a direção da empresa, recupera aquele momento como

*"(...) confuso porque, de repente, o general Macedo Soares queria negar muitos direitos dos operários. E nós, circulistas, que éramos um elemento moderador naquela briga como o sindicato, ficamos numa situação difícil. Afinal, a doutrina social da Igreja se firmava nos direitos e os circulistas foram quase que os mentores da legislação trabalhista no Brasil."*<sup>(60)</sup>

Por outro lado, um grupo de dirigentes circulistas, liderados pelo assistente eclesiástico, entendia que: *"(...)A direção da CSN não podia se render às reivindicações do sindicato porque aquilo era política para derrubar o general Macedo Soares..."*<sup>(61)</sup>

E para demonstrar esse apoio irrestrito esse grupo presta suas homenagens, por ocasião do seu aniversário, ao general Macedo Soares. D. Agnelo Rossi, ao comparecer àquela cerimônia, não se furta em reconhecer:

*"(...)Nessa hora em que essa grande empresa nacional se encontra diante de tantas dificuldades, não poderíamos deixar de transmitir ao seu maior dirigente que a Igreja católica se coloca na defesa dos valores morais que valorizam a família siderúrgica e fazem do nosso país um símbolo de cristandade..."*<sup>(62)</sup>

Entretanto, apesar da hierarquia, aqueles dirigentes circulistas, que não aceitaram a intransigência da CSN, terminaram por sair da diretoria e, assim, nosso guardião deixou a presidência do Círculo:

*"(...)Em 1958, já no início do ano, as relações dentro da diretoria estavam difíceis. O padre Braz, que era o assistente e muito ligado ao Dr. Paulo Mendes, defendia, junto ao general Macedo Soares, a construção da sede do bispado em Volta Redonda. Foi esse padre que criou o clima ruim no Círculo. Ele não era muito chegado aos operários porque estava sempre ao lado da diretoria da CSN.*

*Tá certo que o Oto não era fácil, tinha lá seus interesses pessoais e políticos, mas como que a Igreja podia deixar de ficar ao lado dos operários, quando sabíamos como eles estavam sendo tratados. Foi por isso que eu saí, me desgastei e entreguei tudo ao Jacinto..."*

Portanto, o clima de harmonia que a empresa afirmava existir já havia sido rompido, até mesmo entre os seus aliados mais confiáveis: *"(...) Ao final, manteve-se o clima de harmonia que sempre presidiu as relações de trabalho na CSN..."*<sup>(63)</sup>

Essa dissidência dentro do Círculo foi significativa. Primeiro, indica que a unidade forjada pela ação clerical já não era mais possível, o que representava uma autonomia do circulismo e, segundo, um movimento do circulismo rumo às reivindicações dos trabalhadores. No plano nacional o movimento vivia estas mesmas ambigüidades.

Na ação discursiva da empresa, estavam presentes temas já tradicionais como patriotismo, nacionalismo e justiça social mas, ao não incorporar os conflitos e tensões presentes nas condições reais de trabalho, abriu uma lacuna que evidenciava a contradição da sua formulação discursiva. E, dessa lacuna, emergiu a ação sindical que denunciava os constrangimentos sensíveis vividos por amplos setores daquela sociedade. Nessa dimensão, podemos afirmar que os conflitos gerados naquele período caracterizavam-se pelas reivindicações por aplicação de leis,

pela garantia de direitos. Dos atores presentes naquele cenário político, coube aos comunistas um desempenho particularmente importante. Estes, no plano nacional, elaboraram um documento onde estabeleciam uma ampla aliança social e partidária, visando ao fortalecimento da organização sindical e do movimento operário. Como forma de estruturação, propunham a organização por local de trabalho e as eleições de delegados sindicais. (64)

Para os comunistas de Volta Redonda, na oposição, esta proposta política torna-se um importante instrumento, porque este transmite-lhes formulações importantes quanto a uma nova possibilidade de leitura da legislação trabalhista que, agora, passa a ser analisada com positividade, porque conquistada e percebida como instrumento na luta por novos direitos. Os comunistas passam a construir um novo olhar sobre a concepção de direitos e de cidadania, o que, em Volta Redonda, joga-os no trabalho de desarticulação do discurso da CSN. A legislação trabalhista, a despeito do seu caráter de controle sobre a força de trabalho, passa a ser apreendida como resultante de uma vivência de lutas por reconhecimento, pelo Estado, dos direitos sociais dos trabalhadores.

Para os circuístas, aqueles que não se submeteram à hierarquia, as questões giravam sobre os mesmo eixos centrados na luta por direitos, embora sem querer desqualificar o discurso da CSN.

Em 1959, com a aproximação de nova eleição sindical, outras alianças são articuladas. E o Círculo Operário, pela primeira vez, lança sua própria chapa. Já agora com um discurso elaborado no sentido de identificar um duplo inimigo: comunistas e petebistas.

A chapa "Fraternidade e Emancipação" pretendia trazer para si a luta contra o que chamavam de "partidarização" do sindicato, conclamando todos para confraternizarem-se em torno das idéias de progresso encarnadas na CSN, e, sobre isso, nos fala o presidente da Federação Fluminense dos Círculos Operários:

*"Meus companheiros,*

*Ao ensejo dessa comemoração, quero trazer aos companheiros de Volta Redonda o abraço e a saudação dos trabalhadores cariocas.*

*E para nós, que labutamos na Capital Federal, essas oportunidades se revestem sempre de maior significado e da mais incontida emoção, pois já nos acostumamos, desde longa data, a admirar e até mesmo a venerar os valorosos trabalhadores desta cidade, legítimos e denodados pioneiros da luta pela emancipação econômica de nossa terra.*

*Aqui, ao contemplarmos essa imensa colméia de trabalho, recrudescer em nós o espírito da nacionalidade e a confiança nos destinos da nossa pátria.*

*E foste tu, companheiro de Volta Redonda, o grande artífice desta obra monumental, erigida sobrepunhando-se às maiores adversidades, graças à tua dedicação, o teu esforço ináudito, o teu acendrado patriotismo.*

*Esta civilização que aqui plantaste é uma afirmação inequívoca da tua operosidade e da tua capacidade de realização.*

*As tuas conquistas no campo social e político, através das lutas inesquecíveis e gloriosas, são constantes estímulo e exemplo para os demais trabalhadores brasileiros.*

*E essas vitórias que enriquecem dia-a-dia o teu acervo são a melhor resposta que poderemos oferecer aos eternos derrotistas, àqueles que não se cansam de alardear a imaturidade da classe operária brasileira, numa aferição falsa de suas possibilidades.*

*Companheiro de Volta Redonda, ao te saudar com todo o respeito e admiração, conclamo-te a liderar a luta pela causa dos trabalhadores de nossa terra, com aquele mesmo empenho, com aquela mesma bravura com que escreveste essa página gloriosa do progresso industrial do Brasil.*

*Eu te conclamo, trabalhadores de Volta Redonda, a criar no país uma consciência sindicalista, levando aos operários uma nova mensagem, a fim de que nossos companheiros se compenetrem de que seu sindicato não é apenas um agrupamento de pessoas com o fim único de conseguir reivindicações salariais, mas que já faz parte da própria vida dos trabalhadores.*

*Eu te conclamo, operário de Volta Redonda, a engrossar as fileiras do teu sindicato para que o teu sonho de classe se fortaleça e encontre condições para abandonar as lutas perdidas por um novo salário mínimo e desfralde a bandeira do salário justo, a bandeira da ascensão do proletariado, a bandeira do bem-estar coletivo... Eu te conclamo... para esta luta. Uma luta pacífica, ordeira, mas decisiva.*

*Aos companheiros candidatos ao próximo pleito de vosso sindicato, na chapa 'Fraternidade e Emancipação', hoje aqui largada, eu desejo ardentemente felicidades... Que a vitória coroe seu idealismo e que lhes tornem efetiva a mensagem que inspira a legenda de sua chapa: 'Fraternidade e Emancipação'.*

*Fraternidade não só entre os trabalhadores desta cidade, mas uma fraternidade que não conheça fronteiras.*

*Emancipação não econômica, mas, e principalmente, emancipação política, através da liberdade sindical, rompendo com essa ascendência paternal do Estado sobre o sindicato, cuja tutela atrofia e inibe nosso sindicalismo.*

*Emancipação que liberte, afinal, nossos sindicatos do jugo político que os corrompe e os desmoraliza perante os trabalhadores".*

É uma fala que busca apropriar-se daquelas bandeiras e lutas que constituíam a plataforma do movimento sindical. Desqualificavam comunistas e petebistas como "donos" da representação operária. Ao mesmo tempo, contrariando a análise comunista sobre a "consciência de classe", enalteciam aquilo que caracterizavam como maturidade, assumiam para si a causa sindical fazendo-a através dos valores do engrandecimento e progresso nacional. Articulavam idéias caras ao Estado, à Igreja, aos comunistas e petebistas. Porém, o faziam a partir do discurso da moral do trabalho, da doutrina social contida na "Rerum Novarum".

Contudo, o grupo Independência continuará dirigindo o sindicato até 1961, quando novamente o Círculo Operário se lança à disputa. Novamente em oposição a comunistas e petebistas.

Porém, a chapa encabeçada por Lima Neto, e composta por vários militantes comunistas, ganha as eleições.

Com o golpe militar, em 1964, essa diretoria foi presa e afastada, assumindo a direção do sindicato um interventor saído da usina e que havia sido vereador pelo Partido Democrata Cristão e, como tal, homem de Igreja. Convém ressaltar que o circulismo fornecerá grande número dos interventores para os sindicatos após o golpe militar de 1964.



## NOTAS

1. Sr. Valente. Entrevista em 2/10/87. Barra Mansa, Circulo de Sindicatos.
2. Sindicato das Industrias Metalurgicas, Mecanicas e Material Elétrico de Volta Redonda, Barra Mansa, Resende e Itatiaia.
3. MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A ferro e fogo: construção e crise da "família siderúrgica": o caso de Volta Redonda*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1989. p.292.
4. Sr. Tibúrcio, ex-eletricista. Entrevista em 4/6/90.
5. Ata de reunião da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 26/3/1950.
6. WEARD, Howard L. *The Brazilian Catholic labor movement*. Amherst, Massachusetts, Labor Relations Research Center, 1969. Há uma tradução resumida de 130 pps.
7. BIA MALHEIRO José Roberto. *Estudo sobre o movimento dos trabalhadores na Fábrica Nacional de Siderurgia*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1991.
8. Palavras de Padre Leopoldo Brentano quando o Circulo de Volta Redonda foi lançado.
9. Ata preparatória do Circulo Operário de Barra do Pirai. 21/10/1940.
10. Ata da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 4/8/1950.
11. Manifesto do IV Congresso Nacional Circulista. Publicações C.N.O.C. XX, pp. 1-9.
12. A empresa recebeu uma série de vantagens com a emancipação. A mais importante refere-se ao pagamento de imposto.
13. MOREL, Regina Lúcia de Moraes. op. cit., cap. VI.
14. Sr. Joaquim Cruz, ex-forneiro. Entrevista em 13/2/88.

16. O Lingote, nº 14, 10/15/1957.

16. A Câmara dos Vereadores ficou com a seguinte composição:

PTB- 5 vereadores.

PSD- 2 vereadores.

UDM- 1 vereador.

PDC- 1 vereador.

PSP- 1 vereador.

O PTB nunca fará um prefeito.

17. Sr. Valentim. Entrevista nº 3, fita nº5. Assunto: Circulo- Sindicato.

18. O Lingote, nº19, 1959.

19. THOMPSON, Ed Ward P., Senhores e Caçadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Texto com importantes reflexões sobre a instrumentalização da luta por direitos

20. Ziza, cantor metalúrgico dos anos 80

21. Sr. Valentim. Entrevista nº 3, fita nº5. Assunto: Circulo- Sindicato

22. Sr. Antônio Alves. Entrevista em 8/10/1989.

23. O Lingote, 25/13/1959

24. *idem.*

25. *idem. ibid*

26. Sr. José Américo, ex-ajudante. Entrevista em 12/2/1986.

27. Ata de reunião da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 3/2/1949. Refere-se ao Decreto-Lei nº 9.675, do governo Eurico Gaspar Dutra, sobre as eleições sindicais.

28. Ata de Reunião da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 15/4/1954.

2. Idem

30. Ata de reunião da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 20/1/1956.

31. Ata de reunião do Circulo Operário de Volta Redonda - 10/03/56

32. Imprensa Popular. 24/2/1956.

33. Sr. Antonio Alves, ex-mecânico. Entrevista em 7/9/1988.

34. Sr. Geraldo, ex-forneiro. Entrevista em 10/10/1988.

35. Sr. Joaquim Silva, ex-maçameleiro. Entrevista em 5/7/1988.

36. O Lingote. 25/3/1956.

37. O Lingote. 11/5/1957. 23/7/1957

38. O Lingote. 25/7/1958. 14/6/1958

39. Juarez Arruntes, presidente do Sindicato. Entrevista em 15/2/1988.

40. Ausência deste fato em toda a documentação circulista

41. Ata de reunião da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 17/5/1956.

42. Sr. Pedro Américo, ex-forneiro. Entrevista em 15/02/1988.

43. O Lingote. 25/3/1956. Voz Operária. 14/4/1956.

44. O Lingote. novembro/1957, dezembro/1957. Ver sobre a referida campanha.

45. O Lingote. julho/1958.

46. Sr. Valentim. Entrevista nº 3, fita nº 4. Assunto: Circulo- CSN.
47. Sr. Danilo Pinto, ex-eletricista de manutenção. Entrevista em 1. 3, 1988.
48. *idem*.
49. Ata da Diretoria do Sindicato. 7/7/1958.
50. Sr. Joaquim Ventura. Entrevista em 2/7/1988.
51. O Sindicato será dominado pelo ministerialismo do FTE.
52. Sr. Tiburcio - entrevista citada
53. O Lingote, junho 1957
54. O Lingote, novembro 1957
55. Ver fotos que compõem este memorial em anexo.
56. Ata da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 7/8/1957.
57. Relação da hierarquia: D. Agnelio Rossi com o General Macedo Soares.
58. Sr. Valentim. Entrevista nº 3, fita nº 4. Assunto: Circulo- CSN.
59. MOREL, Regina Lúcia de Moraes. Consultar sobre a crise que se agudizou nos anos 60, e que vem colocando em risco a existência da estatal.
60. Sr. Valentim. Entrevista nº 3, fita nº 5. Assunto: Circulo- CSN.
61. Ata de reunião da Diretoria do Circulo Operário de Volta Redonda. 18/10/1958. FTE

62. *Idem.*

63. O Lângote. Novembro/1958

64. "Declaração de Maio" - Partido Comunista Brasileiro - 1958

## CONCLUSÃO

O circulismo representou a confluência de vários interesses expressos na esfera do Estado, através do Ministério do Trabalho, da hierarquia eclesiástica e de setores de classe que se articulavam de diferentes formas. Todavia, vale a pena insistir que, para além dos aparatos oficiais, a ação circulista buscou traduzir interesses dos trabalhadores quanto à aplicação e elaboração das leis trabalhistas e quanto aos problemas pertinentes à esfera da reprodução e disciplinarização da mão-de-obra. É certo que essa ação também se fez presente no cotidiano da vida operária através de intervenções específicas voltadas para a família, sobretudo, para as mulheres e crianças. Dentre as bandeiras assumidas pelo circulismo estão aquelas que dizem respeito à saúde, como assistência médico-dentária, caixas de socorro mútuo, cooperativas de consumo, abastecimento em lojas e caixas de pecúlios e habitação.

Outro aspecto relevante, senão fundamental, da ação circulista diz respeito a suas atividades culturais voltadas para a grupalização e socialização que não se pautavam, essencialmente, pela via religiosa, pois estavam centradas na possibilidade de que fossem oferecidas melhores condições de vida aos trabalhadores, particularmente aqueles associados aos Círculos e seus dependentes. E, nessa perspectiva, a luta pela moradia operária foi exemplar porque demonstrou a sua capacidade em articular seus princípios doutrinários com as necessidades materiais e os valores culturais dos trabalhadores e, assim, atingir seu alvo principal, a família.

Conseqüentemente, o combate à política circulista se tornava muitas vezes difícil porque: *"(...) brigar com os padres do Círculo não era bom. Era melhor deixar eles pra lá, com suas festas e cursinhos. O negócio deles era fazer caridade, caixinhas e festas. O operário gostava de ir lá. Jam e votavam na gente. Mas os padres procuravam mudar a cabeça deles, visitavam as mulheres, falavam contra os comunistas. Eles e nós como uma guerra."* (1)

Desqualificar o circulismo como algo que não *"(...) tenha marcado intensamente seu meio social, a ponto de provocar a oposição de outros grupos..."* (2) não nos parece contemplar o sentido mais profundo da ação circulista, que foi a de tentar modificar valores através da operacionalização de um conjunto de ações culturais, de caráter político-educativo, voltadas para o núcleo familiar. Uma estratégia de intervenção no plano do privado.

Por outro lado, para os comunistas, vistos pela Igreja como o inimigo a ser derrotado,

o circulismo foi assimilado como alguma coisa sem grandes significados exatamente porque não se evidenciava na esfera pública.

Entretanto, essa indiferença por vezes se mostrava contraditória porque a ação circuísta também era identificada como algo perigoso, pois era vista como profundamente marcada pela religiosidade, considerada pelos comunistas como o "ópio do povo".

De qualquer modo, não há na fala sistemática e oficial dos comunistas um combate explícito e permanente contra o circulismo. Para estes, a ação circuísta se confundia com a ação da Igreja e, como tal, parece ter sido, no mínimo, difícil de ser tratado como alvo de ação política.

O que, evidentemente, não acontecia com os Círculos, que nomeavam, com todas as letras, o inimigo. " (...) sucede, contudo, que em muitas regiões da nossa vasta e grande pátria não faltam combates ao nosso movimento. São associações operárias nem sempre bem orientadas; são trabalhadores de idéias duvidosas; patrões temerosos de 'perigos' imaginários, e mesmo, autoridades que entravam ou dificultam a ação circuísta movidas por motivos que não é mister elucidar..." (3)

Os Círculos se jogavam na ação política através de sua participação em atividades de cunho assistencial, da organização de jornadas sociais, de palestras e cursos ou incentivando a participação de movimentos sociais em lutas de cunho reivindicatório ou político.

Ao apreendermos somente a exterioridade dos movimentos sociais do período estudado (1947-1958), corremos o risco de não perceber os significados da ação circuísta na construção da identidade operária que, no caso de Volta Redonda, não deve ser desprezada até mesmo pela origem rural e a evidente influência do catolicismo junto àqueles trabalhadores.

A análise do movimento circuísta ainda está por ser realizada e aí reside a importância desse trabalho que ora apresentamos. Embora nosso recorte se limite a estudá-lo em Volta Redonda, entre os anos de 1946 a 1958, pudemos recolher uma vasta documentação que nos permite aventar a hipótese de que é um equívoco a afirmação de que este movimento não tenha tido importância e que praticamente desaparece após o Estado Novo. Ao contrário, a documentação nos indica que há um revigoramento a partir das definições do seu IV Congresso Nacional, em 1946. E o Círculo de Volta Redonda pode ser apontado com exemplo dessa afirmação já que a partir desse momento os Círculos se expandem e se instalam naquelas regiões de concentração operária e, principalmente, naquelas com forte presença estatal.

Programaticamente o movimento se renova, passando de uma ação assistencial-caritativa e com um anticomunismo primário para uma ação organizativa e consubstanciada em um programa de metas que se voltava para impor ao Estado aquelas questões presentes no movimento dos trabalhadores e reelaboradas pelos católicos. Mas iam além, porque introduziam questões referentes à vida do trabalhador rural que até então não apareciam nas organizações comunistas, preocupadas, sobretudo com os trabalhadores urbanos.

Além desses aspectos o circulismo se constrói, nesse período, como uma agência de formação e, nesse sentido, também se contrapõe aos comunistas. Nesse período, só circuístas e comunistas parecem ter tido propostas e ações no campo da educação sindical.

É certo que entre os anos 50 a 1965 os Círculos foram a mais importante organização

católica no meio operário e desempenharam o papel de centro aglutinador, no meio operário, visando à união das forças golpistas contra o governo constitucional de Jango. Embora o trabalho não analise este período, pudemos recolher documentos que sinalizam claramente nessa direção e demonstram como em Volta Redonda essa política se concretizou.

O certo é que há um profundo desconhecimento sobre o circulismo, o que vale para todas as intervenções da Igreja católica nos movimentos sociais no Brasil.

Finalizando, gostaríamos de insistir na importância da realização de estudos que possam recuperar e analisar essa presença porque, a exemplo de Volta Redonda, há fortes indícios de que a mesma tenha existido em várias regiões e influenciado de maneira sensível na conformação do sindicalismo brasileiro. Essa importância também se coloca no plano da política real, já que hoje as diferentes correntes em luta no movimento sindical brasileiro se colocam como herdeiras de uma tradição histórica que nega o autoritarismo imposto pelo Estado, através do atrelamento, e aprofundado pela ditadura militar com a repressão policial. Diante disso é, no mínimo, intrigante que uma central como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) se assumia como depositária das bandeiras do Movimento de Renovação Sindical que aglutinou, em 1962, as organizações católicas, sob a direção do circulismo, para combater a corrente classista e nacionalista. Porque estes renovadores, juntamente com os democratas, deram, no plano da política, apoio ao golpe militar e, como tal, se colocaram contra os interesses daqueles trabalhadores em nome dos quais faziam.



## NOTAS

1. Sr. José Antônio, ex-eletricista de manutenção e militante comunista na década de 50. Entrevista realizada em 02/07/89.
2. CAVALCANTI, Berenice. O movimento leigo no Brasil ( as relações entre a Igreja e o Estado). Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, UFF, 1975.
3. Manual do Círculo Operário, p.30.

FONTES

## FONTES

## I. Arquivos Circulistas

## ANAIS:

## • Congressos Nacionais dos Círculos:

1937,

1942,

1957,

1962.

1967.

## • Congresso Eucarístico de 1957

## • Relatórios:

- V Congresso Nacional - 1950

- VII Congresso dos C.C.O.O. de Minas Gerais.

- VII Congresso Nacional - 1945

## • Proclamações

- Federação de Trabalhadores Cristãos de S.P.

- Assembléia Nacional Geral extraordinária

- Assembléia Geral da C.N.T.C.

## • Cartas de Princípio

- Movimento Renovador de São Paulo - Santos.

- 1º Encontro Interestadual do Sindicalismo Democrático

- Encontro Nacional de Renovação Sindical

- Encontro Democrático do Paraná

- Movimento Sindical Renovador

## • Estatutos:

- Federação

- Círculos

- Atas

- Círculo Operário de Volta Redonda - 1946-1967
- Federação Fluminense - 1958

- Federação Carioca - 1965

## Círculo Operário de Volta Redonda (1946-1967):

- Atas de reuniões;
- Boletins e jornais;
- Relatórios de atividades culturais;
- Programas de cursos ministrados;
- Entrevistas

## Manuais

- PAS - Plano de Ação sindical - 1936
- Manual do Círculo Operário. Publicação da Confederação Nacional de Operários Católicos. 3ª edição resumida. Rio de Janeiro. 1963. 225 pp.
- Manual do Ativista Sindical. Publicação da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul. São Paulo, Saraiva, 1964.
- Guia dos dirigentes do movimento circuísta - RJ, C.N.C.O - 1941
- Guia do Subdelegado - CNOC 1958
- Manual do Dirigente Circuísta CNOC - 1948
- Guia do assistente eclesiástico - Recife, IMP. IND, 1939
- Manual da Campanha da Fraternidade - CNEB - 1991

- Literatura Circuísta

- Jubileu da *Rerum Novarum*, publicações CNCO, 1948
- Código Social - esboço de uma síntese católica, publicações da CNOC - III 1942
- Arquivo Social - Colégio Anchieta - RJ - 1949
- Cristo na História - publicação do Círculo Operário do Recife na 4ª Conferência Apologética. 1872

BEDOYERE, Michael de la CARDIJN - Liderança do operário, Petrópolis, ed. Vozes, 1963

RAUSCH, Fde Urbano - Liderança dos trabalhadores cristãos - SP, ed. Loyola, 973.

2. Entrevistas em Volta Redonda

- . dirigentes circunistas. 1946-1967;
- . antigos sindicalistas que tiveram alguma relação com o Círculo;
- . professores do Colégio Circunista;
- . lideranças contemporâneas com formação circunista;
- . ex-assistentes eclesiásticos;
- . Bispo Diocesano;
- . circunistas e famílias;
- . militantes sindicais não-circunistas;
- . comunistas e petebistas com notória atuação política sindical;
- . trabalhadores "comuns", (hoje aposentados);

3. Arquivos Diocesanos:

Diocese de Volta Redonda

- . Igreja Santana (Barra do Pirai);
- . Igreja Santa Cecília (Volta Redonda);
- . Cúria Diocesana;

obs.: documentos pesquisados:

- . Livros de Tombo;
- . Boletins Diocesanos;

Diocese de Niterói

- Arquivo da Escola de Líderes
  - Estatutos
  - Programas / conteúdo de cursos
  - Avaliações

8 - Arquivos da Companhia Siderúrgica Nacional

- . relatórios de Diretoria: 1946, 1955, 1962, 1964
- . jornais/boletins informativos - 62-64
- . O Lingote - 1953-1968

## IF - Encíclicas.

Leão XIII, Papa - Encíclica *Rerum Novarum* - sobre a condição dos operários - Livraria e Ed. Catholico, Juiz de Fora - 70 p.

Pio X, Papa - *Quadragesimo Anno* (sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social) Ed. Vozes - Rio de Janeiro - Petrópolis - 1947

## DOCUMENTOS (REB)

Encerramento das comemorações da *Rerum Novarum* - Portaria do Arcebispo de Fortaleza sobre a organização da Confederação das Associações Católicas - Vol.2 (fasc.2): 513-515, 1942

## DOCUMENTOS

Alocução radiofônica do Papa por ocasião do encerramento do IV Congresso Eucarístico Nacional, em São Paulo - Circular coletiva do Episcopado Brasileiro ao Clero e aos Fiéis, definindo a posição da Igreja em face da guerra - Apelo patriótico de D. Leme ao Clero - Vol. 2 (FASC.4) - 1028, 1030- 1031, 1034-1035, 1942

## ROSSI, Agnello

A importância da Ação Católica - Vol.3 (Fasc.1) 117-118, 1943

## SANTOS, Rocha

Movimento de reconquista de ação católica - Vol. 4 (Fasc.2) 475-478, 1944

## CRÔNICA ECLESIASTICA

O crucifixo nos estabelecimentos públicos Vol.4 (FASC. 4) 998- 999, 1944

## DOCUMENTO

Uma internacional comunista na América Latina Vol. 6 (Fasc.4) 964-967, 1945

## DOCUMENTO

Manifesto do Episcopado Brasileiro sobre a ação social Vol.6 (Fasc.2) 479-481, 1946

## MOUSINHO, Luis do Amaral

Propriedade privada e justiça social Vol.6 (Fasc.4) 814-819, 1946

## SANTOS, P. Inácio

A ação católica e a recristianização do mundo Vol.6 (Fasc. 1) 187-189, 1946

GOMES, Fernando

A ordem social nos documentos pontifícios Vol.7 (Fasc.1) 31-35, 1947

DOCUMENTO

Discurso do Santo Padre Pio XII aos participantes do I Congresso Nacional das Associações Católicas dos Trabalhadores Italianos Vol.7 (Fasc.1) 180-182, 1947

DIDORET, Frederico

Cristo e os problemas contemporâneos Vol. 7 (Fasc.2) 241-243, 1947

MOUSINHO, Luis Amaral

A Igreja e o corporativismo Vol. 7 (Fasc.2) 301-306, 1947

DOCUMENTO

A posição dos eleitores católicos em face das alianças com os comunistas Vol.8 (Fasc.1) 209-21, 1948

DOCUMENTO

Discurso de Pio XII aos membros da Associação Católica dos Trabalhadores Italianos Vol.8 (Fasc.3) 688-693, 1948

FRENTON, Pde. Joseph Clifford

Duas correntes no pensamento católico contemporâneo Vol.8 (Fasc.4) 785-794, 1948

DOCUMENTO

Alocução do Papa Pio XII aos operários da FIAT Vol.9 (Fasc.1) 199-200, 1949

DOCUMENTO

A locução do Santo Padre aos delegados da União Internacional das Associações Patronais Católicas Vol 9 (Fasc.3) 758-761, 1949

DOCUMENTO

Alocução do Santo Padre à peregrinação do movimento operário cristão da Bélgica (12.IX.49) Vol.9 (Fasc.4) 985-987, 1949

DOCUMENTO

A locução do Santo Padre sobre a dignidade do trabalho Vol.9 (Fasc.4) 488-490, 1949

SANTOS, J. de Azeredo

O rolo compressor totalitário e a responsabilidade dos católicos Vol. 10 (Fasc.4) 785-817, 1950

## DOCUMENTO

No aniversário da *Rerum Novarum* Vol.11 (Fasc.3) 726-727, 1951

## DOCUMENTO

Carta de Pio XII por ocasião da Semana Social da França Vol.14 (Fasc.3) 764-768, 1954

## DOCUMENTO

Discurso de Pio XII à B.I.T. Vol.15 (Fasc.2) 462-465, 1955.

## DOCUMENTO

Discurso aos participantes do VII Congresso Italiano da União Cristã dos Empresários e Dirigentes Vol.14 (Fasc.3) 715-718, 1955

## DOCUMENTO

As palavras do Santo Padre a Juscelino K. Vol.16 (Fasc.1) 233 - 234, 1956

## DOCUMENTO

Radiomensagem de Pio XII aos trabalhadores reunidos em Milão Vol.16 (Fasc.2) 496-499, 1956

## DOCUMENTO

Pio XII fala sobre os problemas da automação Vol.17 (Fasc.3) 795-797, 1957

## DOCUMENTO

Discurso de Pio XII ao Congresso da J.O.C. Vol.17 (Fasc.3) 813- 818, 1957

## DOCUMENTO

J.O.C.: resposta da Igreja aos problemas da juventude trabalhadora Vol.19 (Fasc.1)93-96, 1959

## DOCUMENTO

Discurso do Santo Padre na festa do trabalho Vol.19 (Fasc.3) 703-706, 1959

## DOCUMENTO

Atitude política e social dos católicos Vol.20 (Fasc.3) 646-648, 1960

## DOCUMENTO

Radiomensagem de João XXIII no dia do trabalho Vol. 20 (Fasc.4) 1001-1004, 1960



DOCUMENTO

O programa de ação comunista contra a Igreja na América Latina Vol.21 (Fasc.4) 953-957, 1961

DOCUMENTO

O princípio da subsidiaridade do Estado e a assistência social Vol.24 (Fasc.3) 785-786, 1964

Revista do Trabalho

. "São Francisco de Assis e o mundo moderno" - Ano 1 (9)5-8, 1926

. O dever dos católicos no Brasil - Ano 77 - (5)-9-11, 1922

. A Igreja e o mundo moderno - Ano 2 (8)-135-148, 1932

14 - Impressos

. Getúlio Vargas para trabalhadores - RJ - DII, 1940

. O Congresso Eucarístico Nacional de 1942 e a entronização da cruz nas fábricas - SP. FIESP, 1945

# BIBLIOGRAFIA

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Livros e Textos

- ALEM, Sílvio Frank. *Os trabalhadores e a redemocratização* (estudo sobre o Estado, partidos e a participação dos trabalhadores assalariados urbanos na conjuntura da Guerra e do Pós-Guerra imediato): 1942-1946. Tese de Mestrado, Campinas, 1985.
- ALMEIDA, Jr. Antônio Mendes de. Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas. in FAUSTO, B. (org.) São Paulo, Difel, s.d., 3v. p. 225-247.
- ALMINO, João. *Os democratas autoritários, liberdades individuais de associação política e sindical de 1945*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a política no Brasil*. 1 ed. São Paulo, Brasiliense, 1979. 356 p.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquem. *A cor da esperança: totalitarismo e revolução no integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1983. mimeo.
- O dono da casa: notas sobre a imagem do poder no mito Vargas*. Trabalho apresentado ao grupo Pensamento social brasileiro. São Paulo, Águas de São Pedro, ANPOCS, 1985. mimeo.
- BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República, de 1930-1960*. 4 ed. São Paulo, Alfa Omega, 1976.
- BATALHA, Cláudio H. de Moraes. *Le syndicalisme "amarelo" no Rio de Janeiro (1906-1930)*. Thèse de Doctorat, Paris, Université de Paris, 1986. mimeo.
- BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano*. São Paulo, Difel, 1983. MGCB, 2 ed., 3v.
- BRENTANO, Padre Leopoldo. O cinquentenário da Encíclica *Rerum Novarum* e os deveres sociais dos católicos. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, Vozes, vol. 6: 129 mar/jun. 1941
- BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo, Ibrades, 1974. Coleção Temas Brasileiros, 3v. 442p.
- BRUNI, José Carlos. *Ideologia e cultura*. s.l., s.e., 1980. mimeo.

CALVÉZ, J.. *El pensamiento de Carlos Marx*. Madrid, Taurus, 1988. 2v.

CARONE, Edgar. *O Estado Novo (1937-1945)*. Textos. São Paulo, Difel, 1973.

*A terceira República (1937-1945)*. Textos. São Paulo, Difel, 1980.

*A quarta República (1943-1964)*. São Paulo, Difel, 1982. 2v.

CARVALHO, Raul de. Modernos agentes da justiça e da caridade: notas sobre a origem do serviço social no Brasil. *Serviço Social e sociedade*. São Paulo, Cortés, março 1980, p.43-71.

CASTILLO, Juan José. *El sindicalismo amarillo en España: aportación al estudio del catolicismo social español (1912-1923)*. Madrid, Edicusa Editorial, 1977. Cuadernos para el dialogo. 287 p.

CAVALCANTI, Brenice. *O movimento leigo no Brasil (as relações entre Igreja e Estado: 1930-1945)*. Tese Mestrado. Rio de Janeiro, UFF, 1975.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da ação integralista brasileira. In *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro, CEDEC/Paz e Terra, 1979.

*O que é ideologia*. 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.

DECCA, Edgar. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

DIEHL, A. Antonio. *Os círculos operários: um projeto político da Igreja católica no Rio Grande do Sul*. Tese Mestrado. Rio Grande do Sul, PUC, 1987.

DINIZ, Eli. *Empresário, Estado e capitalismo no Brasil: 1930-1945*. São Paulo, Paz e Terra, 1978.

DONOSO CORTÉZ, Juan. *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo e el socialismo, considerado en sus principios fundamentales*. Madrid, Austral, 1973.

DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado*. Petrópolis, Vozes, 1981.

DULLES, Jonh W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1920-1935)*. Trad. de César Paulo Horta. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

ERICK, Sylvio. O departamento estadual do trabalho e assistência social. *Boletim do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio*, ano V, n° 55, março/1939, p.379-391.

ENGELS, Friederich. A questão do alojamento. Porto, Editora Poveira (1ª editora alemã, 1887-1971).

FIGUEIREDO, Betânia. *A criação do SESI e SESC; do enquadramento da preguiça à produtividade do ócio*. Tese de Mestrado. São Paulo, Unicamp, 1991.

GADILLE, J.. O movimento religioso no século XIX. In NERÉ, J. *História contemporânea*. São Paulo, Difel, 1975, 20 cap., 165-179.

GOMES, Angela M. Castro. A representação das classes na Constituinte de 1934. In: GOMES, Castro (coord.). *Regionalismo e centralização política: partidos e constituintes nos anos 30*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979.

Confrontos e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935). In: FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil Republicano*. São Paulo, ICCE-Difel, 1981, 3 tomo, 10v., p. 9-75.

*Burguesia e trabalho; política e legislação social no Brasil 1917-1937*. Rio de Janeiro, Campus, 1979.

*A invenção do trabalhismo*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1987. 616 p. mimeo.

HOBSBAWN, Eric. *A era do capital. 1848-1878*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

GUERRA FERREIRA, Cândido. *Processus de travail et rapport salarial dans l'industrie sidérurgique; étude de la formation des normes mondiales et du cas brésilien*. Thèse de Doctorat. Paris, Université Paris X. Nanterre. Sciences Économiques. mimeo.

LAMMENAIS, F. Paroles d'un croyant. In: *De la religion considérée dans ses rapports avec l'ordre politique*. Genève, Editions du Milieu du Monde, s.d..

LENHARO, Aicir. *Sacralização da política*. Campinas, Papyrus, 1986. 205 pp.

LOPES, José Sérgio. "Formas de proletarização. história incorporada e cultura operária". *Comunicação*. Rio de Janeiro. UFRJ / Museu Nacional, 7, 1982

*A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés* - Tese doutorado. Rio de Janeiro, 1986. Museu Nacional

MANFREDI, Sílvia Maria. *Educação sindical entre o conformismo e a crítica*. São Paulo, Loyola, 1985. Coleção Educação Popular, 6v. 325 p.

*Sindicalismo e democratização*. (Br. 1945-1950). São Paulo, Brasiliense, 1979.

MAYEUR, Jean-Marie. "Le catholicisme social en France". In: *Le mouvement social*, 10-12, n° 77, 1971, p.116-121.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil, 1930-1945*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1978.

MILLER, René Fuio. *Leão XIII e o nosso tempo*. Porto Alegre, Liv. do Globo, 1941. p.15.

- MUNAKATA, Kasumi. *A legislação trabalhista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1981. Coleção Tudo é História. 112 p.
- OLIVEIRA, L. Lippi, et alii. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. 166 p.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. 1 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 3 ed. rev. São Paulo, Ed. Convívio/Pró-Memória, 1984. 615 p.
- PAOLI, Maria Célia. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. In: LOPES, José Sérgio (coord.). *Cultura e identificação operária: aspectos da cultura operária*. Rio de Janeiro, Marco Zero/UFRJ/Museu Nacional, 1988. Coleção Trilhas. p. 53-101
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. Trabalho industrial no Brasil: uma revisão. *Estudos Cebrap*. São Paulo, Ed. Brasileira de Ciências, 14 (10.11.12): 122-130. 1975.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A classe operária no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1981. 1v
- POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro, Campus, 1980. 306 p.
- ROBINOT, Marcy Gabriel. *Os católicos e a questão social*. CMP.ED. Abeltok, s.d.
- RODRIGUES, José Albertino. *Sindicalismo e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, B.: *O Brasil Republicano*. São Paulo, Difel, HGCB, 1983. 3v.
- ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. 1 ed. São Paulo, Kairos, 1979. 270 p.
- ROMANO, Roberto. igreja como fonte de unidade social. In: *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo, Kairos, 1979. p.143-182.
- SALEM, Tânia. Do centro D. Vital à Universidade Católica. In: SCHWARTZMAN, Simon (org.). *Universidade e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília, CNEQ, 1982. 222
- SANTOS, Wanderley Guilherme. *Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro, Campus, 1979.

SIMÃO, Asis. *Sindicato e Estado*. São Paulo, Domunus USP, s.d., vol.7, Coleção Ciências Sociais, 7v., 242 p.

SOUZA, Cláudia Virginia. O espaço urbano e dominação. In: *Arigó, o pássaro que veio de longe*. Volta Redonda, Revista do Centro de Memória Sindical-Sindicato dos Metalúrgicos, 1989.

STOTZ, Eduardo. *A união dos trabalhadores metalúrgicos na construção do sindicato corporativista: 1930-1945*. Tesé de Mestrado. Rio de Janeiro, UFF, s.d., mimeo.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro, Saga, 1969.

TELLES, Jover. *O movimento sindical no Brasil*. Rio de Janeiro, s.e., 1962.

THOMPSON, Ed. Ward P. *Senhores e Capangas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil; a Igreja e a sociedade no Brasil*. São Paulo, Grijalbo, 1968.

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo*. In: *o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difel, 1979.

TRONCA, Ítalo. Agentes da industrialização: entre as armas e Volta Redonda (1930-1942). In: FAUSTO, B. (org.) *O Brasil Republicano*. 2.ed. São Paulo, Editora Difel, 1983. t. 3

VARGAS, Getúlio Dorneles. *A nova política do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.

VELLOSO, Mônica Fimenta. "A Ordem", uma revista de doutrina política e cultura católica. *Revista de Ciência Política* 2 (2), set. 1978

Análise da revista "A Ordem". Documento de trabalho. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, / CPDOC 1980. 150 p.

*Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas / CPDOC 1938. mimeo.

VIANNA, L.W.. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. Coleção Estudos Brasileiros, 4 cap. p. 152-187

Sistema liberal e direito do trabalho. *Estuão Cebrap*. São Paulo, Editora Bras. de Ciência Ltda., 9(3):95-147, 1977.

Leis sociais e democracia. *Estudos Cebrap*. São Paulo, Ed. Bras. de Ciência., 13(9):95-147, 1977.

O sistema partidário e o partido democrata-cristão. FLEISCHER, O.. *Os partidos políticos no Brasil*. Brasília, Universidade de Brasília, 1981. Cadernos da UNB, 1v., p.131-171.

VIANNA, Segadas. *O sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Olímpica, 1953.

WEFFORT, Francisco. Origens do sindicalismo populista no Brasil: a conjuntura do pós-guerra. São Paulo, Bras. de Ciências Ltda., 4(4.5.6)-65-106, 1973.

*O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

WILLIAMS, Margareth Todaro. Integralism and the brazilian catholic church. *Hispanic American Historical Review*, 54 (3): 431-432, aug. 74

## 2. Volta Redonda

ABREU, Alzira & FLAKSMAN, Dora. Companhia Siderúrgica nacional, in *Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro 1930-1983*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas / CPDOC / FINEP / Forense Universitária, 1984.

ABREU, Alzira Albes de & ALBERTI, Verena, Edmundo de Macedo Soares. *Dicionário Histórico-Bibliográfico Brasileiro 1930-1983*, op. cit.

ATHAYDE, J.B.. *Volta Redonda, através de 220 anos de história (1744-1964)*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1965.

BAER, Werner. *Siderurgia e desenvolvimento brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

COSTA, Alcinêar. *Volta Redonda: ontem e hoje*. Volta Redonda, Lux, 1978.

*Estudos para o planejamento municipal: Volta Redonda*. Governo do Estado do Rio de Janeiro SECPLAN / FIDER, 1977. n. 17.

JAIMOVICH, Dr. Peïro. *Temas sociais de uma comunidade industrial*, Volta Redonda, 1965. p.15.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A ferro e fogo: construção e crise da "família siderúrgica"; o caso de Volta Redonda*. Tese de Mestrado. São Paulo, USP, 1989.

RADY, Donald Edmund. *Volta Redonda, a steel mill comes to a brazilian coffee plantation; industrial entrepreneurship in a deveoiping economy*. New Mexico, Rio Grande Public, 1973.

SOUZA, Cláudia Virgínia. "O espaço urbano e dominação". *Arigó, o pássaro que veio de longe*. Volta Redonda, Revista do Centro de Memória Sindical-Sindicato dos Metalúrgicos, 1989.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. *Arigó, o pássaro que veio de longe*. Volta Redonda, s.e., 1986. mimeo.



3. Revistas

ATAYDE, Tristão. Retrospecto. *Anhembi*. São Paulo, s.e., 1(40-41), 1951.

ÁVILA, Fernando B. de. A *Populorum Progressio* na tradição da doutrina social da Igreja. Rio de Janeiro, s.e., 3(7-10), 1962.

AZZURRA Igreja Católica no Brasil no período de 1950-1975. Rio de Janeiro, s.e., 11(15-19), 1977.

Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil. Rio de Janeiro, s.e., 5(25-49), 1977.

BOA NOVA, Antônio. Catolicismo latino-americano nos anos 60. *Cadernos*. São Paulo, s.e., 9(30-45), 1979.

CAVA, Ralph Della. A ofensiva Vaticana. Rio de Janeiro, s.e., 12(15-21), 1975.

CAVA, Ralph Della. A Igreja e Estado no Brasil do séc XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro 1916-1964. *Estudos Cebrian*. São Paulo, Ed. Bras. de Ciências, 12(6):5-52, 1972.

DUTRA, Eltana R. F.. A Igreja e as classes populares em Minas Gerais na década de 20. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte, s.e., 6(40-45), 1979.

GRYNSPAN, Mário. O campesinato fluminense: mobilização e controle políticos (1950-1964). *Revista do Rio de Janeiro*. Niterói, 1 (2): 19-25, 1985.

KRISCHEKE, Paulo. O nacionalismo e a Igreja católica: a preparação para a democracia no Brasil, 1930-1945. *Revista de Cultura Contemporânea*. São Paulo, CEDEC/Paz e Terra, 2(1):13-43, 1979.

LAUNAY, M. *Aux origines du syndicalisme chrétien en France*. Paris, Les éditions Ouvrières, 68, (7-9):35-36, 1960.

LOPES, Gildo. Getúlio Vargas e o ensino religioso. *Ciências Políticas*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2(18-30), 1945.

MICELI, Sérgio. A gestão diocesana na República Velha. Rio de Janeiro, s.e., 8(12-30), 1985.

MORAIS, Eugênio Vilhena. O patriotismo e o clero no Brasil. *Revista do Instituto Histórico Geográfico*. Rio de Janeiro, s.e. 99(3):123-131, 1926.

*Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*. Artigos:

O cinquentenário da Encíclica *Rerum Novarum*. 1(1-2): 127-137, mar-jun. /1941

Primeiro Congresso Brasileiro de Direito Social. 1(3): 670-672, set. /1941

Encerramento das comemorações da *Rerum Novarum*. 2(2): 429-432, jun.1942.

O cricifixo nos estabelecimentos públicos". 4(4): 998, dez. /1944

Cristo Rei e a idade nova, laicismo e ação católica". 6(4): 814, dez. /1946

A oposição dos eleitores católicos em face das alianças com os comunistas. 8(1): 209, mar.1948

Discurso do Santo Padre na festa do dia do trabalho. 19(3): 705, set. /1959

SANCHÉS, Pierre. Padres e militares em torno do culto à pátria. Cadernos CERU. São Paulo-12(20-28).

PECCEI, Luiz. O movimento de rearmamento moral. Rio de Janeiro, s.e., 6(9-13). 1961.

SÁ, Paulo. A Encíclica e a superação da questão social. Rio de Janeiro, s.e., 9(14-19).

SIMONSEM, R. A imagem de Cristo. *Ensaio Social, Político e Económico*. São Paulo. FIESP. 1948.

TORRES, A. *Manual del Sindicalismo Católico. Tema y práctica*. Buenos Aires. Difusion. 1945. 95 pp

TRIMOVILLE, P. *Les syndicats chrétiens dans la métallurgie française de 1935 à 1939*. Paris. Les éditions ouvrières. 62 (1-2):27-48. 1965.

VALIER, Ivan. Elites religiosas na América Latina:catolicismo e mudança social. In: *América Latina*. Rio de Janeiro s.e., 12(10-15), 1965.

A Igreja Católica e os movimentos populares urbanos, debate. *Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, s.e., 5(7):198-240. 1980.

VASCONCELLOS TORRES. *Metalúrgico: calor e suor na luta pela sobrevivência*. Brasília. Senado Federal, 1978.

WELTY, Eberhardt. *Catecismo Social*. Barcelona, Herder, 1963. 60 pp.

### 3. Círculos Operários

BRENTANO, L. Sindicatos profissionais em Pelotas e Porto Alegre. In: *Primeira semana de ação social do Rio de Janeiro*.

relatórios apresentados e conclusões votadas. Rio de Janeiro, Tip. Jornal do Comércio, 1936, p.254-287.

C. claro e a ação social. Publicação da CNOC, vol.II 1942. Edição comemorativa da *Rerum Novarum*.

Os Círculos Operários à luz da experiência internacional. In: Revista Eclesiástica Brasileira, vol.2(9):54-70, 1942.

DUTRA, Pancrácio. Matérias do curso de base. Rio de Janeiro, Escola de Líderes Operários. Curso básico de preparação- matéria. B.H.

M.Alberto. *O circulismo segundo o pensamento de seu fundador*. maio 1966.

RAMÍREZ, Hugo. *A obra dos Círculos Operários e a situação social no Brasil*. of. Graf. Modelo, 1958. BN. 344.4,7 n7.

SCHNEIDER, José Odelson. O operariado brasileiro e os Círculos Operários. In: Síntese Política Econômica Social. Rio de Janeiro, Estado da Guanabara. Ano VIII- 25(7-9):49-67, 1963.

Fundador do movimento circulista no Brasil. 1964, p.11.

WIARDA, Howard J.. *The Brazilian catholic labor movement*. Amherst, Massachussetes, Labor Relations Research Center, 1969. (há uma tradução resumida no Ibrades 150 p.).

#### 4. Teses: Igreja no Brasil

ARAÚJO, José C. Souza. *Um estudo de mentalidade ideológica: a Igreja Católica no Brasil*. São Paulo, Tese de Mestrado. São Paulo, USP, 1984. mimeo.

CARVALHO, Sílvio de Almeida. *A ovelha perdida: o reverso das parábolas (A Igreja, o Estado e as camadas populares na cidade do Rio de Janeiro- 1921-1945)*. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, UFF, 1983. mimeo.

CAVALCANTI, Berenice. *O movimento católico leigo no Brasil; as relações entre a Igreja e o Estado. 1930-1937*. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, 1975.

CÉSAR, Lucy Risso Moreira. *Relacionamento Igreja-mundo no Brasil contemporâneo*. Tese de Mestrado. São Paulo, PUC, 1982.

DIEHL, A. Antonio. *Os círculos Operários; um projeto da Igreja Católica no Rio Grande do Sul*. Rio Grande do Sul, Tese de Mestrado, PUC, 1987, mimeo.

LOPES, José Sérgio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado.

Obs.: embora não seja um trabalho preocupado especificamente com a Igreja Católica consegue recuperá-la durante todo o período estudado.

LUSTADO, Oscar de Figueiredo. *A Igreja e a política no Brasil; o partido católico (1870-1889)*. São Paulo, Tese de Doutorado em História Social, USP, 1975.

MARTIN, Cipriano Calvarro. *Da atuação da Igreja nordestina sócio-econômica da região na década de 1950*. Pernambuco, Tese de Mestrado, UFPE, 1984.

MEDEIROS, Jarbas. *Idiologia autoritária no Brasil, 1930-1945*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1978.

PAES, Ana Rosa Pereira. *Igreja e socialismo: análise do discurso social contidos nos documentos oficiais da ação católica, Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado, 1984.

RAMALHO, J. Ricardo. *Estado, patrão e luta operária, conflito de classe na Fábrica Nacional de Motores*. São Paulo, Tese Doutorado, USP, 410 p., 1986

Obs.: também não é um trabalho específico sobre a Igreja Católica, mas recupera a presença política do Circuito Operário.

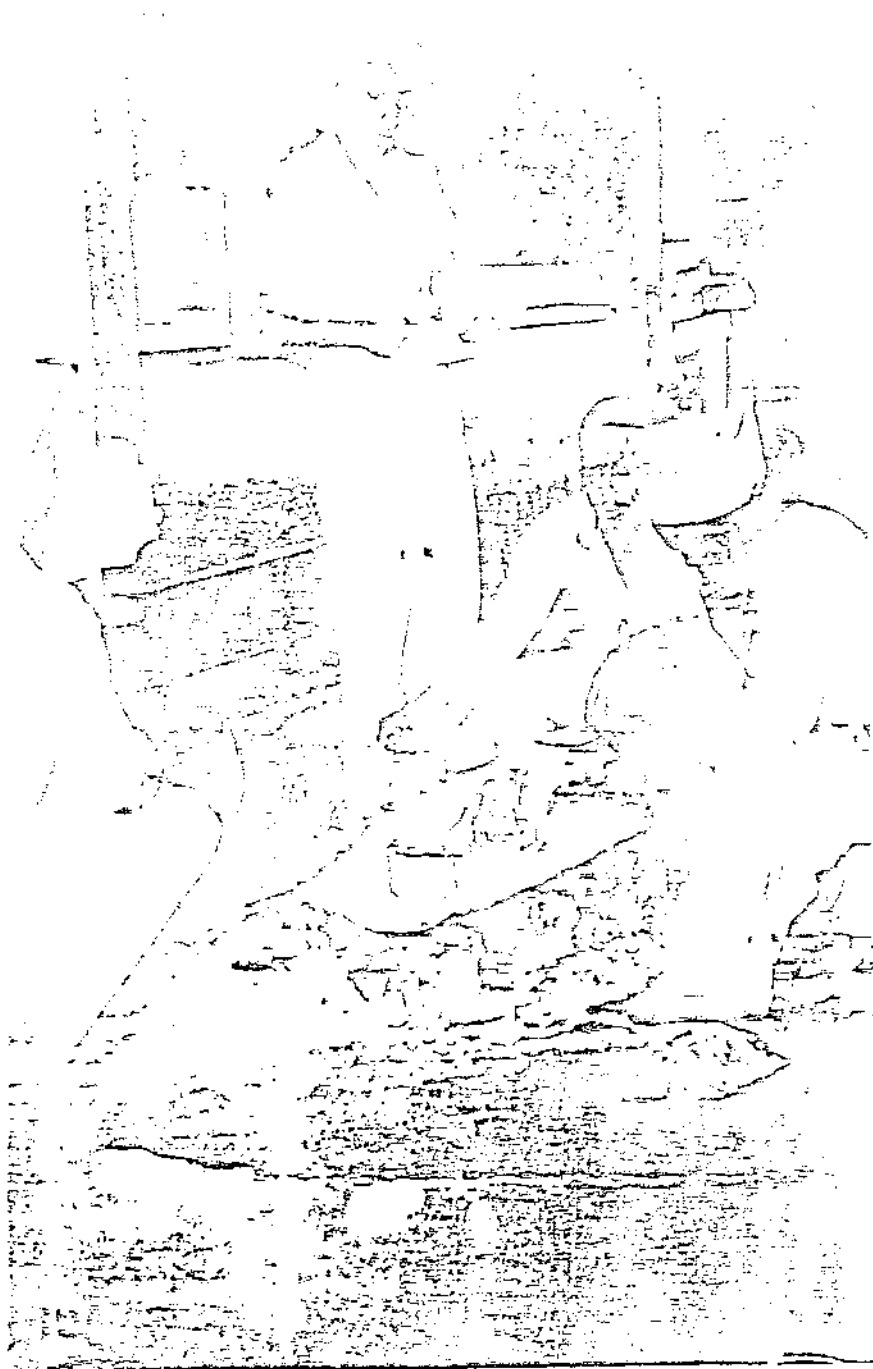
SILVA, Raul. *Influências políticas da Igreja na Assembléia Nacional Constituinte, 1933-1934*. Brasília, Tese Mestrado, UNE, 205 p., 1975

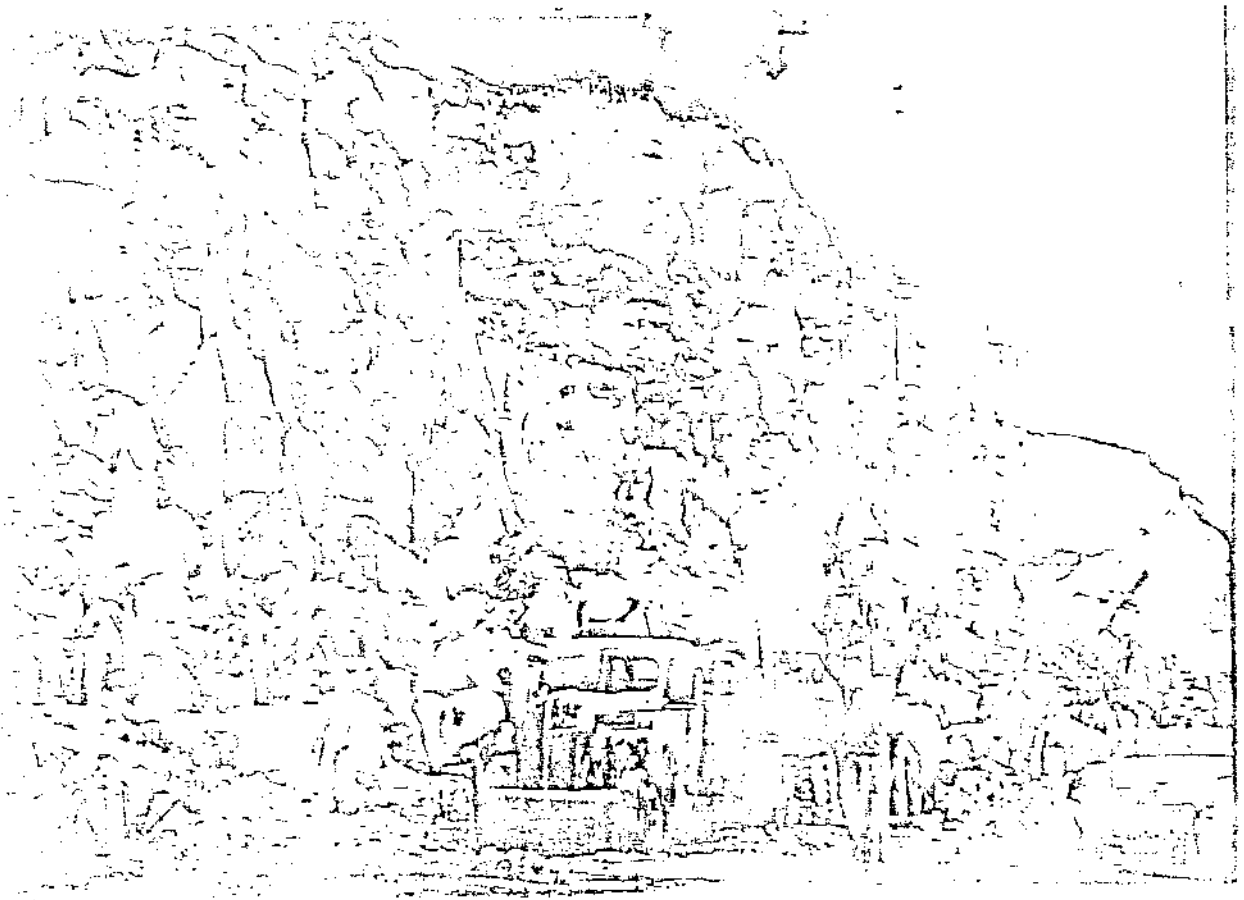
SILVA, Severino Vicente. *A Primeira Guerra Mundial na tribuna católica: o nascimento da neocrisandade*. Pernambuco, Tese de Mestrado, UFPE, 1985.

VALMIR, Francisco Muraro. *A JOC: uma utopia operária*. São Paulo, Tese de Mestrado em História Social, USP, 1984.

# ANEXOS

**CENAS OPERÁRIAS**  
**(1942)**



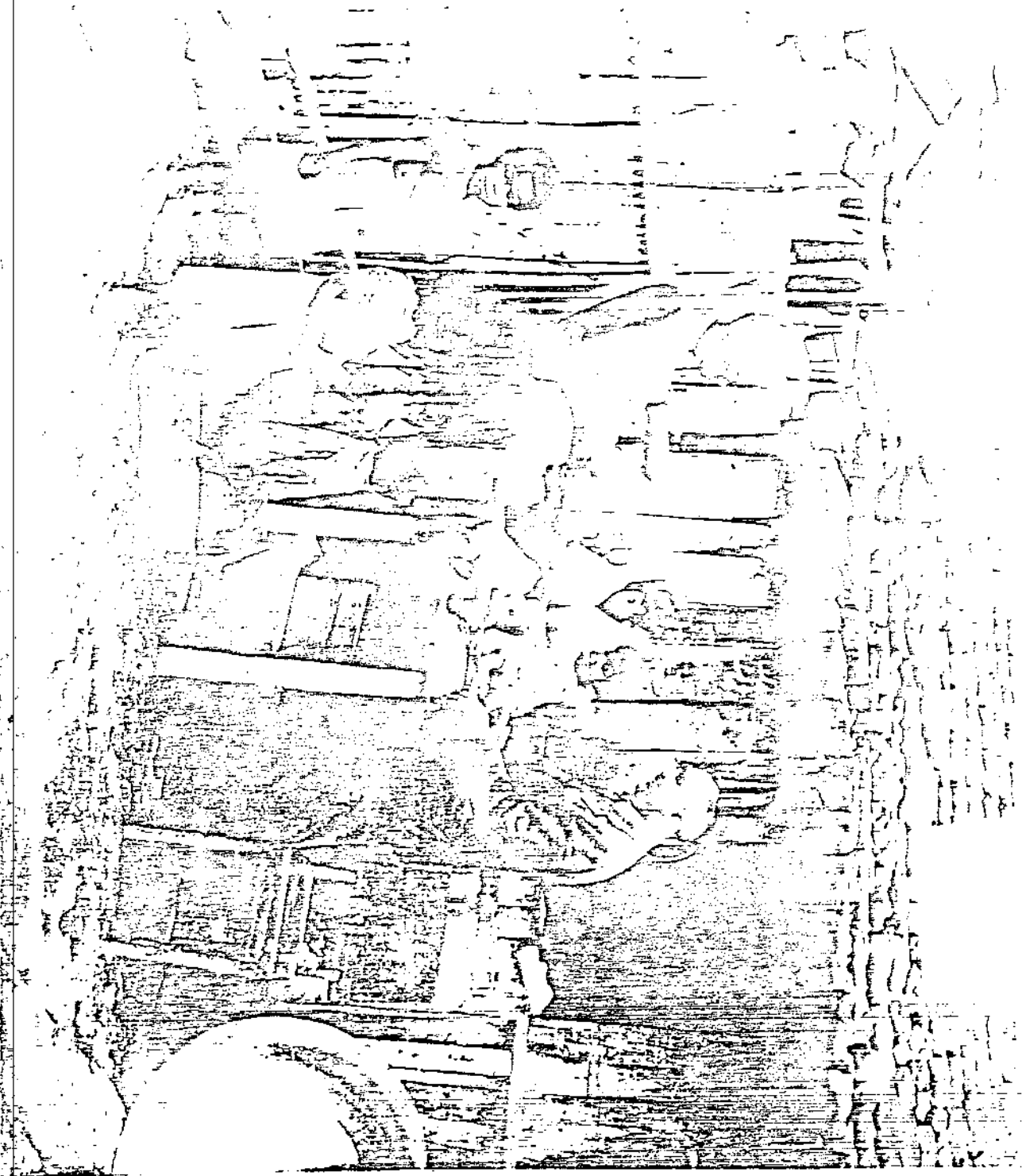


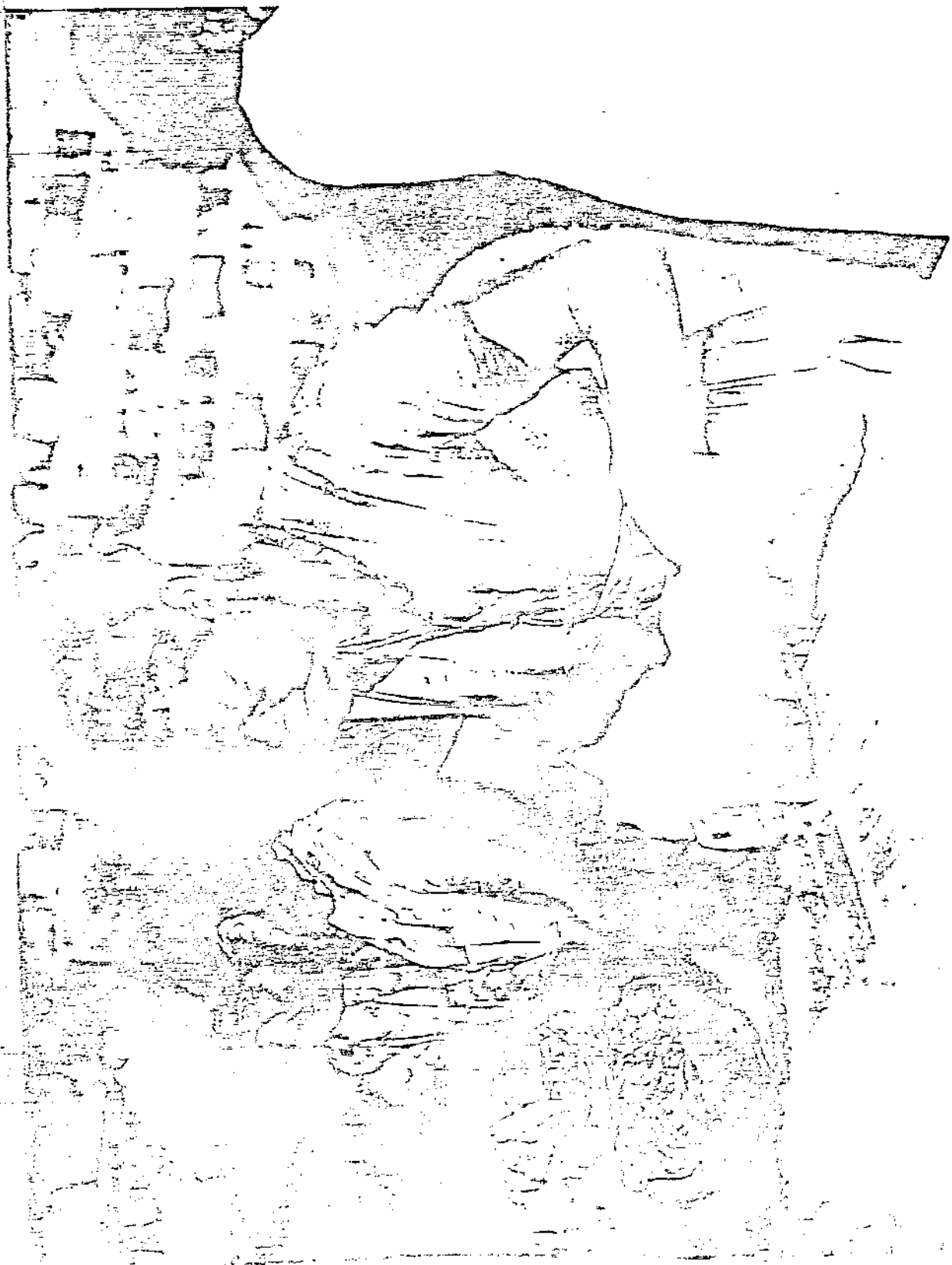




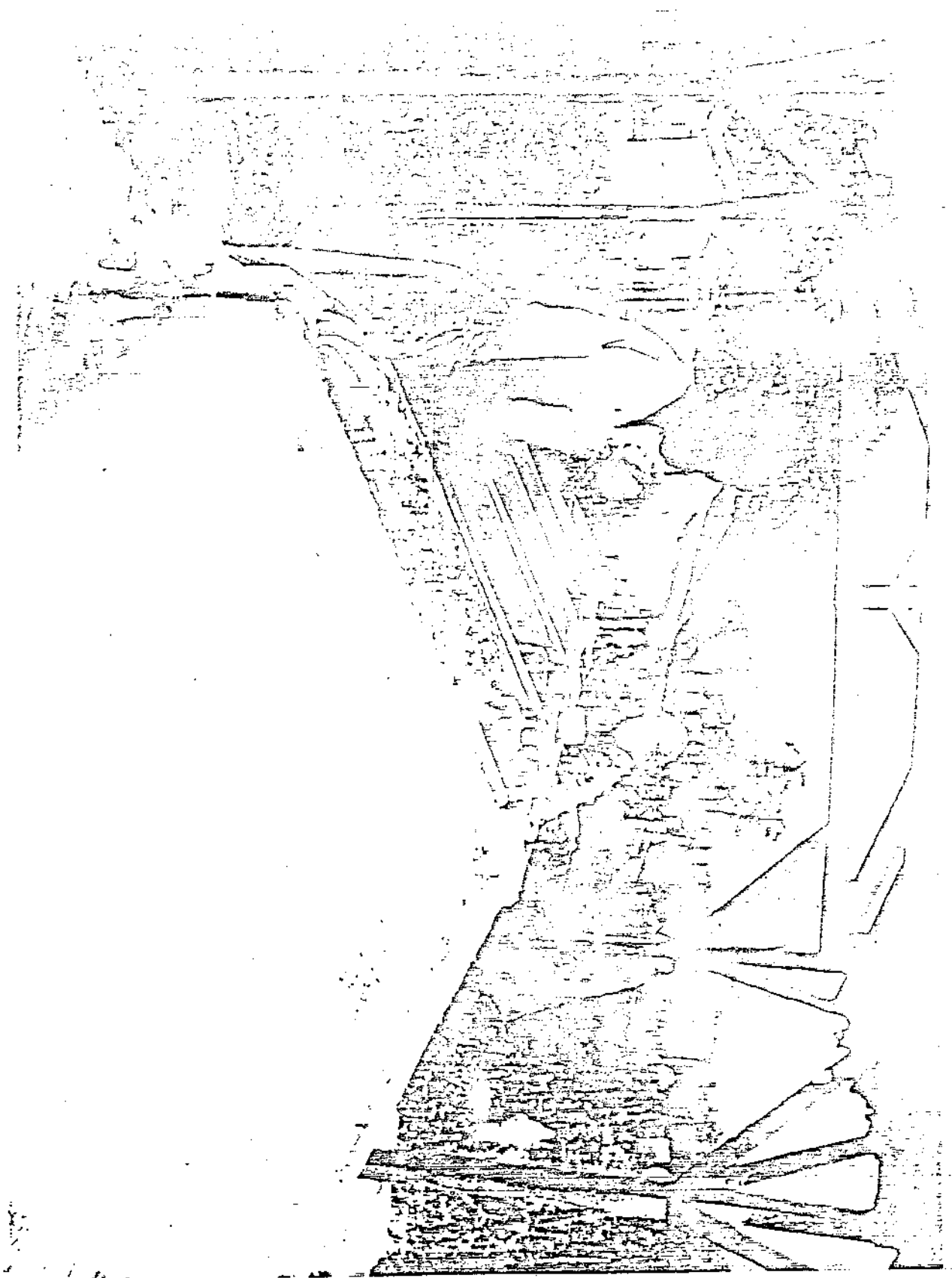
HABITAÇÃO - UM DRAMA PER-  
MANENTE (1957)

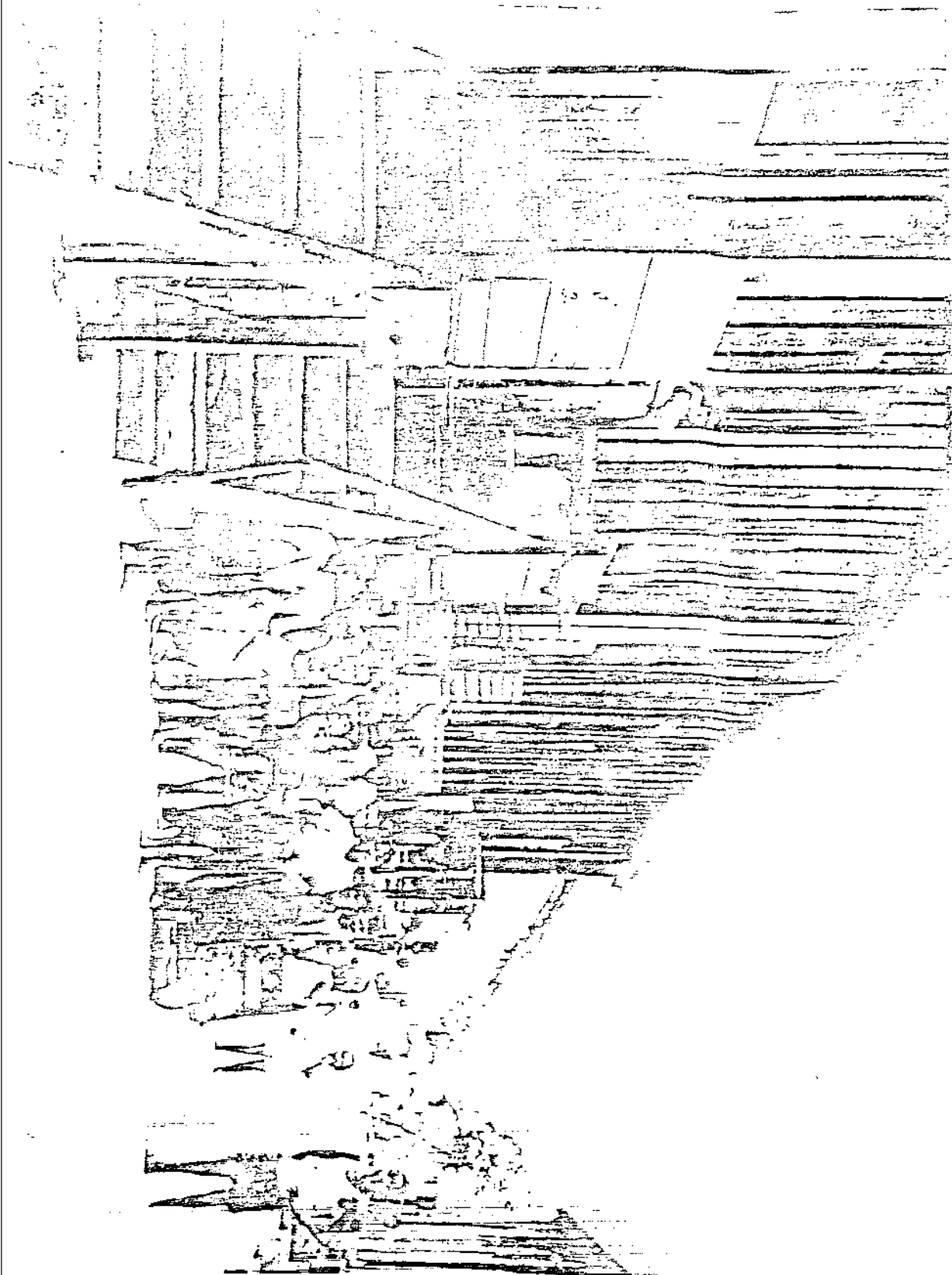














NOVO TRABALHADOR (1942)

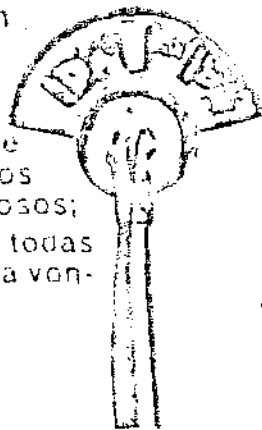
O que vos peço, e estou certo de que cumprireis, é pouco e é o bastante

**DISCIPLINA**, para que as tarefas sejam executadas sem perturbação;

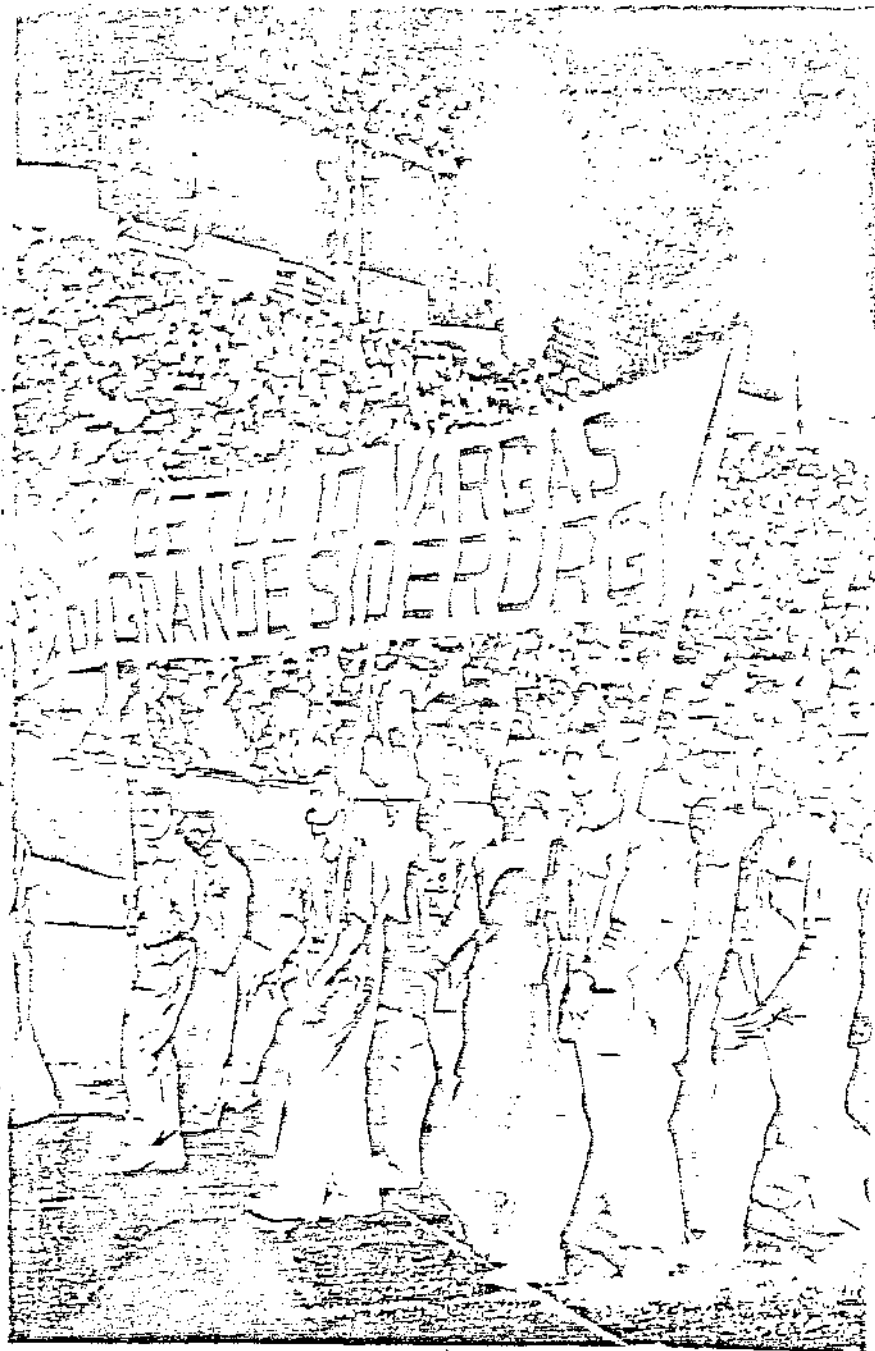
**APLICAÇÃO**, para que o rendimento do vosso trabalho seja o máximo, sobrando-vos tempo para as obrigações auxiliares da defesa passiva, dos serviços de enfermagem, de cooperação espontânea no cuidado de velhos, crianças, enfermos e feridos;

**DISCREÇÃO**, com o objetivo de evitar que se conheçam as vossas atividades e o Inimigo possa aproveitar-se desse conhecimento, pois para os serviços de informação de guerra todos os dados podem ser preciosos;

**UNIDADE**, para reafirmar em todas as circunstâncias a vontade, a decisão de vencer.







Defilé de operários em 1917



# ORGANOGRAMAS



GRUPO DE INVESTIGACIONES Y DESARROLLO

GRUPO DE INVESTIGACIONES Y DESARROLLO DE CC.OO.

GRUPO DE INVESTIGACIONES Y DESARROLLO DE PREPARACION DE PERSONAL

GRUPO DIRIGENTE DE CIRCULO OPERARIO

GRUPO DE INVESTIGACIONES Y DESARROLLO DE UNO SINDICAL

GRUPO DIRIGENTE DE NUCLEOS

GRUPO DE ASISTENCIA TECNICA Y REFORMATORA

GRUPO DE INVESTIGACIONES Y DESARROLLO DE UNO SINDICAL

GRUPO DE INVESTIGACIONES Y DESARROLLO DE UNO SINDICAL

GRUPO DE INVESTIGACIONES Y DESARROLLO DE UNO SINDICAL

GRUPO DE INVESTIGACIONES Y DESARROLLO DE UNO SINDICAL